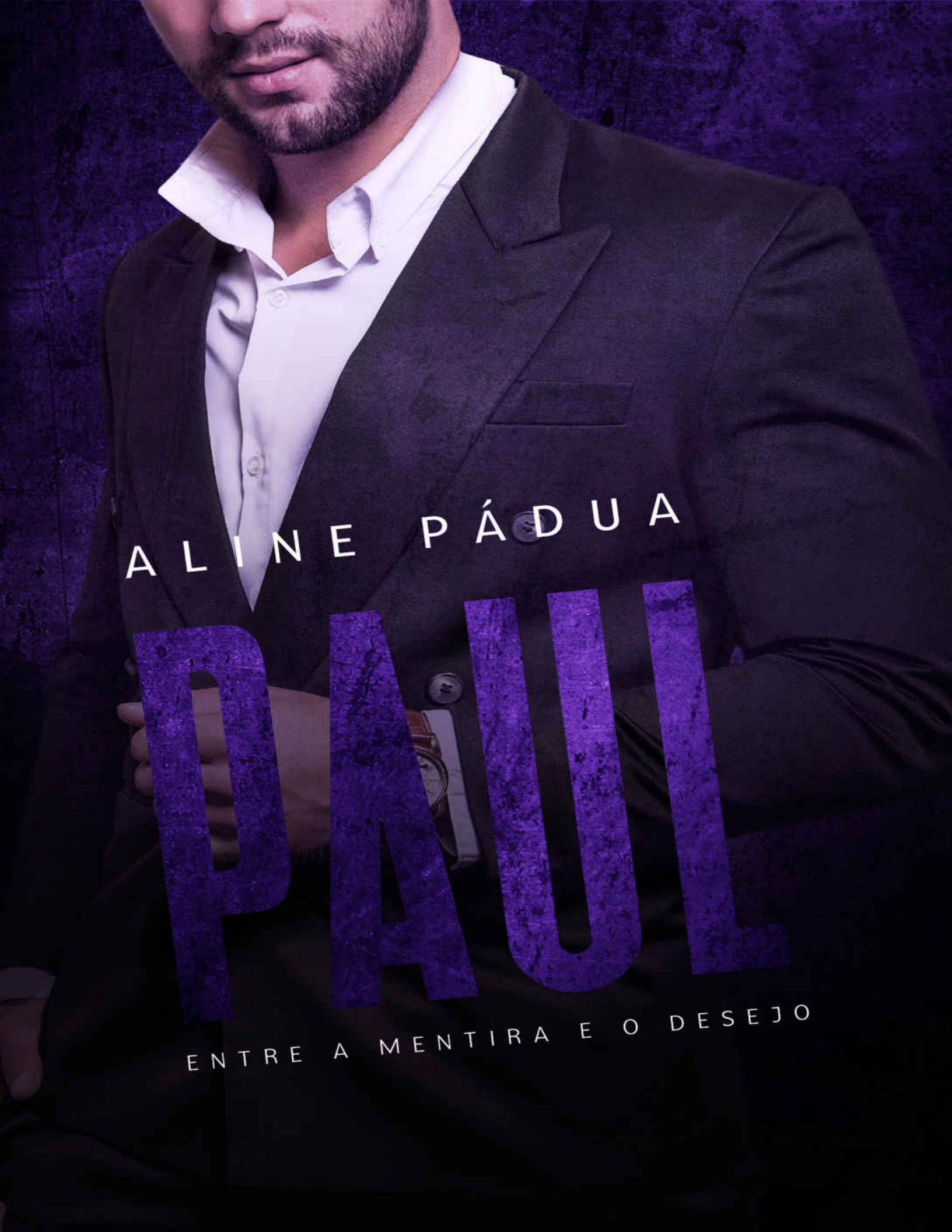




ALINE PÁDUA

PAUL

ENTRE A MENTIRA E O DESEJO



Paul
entre a mentira e o desejo
Aline Pádua

Copyright 2019 © Aline Pádua
1º edição – janeiro 2019

Todo o enredo é de total domínio da autora, sendo todos os direitos reservados. Proibida qualquer forma de reprodução total ou parcial da obra, sem autorização prévia e expressa da autora.

Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Ilustração: L.A Design

Sumário

[Sumário](#)

[Sinopse](#)

[Playlist](#)

[Prefácio](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Recadinho](#)

[Contatos da autora](#)

Sinopse

Paul Russel abriu mão de seus sonhos para manter sua família unida. Quando a felicidade de seu irmão se encontra em suas mãos, ele não pensa duas vezes no que acredita ser a escolha certa. Assim, ele e sua melhor amiga, Diana, decidem fingir um relacionamento. O plano era simples. Klaus, seu irmão, ficaria com a mulher amada, enquanto Diana e ele, atuavam para todos. Porém, no meio do caminho, sentimentos até então desconhecidos para ele surgem. Paul não sabe como chegou a tal situação, porém, entende que se apaixonar está fora de cogitação. Ou não?

Entre a mentira e o desejo, qual será sua escolha?

Playlist

Apaga a Luz – Glória Groove
Coisa Boa – Glória Groove
Deixe-me ir – 1Kilo
Delicate – Taylor Swift
Dona de Mim – Iza
End Game – Taylor Swift
Girls Like You – Maroon 5 feat. Cardi B.
Gorgeous – Taylor Swift
IDGF – Dua Lipa
Love On The Brain – Rihanna
Malibu – Miley Cyrus
Never Be The Same – Camila Cabello
Nothing Breaks Like a Heart – Mark Ronson feat. Miley Cyrus
Send My Love – Adele
Take Me To Church – Hozier
Thank u, Next – Ariana Grande
Vai Malandra – Anitta
Veneno – Anitta
Wish You Were Here – Avril Lavigne

Prefácio

“Cause I got issues, but you got 'em too
So give 'em all to me and I'll give mine to you
Bask in the glory, of all our problems
'Cause we got the kind of love it takes to solve 'em
Yeah, I got issues
And one of them is how bad I need you.”

Issues, Julia Michaels



Prólogo

“Quem me dera ao menos uma vez
Explicar o que ninguém consegue entender
Que o que aconteceu ainda está por vir
E o futuro não é mais como era antigamente.”^[1]

— Ele a ama. — Diana enfatizou, andando a passos lentos até o sofá, sentando-se, jogando a bolsa no chão. — Odeio, com todas as forças, essa *merda* de contrato.

— Sinto o mesmo, Dia.

Levantei-me da cadeira e arregacei as mangas, pegando o copo de uísque sobre a mesa.

— E o meu plano? — perguntei, e Dia bufou, encarando o teto.

— É o pior plano, Paul. — rebateu, e finalmente me encarou, cruzando as pernas. — Quem vai ser louco o suficiente para acreditar que estamos juntos em algo romântico? — revirou os olhos, fazendo-me rir. — Não temos química alguma, e pior, não somos bons atores. Ao menos, eu não. — alfinetou e andei até ela.

Sentei-me ao seu lado, e puxei suas pernas para meu colo. Diana se escorou com o braço no estofado e me encarou com carinho. Sabia bem, nunca passaríamos de tal estágio. Éramos amigos e ponto. Nenhuma linha clara, para ambos, seria ultrapassada.

— Precisamos convencer meu pai e Klaus, ninguém mais. — comentei e ela me encarou tediosa. — É isso ou me caso com Lia.

Diana fez uma careta, claramente odiando a ideia. De forma alguma, estava empolgado para tal coisa.

— Eu amo Klaus, como um irmão. Assim como você, Paul. Mas por que me dão tanto trabalho, sendo que temos basicamente a mesma idade? — reclamou, fazendo-me gargalhar.

Diana era uma das poucas pessoas no mundo que conseguiam tal feito. Fazer-me rir verdadeiramente. Ela tinha razão, ao meu acusar de bom ator. Eu era, na maior parte do tempo, uma simples projeção de mim mesmo. Nada mais. Acostumei-me a sorrir e acenar desde muito novo. Desde o momento em que perdi minha mãe e todas as esperanças a respeito de ser feliz plenamente.

— Você se preocupa demais. — acusei-a e ela encolheu os ombros. — Em que momento do dia para simplesmente para pensar sobre você?

— Eu tenho uma equipe de marketing inteira para comandar, um pai disposto a namorar a primeira mulher que aparecer, dois irmãos postiços fechados, um tio postiço que necessita seguir na vida, e ainda acha que tenho tempo para me preocupar com meus problemas? — refutou, e deu um sorriso cansado. — Sabe melhor do que ninguém, Paul.

— Como assim?

— Que as vezes, os problemas dos outros são muito mais fáceis de resolver do que os próprios. — pegou o copo de uísque de minha mão e levou a boca, tomando um gole. — Odeio admitir que fujo de meus problemas, mas é real.

— Assim como aquele cara problema na boate em que fomos há alguns dias? — tentei melhorar seu humor e ela revirou os olhos. — Ele parecia apaixonado.

— Ele é apenas um pé no saco. — devolveu-me o copo. — Não está acostumado a ter um “não” como resposta e agora acha que insistindo vai me levar para cama.

— Temos uma regra clara, não é? — debochei e ela bateu em meu peito.

— Você tem essa regra ridícula. Eu transo com quem quiser pelo tempo que quiser. Se a pessoa for boa de cama, por que dispensar rapidamente? — jogou a pergunta no ar e deu de ombros.

— Porque ela pode se apaixonar e complicar as coisas. — expliquei, pela milésima vez o óbvio.

— Não sou tão presunçosa como você. — piscou um olho, fazendo-me sorrir. — Não acredito que seja capaz de fazer um homem se apaixonar, ou mesmo, uma mulher. — deu de ombros. — Sou uma pessoa prática, e

isso, pode muitas vezes afastar as pessoas.

— Não te acho prática. — apresentei-lhe meu ponto de vista. Seus olhos castanhos me encararam atentos. — Você é decidida.

— Isso assusta as pessoas. — comentou, e mesmo não querendo, tive que concordar. — Mas então, sobre Klaus e Lia... — suspirou profundamente. Tomei um gole da bebida, sabendo que aquela conversa seria uma *merda*. — Se formos entrar nessa, teremos que fazer coisas que geralmente não são um padrão.

— Tipo transar? — provoquei e ela fez uma cara de horror, dando-me tapas no braço.

Não saberia dizer o que sua reação me causava, mas apenas consegui rir naquele momento.

— Beijar, seu imbecil. — fechou os olhos por alguns instantes. — Deus, isso é tão estranho!

— O que, mulher?

— Imaginei por um segundo como seria te beijar, e foi torturante. — provocou e gargalhei. — Sério, Paul! Como vamos convencer assim? — perguntou, e notei seu olhar preocupado. — Klaus basicamente admitiu que ama Lia.

— Vamos fingir esse relacionamento. — comentei, dando de ombros. — Damos alguns selinhos a frente dos que importam e seremos discretos sobre nossas vidas particulares.

Diana arregalou os olhos e bufou.

— Não serei chamada de corna por aí. — colocou um dedo sobre meu peito. — Pode aproveitar os dias que lhe restam, porque o celibato vai começar.

— Mas Dia...

— Nem pensar! — rebateu, e tirou as pernas de meu colo. — Já pensou se uma de nossas fudas dão com a língua nos dentes e todos descobrem? Seria um caos! Klaus pode parecer imerso em si mesmo, mas sabe muito bem o que acontece ao redor.

— Merda! — soltei, e Diana se levantou, começando a andar de um lado para o outro.

— Temos alguns dias até realmente fazermos algo. — comentou. — Vamos aproveitar esse tempo e depois... Vamos sofrer um pouquinho por um bem maior. Trato?

Sorri de sua expressão e sequer ponderei os prós e contras. Não

impediria a felicidade de meu irmão, nunca carregaria tal culpa. Estendi-lhe a mão e Diana apertou, num gesto clássico de nossa infância.

— Feito! — respondi e ela sorriu.

— Ótimo! — sentou-se novamente ao meu lado, e escorou a cabeça em meu ombro. — Isso vai ser uma mentira e tanto. — reconheceu e sorri, sentindo seus carinhos em meu braço.

— Sim, pequena. — passei as mãos sobre seus cachos, massageando-os. — Será o nosso grande espetáculo.

Bebi mais um gole do uísque e fechei os olhos, aproveitando aquele momento. Dali por diante, as coisas seriam uma grande bola de neve.

Meses depois...

Diana

— Eu odeio isso. — reclamei alto, enquanto Lia sorria, bebendo seu café. — É sério! Não sei como conseguem beber essa porcaria escura.

— Isso se chama café! — refutou e tomou mais um pouco do seu. — Nem pode dizer nada sobre porcaria escura, já que ama coca-cola.

Levei a mão a meu peito e fingi estar aborrecida. O sorriso no rosto de Lia permanecia e depois de um bom tempo, parecíamos como amigas. Ao menos, em meio a todas as pessoas ao nosso redor, ter me arriscado e conversado com ela, rendera algo bom. Meu melhor amigo e seu futuro marido, Klaus, era o motivo daquilo. Aproximei-me de Lia para tentar trazê-la para perto, para que se sentisse mais confortável com aquela situação. Ela estava sendo obrigada a casar com um home devido a um contrato. Existia algo mais arcaico?

— Ok, fez seu ponto! — tomei um pouco de minha coca-cola. — Mas me diga, como vão as coisas com Klaus?

Pelo que ele me contara, eles tinham dormido juntos e passado dias ótimos juntos. Entretanto, a visão dele poderia ser completamente diferente da dela. Lia era como ele, uma caixinha de surpresas, portanto, gostaria de saber se Klaus não andava fantasiando demais em relação a proximidade deles.

— Estão bem. — falou, com um sorriso de lado. — Você tinha

razão quando disse que Klaus era como eu. — sorri presunçosa, pois como sempre, estava certa. Por que era tão fácil analisar as pessoas e não fazer o mesmo comigo?

— Então, estão realmente se vendo? Digo, mais do que amigos? — ela se encostou contra a cadeira e deu de ombros.

— Ele é um cara incrível e isso tem me assustado, mas ao mesmo tempo, não consigo ficar longe.

— Certo. — não conseguia esconder o sorriso aberto em meu rosto. — Quando sua amiga chega? — perguntei.

— Pat chega amanhã. — assenti. — Faz muito tempo que ela não vem a cidade.

— Lembro dela, e sei quem é pelas redes sociais. A acho linda, para ser sincera. — pisquei e Lia sorriu.

— Como uma barbie, não é?

— Como sabe? — perguntei, sem entender.

— Patrice sempre amou rosa, e a carinha de fofa dela nos leva a considerar tal semelhança. Mas não se engane, ela é completamente louca.

Gargalhei de seu aviso e assenti.

— Não somos de amizades, e tenho certeza, que se gosta dela, também vou gostar. — fui sincera

— Apenas tenha paciência ou não se surpreenda muito com a loucura de Pat.

— Sem problemas. — pisquei e voltei para minha lata de coca.

Horas mais tarde virei a chave do apartamento de Paul. Assim que a porta se abriu, bufei ao encontrar uma calcinha jogada sobre o sofá. Olhei para a bagunça de roupas e fiz uma cara de nojo. Realmente, não tinha paciência para tal coisa. Mais uma vez, teria a mesma discussão com Paul. Aquela nossa encenação toda não teria futuro se ele continuasse transando com todas as mulheres ao redor.

Assim, fui até a geladeira e bebi um pouco de água. Encostei-me contra a bancada e esperei a cena de sempre. Fiquei de costas para não ter que ser alvo de mais uma mulher com raiva de Paul, ou até mesmo, inconformada com as palavras dele. Tínhamos a mesma natureza, ou seja, tal coisa não me surpreendia.

— Parece entediada.

Virei-me diante da voz dele e o encarei com desdém. Bebi mais um pouco de água e encarei o nada.

— Não me diga que temos mais uma vítima sua aí? — revirei os olhos. — Precisamos conversar, Paul.

— Eu sei que prometi que não ia mais... — levantei a mão no mesmo instante e deixei o copo de lado.

— Sabe muito bem que promessas para mim são importantes. Se não é real não prometa! — falei séria, e o vi engolir em seco.

Paul tinha uma toalha enrolada na cintura, porém, não era sua nudez que me incomodava. Era o fato de não ter como confiar realmente nele.

— Não quero mais brigar, Paul. — segurei-me contra a bancada. — Mas temos que fazer isso até Klaus e Lia se acertarem... Realmente se acertarem! — dei ênfase e ele assentiu.

— Você sabe o que o sexo realmente significa para mim. — assenti sem vontade, pois o conhecia bem. — Sei que prometi que não transaria com mais ninguém essas semanas, mas...

— Mas como sempre, não cumpriu sua palavra. — rebati, e ele ficou em silêncio. — Não sou uma mulher apaixonada por você, Paul. — ele desviou o olhar e se sentiu claramente incomodado, o que não fazia sentido. — Mas, tenho certeza, que quando encontrar essa mulher, ela não vai perdôá-lo como o faço. Sua palavra tem que valer mais do que isso! As pessoas têm limites, lembre-se disso.

Saí de trás do balcão e me sentei numa das banquetas. Logo uma mulher surgiu do corredor em direção a cozinha e seu sorriso morreu quando me viu. Olhei para o outro lado, ao mesmo tempo que agradei por não ser nenhuma conhecida nossa.

— Tudo bem, querido?

Prendi a risada no mesmo instante. Paul odiava que pessoas não próximas o chamasse de tal forma, e infelizmente, a mulher não sabia.

— Oi, Cat!

— É Camile! — ela o corrigiu rapidamente e fechei os olhos, tentando não rir da situação. A realidade, é que me doía ver a forma como Paul usava aquelas mulheres apenas para o prazer. Pois muitas delas, viam nele, muito mais.

— Desculpe. — falou rapidamente. — Eu sinto muito, mas...

— O que? — virei-me para ver a mulher se aproximar de seu peito e apontar o dedo. — Vai me expulsar do seu apartamento?

Paul passou as mãos pelos cabelos, claramente nervoso e sem graça. Assisti a cena se desenrolar e já até imaginava o fim. A mulher vestia apenas uma camisa dele, e parecia estar mais a vontade no apartamento do que ele mesmo.

— Eu sinto muito por te pedir pra sair, mas é que tenho um assunto para resolver. — ele me encarou rapidamente, e voltou-se para ela. — Não quero que se sinta mal, mas...

A mulher recuou alguns passos e me encarou, claramente com ódio. Arqueei a sobrancelha, sem entender onde ela chegaria. O que eu poderia fazer se era amiga daquele cafajeste? E pior a namorada de mentira dele?

— A sua namoradinha? — encarou-me com desdém e esperei por suas palavras.

— Como sabe que tenho uma namorada? — a voz de Paul soou preocupada apenas bufei alto.

— Redes sociais, baby. — respondi rapidamente.

— Era claro que o mais velho dos Russel podia até assumir um relacionamento, mas nunca seria fiel.

Ela me encarou com um falso sorriso e tentei entender onde ela poderia querer chegar. Talvez em sua mente, as ações de Paul me machucavam. Porém, não era aquele o motivo. Magoava-me o fato de ele ter prometido ir a diante com o namoro falso por conta de Klaus, e que manteria o pau nas calças para que não saíssem suspeitando que era mentira. Até porque, a nossa mentira permitiu a mudança de um contrato de milhões de dólares. Magoava-me sua falta de honestidade com nossa amizade.

— Pode, por favor, vestir suas roupas e sair?

A voz de Paul soou como um trovão, mesmo que sua falsa calma pudesse ser sentida.

— Eu ainda acho que...

— Ah, cale a boca! — falei, exausta daquele momento. — Dormiu com ele, já entendi! O que mais quer? Que ele diga que vai me deixar pra ficar com você? — ri sem vontade e notei seus olhos modificarem. — Estou sentada, quieta, esperando que se resolvam, para poder conversar com esse imbecil... — apontei para Paul que parecia inerte diante de minha fala. — Será que pode ter um pouco de amor próprio e sair?

Ela me encarou com raiva, porém, pareceu acordar para a vida. Em menos de cinco minutos a vi colocar as roupas espalhadas e sair do

apartamento, sem dizer nada.

Voltei meu olhar para Paul, que permaneceu parado no mesmo lugar, me encarando com um claro pedido de desculpas.

— Estou cansada disso! — falei de uma vez, e fui até ele. — Será que pode agir como a porra de um adulto e parar de usar sexo como escape para seus medos? — seus olhos azuis me encararam perdidos e bati em seu peito de leve, tentando puxá-lo para realidade. — Transar com várias mulheres não vai fazer com que Ruby volte!

Paul deu um passo para trás no mesmo instante e passou as mãos por seus cabelos. Era a única pessoa que sabia daquele episódio em sua vida, nem mesmo com Klaus, seu irmão, ele tinha dividido.

— Quero ficar sozinho.

Como sempre, ele fugia.

O olhei por mais alguns segundos e me arrependeria de toda aquela mentira se não fosse o fato de Klaus e Lia serem claramente loucos um pelo outro. Paul e eu, nosso falso namoro, fora a forma fácil de juntá-los. O problema, é que estava perdendo um de meus melhores amigos no meio daquilo. Paul e eu, que apenas sorríamos juntos há alguns meses, no agora, a cada duas conversas, uma se tornava discussão. Aquilo ia longe demais.

— Um dia, espero que encontre alguém que cure esse vazio. — dei um passo para perto e toquei seu braço. Felizmente, ele aceitou meu toque. — Mas enquanto isso não acontece, vamos apenas fingir isso e deixar Klaus ser feliz.

Seu olhar encontrou o meu, e me puxou para um abraço forte. Logo senti um beijo em minha testa e sorri. Ele era um imbecil, mas o amava, por completo. Era uma parte de mim, e torcia, todos os dias, para que encontrasse a pessoa capaz de tirá-lo de sua escuridão.

— Pizza? — perguntou e bati em seu ombro.

Aquele era, um claro pedido de desculpas com comida boa e bebida cara. Mesmo magoada, assenti. Paul era humano, assim como eu. Amigos perdoavam, e era aquilo que fazia naquele momento.



Capítulo 1

“Got me like, ah, ah, ah, oh
I’m tired of being played like a violin
What do I gotta do to get in your motherfuckin’ heart?”^[2]

Andei pelas pessoas e finalmente encontrei um bom lugar para me sentar e tomar uma bebida. Olhei rapidamente em meu celular e notei algumas mensagens de Diana, a respeito das promessas que fizemos. Ela estava certa em me cobrar, e ainda mais, por estar desapontada. Prometi que me manteria longe das mulheres enquanto protagonizamos um relacionamento falso, porém, parecia nunca o suficiente. Sempre quebrando minha palavra.

Respirei fundo, e pedi uma dose do melhor uísque. Respondi Diana rapidamente e tentei colocar em mente o que deveria me parar: sexo não era solução de nada. Assim que o copo parou a minha frente, bebi um pouco. Pensei a respeito do passado, e mais, no que fazia no presente. Meu irmão parecia decidido em quebrar tal contrato, que obrigava ele e Lia Harper a se casarem. Aquele velho contrato me prendeu a ela por muito tempo, ao menos, era algo posto em nossas mentes. Mas quando percebi que realmente teria que me casar com ela, lembrei-me de como Klaus já se sentiu a respeito dela, e mais, o como ele era metódico em tudo em sua vida. Por isso, fingir um relacionamento com Diana, levou-o diretamente para os braços de Lia, e parecia fazê-lo acordar para o quanto perdeu por ter reprimido seus sentimentos.

Um contrato não era nada perto de sua felicidade. Muito menos perto da felicidade de sua amada. Ri amargurado de meu pensamento. Era como se pudesse ouvir Ruby se declarando. *Por que as pessoas têm a*

mania de fazer escolhas erradas?

— As outras pessoas eu não sei, mas com toda certeza, sou uma das quais vive em problemas. Será que por escolhas erradas?

Virei meu rosto para o lado e uma mulher de cabelos loiro escuros me encarou. Ela sorria abertamente e parecia entretida com sua bebida, olhando-me de canto de olho. Só poderia ter deixado aquele pensamento fugir e falado em voz alta. Analisei-a rapidamente e tive a impressão que conhecia aqueles traços de algum lugar.

— Não sei. — resolvi responder sua pergunta e bebi o resto de meu uísque. — Dois dedos do mesmo! — pedi ao barman.

— Dia de afogar as mágoas? — a loira perguntou, e a encarei novamente, sem muita vontade.

Ela tinha um sorriso gigante no rosto, que não fazia ideia de onde vinha ou porque o mantinha. Sorrir demais lembrava a mim mesmo e o quanto fingia bem aquilo. Não queria alguém como eu por perto. Não naquela ocasião.

— Dia de ficar sozinho. — minha voz soou curta e grossa.

Ela pareceu não se importar, dando de ombros, e se virando para frente, tomando a bebida cor de rosa. Balancei a cabeça e foquei em meu uísque. Uma música eletrônica bombardeava o local, e apenas me lembrei do quanto noites como aquela apenas me levavam para mulheres diferentes. Nenhuma delas fora capaz de me fazer sentir inteiro, o que parecia um castigo pelas más escolhas.

— Sim!

Ouvi o grito da mulher ao lado e notei que a música mudara. Ela deixou a bebida ali, e mandou um beijo para o barman, que parecia encantado pela mesma. A vi correr para a pista de dança, enquanto a música em uma língua que poucas vezes arrisquei falar, o *português*, preenchia o lugar. Era uma batida diferente e sorri, diante da forma que a loira pareceu não se importar com ninguém e começou a rebolar.

Voltei minha atenção para o bar, e tentei esquecer a maluca que antes se sentava ao meu lado. Senti uma mão tocar meu ombro e me virei. Diana me encarou com um sorriso contido, mas o semblante sério.

— Se divertindo? — neguei com a cabeça. — O que veio fazer?

Levantei o copo de uísque e lhe mostrei, dando espaço para se sentar no banco ao meu lado.

— Só isso? — insistiu e assenti. Não tinha sequer passado da

segunda dose de uísque, porém, ela não precisava saber sobre. — Vamos lá!

— O que? — perguntei sem entender, e Dia apenas pegou minha mão, puxando-me.

Sem me dar tempo para raciocinar, logo chegamos a pista de dança e ela me abraçou, dançando ao mesmo tempo, no ritmo eletrizante da música. Sorri de seu objetivo, claramente, fora por acaso que nos encontramos, mas ela queria me animar. Diana me conhecia bem o suficiente para saber que não ficaria por muito tempo no bar. Do jeito que podia, ela me ajudava a espairar de outras maneiras.

— Eu adoro essa música.

O grito em inglês fora mais alto que a música e tanto eu quanto Diana nos viramos. A mesma loira de minutos atrás dançava animada, e logo senti o corpo de Dia se afastando do meu. Ela parecia conhecer a maluca.

Permaneci parado, vendo-a abraçar a mulher. Não saberia dizer quem era, mas pelo fato de Diana a conhecer e ter me familiarizado com ela não era por acaso. Diana então trouxe a loira para mais perto e a parou na minha frente.

— Essa é Patrícia Oliveira. — falou perto de meu ouvido, praticamente gritando.

— Mas podem me chamar de Pat ou Patrice. — a loira gritou e assenti, enquanto estendia minha mão para ela. — Facilita a vida. — concluiu, e piscou, apertando minha mão com a sua.

— Ela é a melhor amiga de Lia, lembra dela? — Diana perguntou, enquanto nos puxava para um lugar um pouco afastado do meio das pessoas que dançavam.

A alguns passos, a música parecia um pouco menos ensurdecedora, e finalmente resolvi falar.

— Sou Paul Russel.

— Sei disso. — Patrice respondeu, e assenti para ela. — Quando falei com você no bar, já sabia que era meu futuro cunhado.

Sorri de sua fala e notei que Diana assistia a tudo muito animada.

— Então, lembra dela? — insistiu na pergunta de minutos atrás.

— Quando a vi no bar, imaginei que já a conhecia. — constatei. — Só não sou bom de memória.

— Faz muitos anos. — Patrice complementou e assenti. — Ah meu Deus! — gritou ainda mais animada. — Preciso voltar para a pista de

dança!

Diana e eu trocamos um olhar, sem entender ao certo o porquê de ela estar tão animada.

— É “Vai malandra”! — levou as mãos aos cabelos e os jogou para trás, enquanto eu tentava entender ao certo o que as palavras em português diziam. — Bom, é um sucesso de uma cantora pop funk do Brasil. — explicou rapidamente. — Se me dão licença.

Ela praticamente correu de nós, e logo a vi se misturar aos demais, perdida na música. Parecia leve e descomplicada. Notei a forma como o corpo balançava diante da batida de forma perfeita. Os movimentos que ela fazia com cada pequena parte acabaram me deixando hipnotizado.

Senti uma mão batendo em minha boca, como se para fechá-la, e finalmente voltei a realidade. Os olhos castanhos de Diana me encararam divertidos.

— Quer um lenço ou quem sabe um balde? — debochou e tive que sorrir.

— Só estou surpreso pela forma como ela parece ser... — *linda e sexy*. — Leve. — complementei, tentando deixar os pensamentos de lado. Não poderia ir para cama com aquela mulher, ainda mais por ela ser próxima de nós ao extremo. Seria um erro.

— Bom, olhando daqui, ela me parece gostosa... Mas leve também. — Diana sorriu ácida, sabendo que a tal Patrice mexeu com meu corpo. — Mas sabe que ela está fora dos limites, não é?

— Sei. — respondi, e a palavra soou muito mais lamentável do que queria.

— Isso vai acabar em breve. — Dia piscou para mim, e mexeu em minha camisa. — Enquanto isso, nada te impede de dançar comigo a noite inteira.

— Isso é um convite? — perguntei, tentando desfocar da mulher na pista de dança, que parecia prender os olhares de qualquer pessoa ao redor.

— Uma intimação.

Diana me puxou com ela para a pista e assim, fez com que meus pensamentos voassem para longe dos problemas. Entretanto, a cada momento que reparava ao redor, encontrava o olhar verde da loira que parecia querer fugir do meu. Entretanto, em algum momento, poderia dizer que estava tão interessada quanto eu em “mais”. Um “mais” que teria que esperar, infelizmente. E que em minha mente, parecia completamente fora

de alcance. Já que possivelmente, Klaus e Lia ficariam juntos, o que faria a tal Patrice ser presente na vida de meu irmão. Não poderia magoar alguém próximo. Não mais.

Patrice

Abri a porta do apartamento e logo a tranquei. Tirei os sapatos de salto e joguei em qualquer lugar. Sentei-me com tudo no sofá e fiquei por alguns segundos encarando o teto. Não queria pensar muito a respeito, mas, pareceu-me impossível. O meu sonho de consumo se encontrou a poucos passos, e não pude fazer absolutamente nada. Nada.

— Merda! — reclamei, levando as mãos à cabeça.

Odiei o fato de olhar para Paul Russel, depois de tantos anos, e ainda sentir as pernas bambas. Odiei o fato de que ele parecia tão interessado em mim, mesmo com a namorada nos braços. Odiei ainda mais saber que ele não valia nada, e que pelo jeito, nunca seria o cara certo.

O problema em si era não querer o cara certo, e sim, uma noite completamente errada. Mordi a língua, tentando desviar meus pensamentos. Depois de tantos anos, era uma das poucas vezes que voltava de uma noite na balada sem alguém. O fato de que meu corpo apenas reagiu a Paul era uma das variáveis responsáveis, porém, a presença de Troian sob o mesmo teto, me incomodava. Não queria que meu primo, que considerava um irmão, tivesse mais motivos para me encher com sua superproteção.

Peguei meu celular e entrei no instagram. Encarar aquela rede social e stalkear Paul era algo de praxe. Porém, ao olhar para a primeira foto, senti-me culpada. Diana fora um amor comigo, por saber que era a melhor amiga de Lia. Joguei o celular de lado, implorando para que aquele desejo pelo homem proibido passasse. Levei as mãos ao rosto e gritei, querendo tirar tal coisa de meu corpo.

— Por que? — perguntei para o nada, sem entender minhas próprias vontades.

Peguei o controle da televisão e a liguei. Coloquei rapidamente um de meus clipes favoritos e tentei concentrar na música, não querendo lembrar dos olhos azuis daquele me atraía, a barba por fazer e o cabelo grande desalinhado na cor castanho, ou até mesmo, o sorriso contido mas

presente em seus lábios. Ele era a perfeição. Para uma mulher que teve bons momentos com homens lindos, era uma constatação a ser levada a sério.

— Esquece essa merda, Patrícia!

Falei em português, nervosa por estar tão afetada com simplesmente alguns olhares.

— Alguma merda aconteceu! — a voz de Troian chegou a meus ouvidos. Ele arranhava no português, mas era melhor do que muitos gringos que via por aí. — Quer conversar?

O encarei e neguei com a cabeça. Troian pegou uma cerveja na geladeira e com um aceno de cabeça, seguiu para o seu quarto. Felizmente, ele não era um cara de insistir em algo. Voltei minha atenção para a televisão e coloquei outro clipe, algo mais dramático. Como diria meu muso inspirador: *Não é drama e nem exagero. Sou eu*^[3]. A música começou e me levantei, usando o controle como um microfone.

*“Menina, me dá sua mão, pense bem antes de agir
Se não for agora, te espero lá fora, então deixe-me ir
Um dia te encontro nessas suas voltas
Minha mente é mó confusão
Solta a minha mão, que eu sei que cê volta
O tempo mostra nossa direção*

*Se eu soubesse que era assim, eu nem vinha
Tô bebendo champanhe e catando latinha
Mas tive que perder pra aprender dar valor
Pra você entender seu amor, mas não quer ser mais minha
Então diz que não me quer por perto
Mas diz olhando nos meus olhos
Desculpe se eu não fui sincero
Mas a vida que eu levo, erros lógicos.”*^[4]

Continuei com a música, tentando esquecer tudo que me cercava. Mas ao mesmo tempo que cantava, percebi que Paul parecia ainda mais presente em meus pensamentos. Por um minuto, permiti-me fingir que cantava para ele, mesmo que ele nunca entendesse nada. Era um erro, sempre seria. Ele era apaixonado por outra, e eu, a louca por uma noite com

ele. O quão absurdo aquilo se tornaria?



Capítulo 2

“I’m a pagan of the good times
My lover’s the sunlight
To keep the goddess on my side
She demands a sacrifice.”^[5]

Despertei com o som de meu celular, e mesmo com os olhos fechados, tateei o outro lado da cama em busca dele. Assim que encontrei, o levei ao ouvido.

— Fala!

— *E aí, gatinho! — abri os olhos no mesmo instante, perdido diante da voz do outro lado da linha. — Como vão as coisas?*

— Ruby? — perguntei, sentando-me rapidamente.

Há quanto tempo não ouvia sua voz?

— *Existe mais alguém que te chama assim? — perguntou, e notei a forma como sua doce voz mudou.*

— Não. — apressei-me na resposta. — Apenas você.

— *Faz um bom tempo, eu sei. — pareceu se explicar. — Mas acho que muitas coisas ficaram para trás diante daquele infeliz momento.*

Principalmente, o que poderíamos ter sido. Resguardei tais palavras e respirei fundo. Precisava dizer a coisa certa.

— Está de volta? — perguntei, sentindo-me completamente ansioso.

— *Por um tempo. — sua voz soou baixa. — As coisas mudaram, eu sei. Vi as suas fotos e de Diana nas redes sociais...*

— Ruby, eu posso explicar.

— *Você sempre pode, Paul. — fechei os olhos, sendo carregado*

para o outro momento em que proferi as mesmas palavras. Merda!

— Podemos nos ver? — perguntei, parecendo um completo desesperado. Eu era. Ainda mais por ter a chance de consertar meus erros.

— *Por isso estou ligando. — sua afirmação me pegou de surpresa. — Tenho tentado seguir em frente durante o último ano, mas as coisas estão meio fora do controle e...Bom, pensei que dando o fim certo para o que ficou para trás, poderia seguir em frente.*

Aquelas palavras me acertaram em cheio. Ela queria dar um fim. Mais uma vez, a perderia. Não poderia simplesmente aceitar tal coisa. Mesmo que ela não soubesse ainda, tê-la perto, apenas me faria querer lutar. Eu queria seu amor, sentia que precisava dele.

— Eu sei que as coisas terminaram de forma complicada, mas... — suspirei fundo. — Que tal nos vermos hoje?

— *Tenho que resolver algumas coisas, mas a noite, estou livre. — comentou, e me segurei para não gritar de felicidade. — No restaurante de sempre?*

— Sim, perfeito.

O mesmo lugar que a conheci, seria perfeito para trazer lembranças boas de nós à tona.

— *Te vejo mais tarde então.*

— Até mais, Ruby.

Ela desfez a ligação e encarei o celular por alguns segundos sem conseguir dizer nada. Era surreal. Parecia estar dentro de um sonho e que a qualquer momento acordaria para realidade. Olhei novamente em meu celular, e vi seu nome gravado na ligação. Era mesmo ela, depois de tanto tempo. Praticamente um ano e meio.

Encarei as horas e pensei rapidamente no que fazer. Mandeí uma mensagem para Diana, pois ela me orientaria diante daquele momento. Não poderia dizer a Ruby que nosso relacionamento era algo real, sendo que queria reconquistá-la. Teria que abrir o jogo com ela, e assim, investir em nós.



Destinatário: Diana

“Precisamos conversar.

Vou encontrar Ruby hoje, preciso dizer a verdade pra ela.”

Corri para o banheiro e liguei a ducha, tomando um rápido banho. Precisava encontrar Dia e decidir a respeito do que fazer. Infelizmente, não era algo que poderia resolver sozinho. Minutos depois, enquanto me secava, olhei sua resposta.



Remetente: Diana

“Ok, me encontre em no restaurante perto da casa de Lia.”

Mandei-lhe apenas um “ok” e fui me vestir no closet. Encarei meu reflexo no espelho e não pude evitar o sorriso enorme que emoldurou meu rosto. Mesmo diante de tantos problemas, Ruby aparecera, como sempre, trazendo-me paz. Se não tivesse ferrado tudo no passado, com toda certeza, estaríamos juntos. Aquela era uma parte minha que simplesmente odiava.



— E então? Ela simplesmente ligou e você vai vê-la? — Diana indagou, sentando-se na cadeira a minha frente, com os olhos fixos nos meus.

— Ela está de volta na cidade, por um tempo... Foi o que disse. É a minha chance, Dia! — falei, tentando segurar a ansiedade que me atingia.

— Só você pode ficar tão feliz por tal “chance”. — fez aspas com os dedos. — Ela disse o que queria?

— Que quer dar um fim ao que tivemos, para então poder seguir em frente... — levei as mãos ao rosto, sentindo-me sufocar por alguns segundos. — Ela se sente como eu, tenho certeza. Mesmo que o erro tenha sido meu e...

— Ok, não vamos entrar no assunto sobre quem traiu quem novamente. — refutou e fiquei em silêncio. Diana tinha tal poder de chamar atenção, que muitas vezes, apenas me calava. Ela sabia o que fazia. — Mas me diz, vai mesmo arriscar tudo por conta dela? — o desdém em sua voz não me passou despercebido.

— É Ruby, não qualquer outra. — senti-me completamente cansado

daquilo.

Completavam mais de três meses que vivíamos tal farsa. Atuando diante de todos como casal, e rindo dos beijos sem química alguma que tivemos que trocar. Era cansativo devido ao fato de ter que esconder a respeito das noites com outras mulheres, e ainda mais, a lembrança assídua de Diana a respeito do que aconteceria caso todos descobrissem que a “traía”. Meu pai e Klaus, assim como seu pai, iriam me matar caso chegasse a eles. E ainda mais, prometi que pararia com tal coisa. Mas me pedir para ficar longe de Ruby, era demais.

— O combinado não era esse. — continuei. — Somos apenas uma farsa para que Klaus não me visse casar com a mulher que ele ama.

— Não estou pedindo seu amor, porra. — soou categórica. — Mas enquanto acreditarem que somos um casal, não aceito que transe com outras.

— Mas é a Ruby! — enfatizei e Diana bufou, surpreendendo-me.

— Me poupe disso, Paul. — fez um sinal de desdém com as mãos. — Se estamos fazendo isso é por seu irmão, e agora também, por Lia, que se tornou uma grande amiga. Não me venha querer ferrar tudo só porque quer reviver alguns momentos de merda com essa mulher!

— O que tem contra Ruby? — perguntei com raiva, e Diana não recuou em sua posição. Parecia decidida em sua fala. — Meu irmão e Lia estão realmente juntos agora. — tentei amenizar a situação, mostrando-lhe o óbvio. — Por que estamos discutindo sobre isso?

— Por que? — sua pergunta soou retórica. — Porque desde que teve que dar banho no seu irmão por ele beber demais, depois que o peguei praticamente apagado na balada, sabíamos que tinha algo muito errado com ele. Ainda mais pelo fato de ele sussurrar o nome Lia bêbado. Eu coloquei Klaus contra a parede, e recebi a confirmação de que tinha sentimentos por ela, e assim, decidimos dar um jeito nessa merda!

— Mas não são minhas merdas, porra! — rebati, e me arrependi no segundo seguinte da fala. Diana me encarou completamente magoada.

— Eu te conheço bem, Paul Russel. — balançou a cabeça de um lado para o outro. — Sei que abriu mão de muitas coisas para que sua família não se afastasse. Hoje vejo que não posso pedir mais para você!

— Dia...

— Espero mesmo que Ruby valha a pena. — continuou, ignorando-me por completo. — Porque, logo mais, darei um jeito em tudo. Só adie a

merda da verdade para ela! — praticamente ordenou.

— Dia, eu...

— Estou tão exausta quanto você dessa mentira. É horrível ter que fingir por aí tantas coisas, trocar beijos em momentos que Klaus aparece, para que ele engula isso. Me machuca enganar um dos meus melhores amigos. Vocês são meus irmãos da vida, porra! — esclareceu, e senti-me ainda mais culpado. Diana parecia conseguir carregar as dores de todos em suas costas. — Não posso pedir para que fique longe de uma mulher que te deixou, mas ao menos, espere que eu acabe com tudo, e poderá desfilar por aí com ela.

— Ela pode não me querer. — constatei o óbvio.

Diana sorriu sem vontade, e se levantou em seguida.

— Ela sempre quis, Paul. — revirou os olhos. — Tem coisas que se não aprendeu de primeira na dor, com certeza, doerá muito mais na segunda tentativa.

Virou-se para sair e segurei seu braço rapidamente, levantando-me.

— Eu sinto muito por...

— Não. — afastou-se. — Devia sentir muito por si mesmo.

Ela então saiu, deixando-me completamente perdido. Diana parecia saber mais sobre algo que sequer desconfiava. Porém, ela daria um jeito, e com toda certeza, teríamos um fim adequado. Assim, poderia seguir em frente.



Capítulo 3

“Saw you walk inside a bar
He said something to make you laugh
I saw that both your smiles were twice as wide as ours
Yeah, you look happier, you do.”^[6]

Andei de um lado para o outro à frente do restaurante, tentando diminuir a ansiedade que me consumia. Mande uma mensagem para Ruby avisando-lhe sobre o horário e até ofereci a possibilidade de buscá-la, porém, ela negou veemente. Levei as mãos aos cabelos e parei rapidamente. Em seguida, levantei o celular e encarei meu reflexo, vendo se não estava completamente desordenado. Queria estar perfeito para ela.

O celular marcou oito horas da noite em ponto, e finalmente, resolvi entrar. Ruby ainda não tinha chegado. Porém, esperar do lado de fora se tornara cansativo. Entrei no restaurante e conferi a reserva, sendo levado até a mesa. Sentei-me, e encarei mais uma vez a tela do celular, buscando alguma mensagem dela. Ruby não era do tipo de pessoa que se atrasava.

Meu celular tocou de repente. Vi o seu nome e suspirei fundo, atendendo rapidamente.

— Ei!

— *Oi, gatinho! — sua voz soou amena. — Desculpe ligar em cima da hora, mas é que tive um problema na empresa de meus pais e... Bom, não vou poder ir hoje.*

Foi como levar um soco no estômago. Passei as mãos por meus cabelos, sentindo-me completamente perdido.

— Não quer passar no apartamento mais tarde ou...

— *Realmente, acho que essa reunião não tem hora para acabar e... Bom, vou estar tão cansada que não vamos conseguir conversar direito.*

— Certo. — respondi sem muita empolgação. — Amanhã então?

— *Sim, eu te mando mensagem.*

— Ok. — não sabia mais o que dizer.

— *Até mais, Paul!*

Ela desfez a ligação e me segurei para não jogar o celular contra a parede. Em minha mente, a noite estava toda programada. Teríamos uma conversa franca e lhe pediria uma nova chance. Uma chance para mostrar que não era o Paul de cerca de um ano e meio atrás. Que sua partida me deixou tão perdido, que finalmente entendera que queria de fato ser amado.

Encarei o celular mais uma vez e respondi uma mensagem de Diana, que perguntava se estava tudo bem. Não, nunca estaria. Não enquanto soubesse que Ruby estava tão perto e ao mesmo tempo tão longe de mim. Menti na resposta para minha amiga, dizendo que as coisas corriam perfeitamente bem. Deixei o celular sobre a mesa, e logo fiz meu pedido, uma garrafa do melhor vinho. Ao menos apreciaria o resto da noite de alguma forma.

Olhei o cardápio sem muita vontade e acabei optando por uma massa. Assim que o garçom se afastou, notei uma mulher andando meio perdida entre as mesas. Ela claramente buscava alguém ou se perdera por ali. Com mais atenção, pude finalmente reconhecê-la, e mais uma vez, sua beleza me impactou.

Se na luz fraca de uma balada ela era bonita, ali, no ambiente iluminado, ela se tornava fascinante. Existia algo nela, além dos cabelos loiros bem cuidados, a forma graciosa de andar no salto, o olhar verde atento, e o corpo pequeno, que me encantavam. Quando ela finalmente deu alguns passos e se aproximou, levantando o rosto, finalmente me notara. Um sorriso sincero se abriu em seu rosto e fora impossível não retribuir. Algo nela, fazia com que o lado que tanto guardava, aparecesse.

— Ei, como vai? — perguntou, aproximando-se.

Levantei-me para cumprimentá-la, e ela me deu dois beijos no rosto, surpreendendo-me por completo. Pelo seu olhar divertido, notara minha surpresa.

— Desculpe, passei um bom tempo no Brasil antes de vir para cá. — deu de ombros. — Às vezes me esqueço que somos um pouco mais calorosos que os americanos. — sorriu e apenas assenti.

Ela era brasileira, aquilo explicava seu sotaque diferente.

— Como vai, Patrice?

— Bem... — suspirou fundo. — Um pouco perdida, para ser sincera. Era para ser um jantar de negócios, mas as coisas saíram do controle. — explicou rapidamente.

— Quer se sentar e conversar? — ofereci.

Ela arregalou os olhos, porém, não questionou. Apenas se sentou à minha frente e parecia mais aliviada.

— Fingi estar procurando o banheiro — levantou uma mão, claramente em sinal de rendição. — O cara do jantar de negócios era um babaca, que ficou mais tempo dando em cima de mim do que realmente conversando. Ele queria me levar em casa... — ela riu baixinho, deixando claro que as intenções dele eram outras. — Pensei em simplesmente sair antes dele e pegar um uber, mas, a ideia de dizer que ia ao banheiro e nunca mais voltar soou mais divertida.

Sorri amplamente de sua decisão e ela piscou em minha direção.

— E você, qual sua história divertida da noite? — perguntou e neguei com a cabeça.

Infelizmente, não era nem um pouco nos padrões da dela.

— Apenas jantando, sozinho. — dei de ombros e ela assentiu, fechando seu semblante. — Algo errado?

— Comer sozinho é algo tão... triste. — suspirou, parecendo se perder nos próprios pensamentos. — É algo que prezo muito, comer com companhia. Acho que um dos melhores momentos do dia tem que ser compartilhado.

— Isso é algo de brasileiro também? — perguntei, e ela negou.

— Bom, acredito que é mais meu. — deu de ombros. — Então, quer companhia? — perguntou, e sorri de sua falta de sutileza.

Aquela bela mulher parecia ser decidida a respeito do que fazer. Gostei daquilo nela. Não conseguia explicar como de repente tudo parecia bom ao tê-la à minha frente. Nem mesmo o motivo o qual me levava a estar sozinho naquela mesa de restaurante.

— Sim, por que não? — pisquei e ela sorriu, recostando-se melhor na cadeira. — Já comeu, não é?

— Sim, foi o único momento bom da noite. — sorriu baixinho. — Mas isso não me impede de aproveitar esse Château Haut-Brion.

Surpreendi-me por seu entendimento do vinho e chamei o garçom,

pedindo mais uma taça.

— Uma amante de vinhos? — perguntei, fazendo questão de servi-la.

Ela sorriu, pegando a taça em mãos assim que terminei.

— Esse é um dos melhores vinhos do mundo. — constatou o que eu já sabia. — E como diria um dos meus filmes favoritos: “*Anos, amantes e taças de vinho. São coisas que nunca devem ser contadas.*”^[7] — piscou em minha direção e logo se deliciou com o vinho.

Sorri, e logo meu pedido chegou. Encarei Patrice rapidamente, e ela pareceu completamente alheia ao fato de que em algum lugar daquele restaurante uma pessoa realmente lhe esperava com intenções nada honrosas.

— Senti falta disso. — comentou, e a encarei atentamente, enquanto degustava um ótimo farfalle.

— Do que exatamente? — perguntei em seguida, e ela me encarou, claramente feliz por estar tendo atenção. Ela parecia realmente apreciar estar acompanhada.

— Nova Iorque. — olhou ao redor. — A forma como esse lugar parece unir todos os mundos e ao mesmo tempo separá-los. — deu de ombros. — O Canadá não é assim, e nem de perto o Brasil. Por mais que ame meu país de origem, ainda assim, é difícil dizer o quão complicada as coisas são por lá.

— Por que não mora em Nova Iorque? — perguntei, e ela bebeu mais um pouco do vinho antes de responder.

— Já ouviu falar sobre o nosso coração estar onde as pessoas que amamos estão? — perguntou e assenti. Algo nela parecia sempre relacioná-la a frases temáticas. Na maioria das vezes, aquilo me angustiaria ou me cansaria. Porém, com ela, parecia algo natural. — Pois bem, minha família está separada entre esses dois países desde que meus pais morreram. Aí, venho para cá apenas a negócios, mesmo que pudesse passar a vida toda apenas sorrindo para os telões da Times Square. — sorri de sua fala, e continuei comendo. Notei que se acomodou melhor, e colocou um cotovelo sobre a mesa. — E você, Paul Russel? O que te prende a essa cidade?

— Eu? — perguntei, e tomei um pouco de vinho. — Nasci e cresci aqui. É algo prático e também, onde minha família está. — pisquei para ela, que entendeu a referência. — Nunca almejei morar fora.

— Que tédio. — comentou, surpreendendo-me. Em alguns minutos

daquela noite, ela conseguira me surpreender mais do que a maioria das pessoas o fazia durante anos. — Digo, parece não ter um plano maior para sua vida.

De alguma forma, ela parecia ter me lido. Era real, não existia um grande sonho em meu ser. Tornei-me um homem prático e nada mais.

— Sou um pouco chato, para ser sincero. — confessei. — Mas quem sabe um dia não tenha vontade de viajar o mundo e não ter hora para voltar? — perguntei e ela sorriu amplamente.

— Parece uma ideia interessante. — bateu os dedos na mesa, claramente pensando em algo. — Fiz isso uma vez, ao completar dezoito anos. — arregalei os olhos, completamente surpreso. — Eu e uma mochila por longos meses. — confessou e sorriu, parecendo se lembrar do momento. — Mas confesso que ter para onde voltar era o que realmente importava no fim do dia.

— Quando te vi no bar, ontem, não imaginei que fosse uma mulher tão complexa.

Ela revirou os olhos e permaneceu atenta em mim.

— A maioria das pessoas me acha doida diante da minha espontaneidade. — deu de ombros, claramente despreocupada. — Sou assim, o que posso fazer?

— Encarar como uma qualidade? — indaguei e levantei a taça. — Que tal um brinde ao que citou mais cedo? — perguntei e ela me encarou sem entender por um momento. — Anos, vinhos e...

— Ah, claro. — sorriu baixinho. — Anos, vinhos e amantes. — levantou sua taça e brindamos. — Isso foi espontâneo! — admitiu, após beber um longo gole.

— Tenho uma nova ótima mentora a respeito.

Ela sorriu novamente, e por um momento, agi como ela. Comparei-a, neste caso, a uma música. O sorriso dela, parecia conseguir iluminar uma cidade inteira. Encontrávamos em Nova Iorque, portanto Patrice poderia iluminar qualquer outro lugar do mundo.



Capítulo 4

“You should take it as a compliment
That I got drunk and made fun of the way you talk
You should think about the consequence
Of your magnetic field being a little too strong.”^[8]

Respirei fundo e sorri em meio ao sonho, no momento em que meus braços se enroscaram a um pequeno corpo quente. Cheirei seus cabelos e o aroma de baunilha me atingiu. Desci o nariz para seu pescoço e inspirei, o cheiro de morango transpassando por todo meu corpo. Senti-me acordar naquele instante. Abri os olhos e a assim que encarei a bagunça de cabelos loiros, paralisei. Pisquei algumas vezes e fechei os olhos, pensando estar preso em algum sonho. Abri os olhos mais uma vez, e nada mudou, ainda estava ali. Em minha cama, com a mulher que me acompanhou no jantar noite passada, e ela não era Ruby.

— Merda! — praguejei baixinho, e me afastei com cuidado de seu corpo.

Ela se virou, puxando o lençol sobre suas pernas e sorriu em seu sono. Passei as mãos por minha cabeça e tentei me lembrar de algo da noite passada. Mas nada, absolutamente nada me vinha em mente. Encarei-a mais uma vez e me senti um canalha por sequer me lembrar da noite que passamos juntos. E pior, como olharia para ela quando acordasse. O que diria?

— Patrice! — chamei-a e respirei fundo, tentando soar casual.

Felizmente ela se remexeu na cama e em poucos segundos seus olhos verdes pararam nos meus. Um sorriso sonolento estampou seu rosto e ela se espreguiçou, claramente a vontade. *Merda duas vezes!*

— Precisamos...

O som da campainha me parou e fiquei dividido entre falar com ela, e ver quem chegara. Não poderia ser Diana, já que a mesma tinha a chave. O que me levava diretamente a Klaus, que poderia muito bem, estar precisando de algo. Porém, não poderia ver a melhor amiga da sua futura noiva ali. Ele me esganaria.

— Espera aqui, ok? — perguntei, claramente implorando e ela assentiu.

Acomodou-se melhor na cama e fechou os olhos. *Ótimo!* Ela ainda estava com sono.

Saí do quarto rapidamente e segui para a porta apenas de cueca. Meus pensamentos voltaram-se para a noite que parecia um simples breu em minha mente. Abri a porta sem sequer encarar o olho mágico. Só poderia ser Klaus.

— E aí, irm...

Parei de falar e minha boca secou. Encarei a mulher de cabelos pretos a minha frente e tentei dizer algo, mas as palavras sumiram. Um ano e meio sem uma notícia e ela estava ali, mais uma vez. Em sua mão dois cafés, que claramente seriam para nós e um pequeno sorriso no rosto. O que ela fazia ali àquela hora? Como ela tinha subido?

— Ei, gatinho!

Fiquei estático, sem saber como agir. Ter Ruby tão perto assim era como um choque, ainda mais, por ser completamente inesperado.

— Surpresa! — falou um pouco sem graça e finalmente voltei a minha realidade.

Sua boca carnuda me chamava, assim como os olhos castanho claro. Ela estava como me lembrava, e todo meu corpo pareceu anestesiado. Porém, algo dentro de mim não reagiu da forma que esperava. Não deveria estar absurdamente feliz?

— Desculpe, entra. — falei rapidamente, e ela passou por mim.

Encarei ao redor com pavor, como se algo pudesse estar fora do lugar. Ruby sorriu em minha direção e parou no meio da sala, um pouco acuada. Finalmente me toquei do que acontecia e dei um passo à frente, na intenção de lhe cumprimentar da forma correta.

— Puta merda!

Um grito feminino fez com que eu e Ruby nos virássemos. Encarei Patrice com espanto e só então me toquei de que a deixei em minha cama.

Ruby arregalou os olhos e não me encarou. Senti a culpa me invadir e ali, percebi que a perdia pela segunda vez.

— Ruby, eu....

— O café. — Ruby falou e o deixou sobre a mesinha de centro.

Ela então tentou passar por mim, mas segurei seu braço, tentando pará-la.

— Por favor, me escuta.

A porta da frente se abriu e a sobancelha de Diana se ergueu. Ela assistiu à cena na sala de meu apartamento, claramente espantada. Nesse meio tempo, Ruby se soltou de meu braço, e Diana lhe deu espaço para passar pela porta.

— Ruby! — gritei e tentei correr até ela, só então me lembrei que estava apenas de cueca. — Merda!

Passei as mãos por meus cabelos e encarei Diana, que olhava entre mim e Patrice que parecia completamente perdida. Corri até meu quarto e peguei uma calça e uma camisa, vestindo-as rapidamente.

— Por que não a impediu de sair? — perguntei, claramente transtornado e Diana deu de ombros, como se não significasse nada.

— Se vire com a mulher da sua vida. — debochou com um sorriso de lado, e resolvi não lhe dar atenção.

Saí correndo dali, torcendo para que encontrasse Ruby na frente do prédio, e mais, para que quando voltasse, Diana e Patrice tivessem desaparecido de meu apartamento. Precisava consertar as coisas.

Patrice

Olhei rapidamente para minha roupa e me certifiquei de que realmente estava com o vestido que saí de casa. Felizmente, pelo breve olhar, notei que tudo permanecia em seu devido lugar. Levantei meu olhar para Diana, que simplesmente me encarou com uma sobancelha arqueada.

Não, era nada aquilo que ela estava pensando!

— Calma! — fiz um sinal com as mãos e as passei pelos cabelos em seguida, tentando alinhá-los. — Não é nada disso que...

— Eu estou pensando? — perguntou e se sentou no sofá, claramente confortável. — Então me diga, o que devo estar pensando? — indagou.

Abri a boca várias vezes e não consegui falar nada. Sentia-me culpada por ter sentado naquela mesa com Paul na noite passada, e pior, ter bebido até cair com ele pelo resto da mesma.

— Sério, não aconteceu nada... Absolutamente nada! — praticamente gritei e Diana permaneceu plena, encarando-me como se aquilo não representasse nada. — Encontrei Paul por acaso num restaurante e fiz companhia a ele em algumas taças de vinho, as taças passaram para doses de uísque num bar e... Droga! Ele passou mal e me senti responsável. Estava bêbada, mas ainda assim, melhor do que ele. — esclareci, sentindo o quanto aquela foi uma péssima ideia. — O trouxe para casa e o coloquei na cama... Estava cansada e devo ter apagado em seguida... — respirei fundo e encarei o chão, sentindo-me envergonhada. — Não transamos! — soltei por fim, e já pensei em sair dali sem olhar para trás.

Merda!

De repente, a gargalhada de Diana reverberou por todo ambiente e arregalei os olhos, completamente surpresa.

— Está na cara que não transaram. — acusou e pisquei algumas vezes, sem saber como reagir. — Algo me diz que se tivessem chegado a algo mais na noite, o imbecil do Paul não estaria correndo atrás da vaca.

— O que? — minha voz praticamente não saiu.

— Olha só. — Diana se levantou e deu passos em minha direção, parando de repente. — Paul não é do tipo de cara que aceita apenas beber a noite toda com uma mulher... E, confia tão facilmente nas pessoas.

— Como assim? — perguntei, completamente perdida.

— Relaxa. — segurou meus ombros e respirou fundo, sem entender bem, fiz o mesmo. — Que tal eu te pagar um café e conversarmos?

— Mas, Diana...

— Nada de “mas”. — cortou-me rapidamente. — Preciso desabafar com alguém e você Patrice se tornou a pessoa perfeita.

Assenti algumas vezes e sem saber muito o que fazer, voltei rapidamente para o quarto onde acordei um pouco perdida, acreditando estar vivendo um sonho, e calcei meus sapatos. Peguei minha bolsa jogada sobre o chão e segui Diana em direção a porta. Minha cabeça girava, amaldiçoando-me por ter bebido tanto e mais, pela confusão que me meti. Alguns dias em Nova Iorque e a minha vida parecia uma boa novela das nove. Naquele momento, quando entrei no elevador, fiz mais uma vez em voz alta uma falsa promessa.

— Nunca mais vou beber. — proferi e Diana riu baixinho.

Assim como eu, ela sabia. Com toda certeza, não beberia até o próximo momento que sentisse vontade. Encarei meu reflexo no grande espelho do retângulo de metal e sorri por estar ao menos apresentável. Se uma noite de bebedeira com minha paixonite adolescente *que resultou em acordar em sua cama, e em seguida, encontrar uma mulher desconhecida e sua atual namorada no meio de seu apartamento*, não me deixou completamente devastada, poderia ao menos, enfrentar um café com Diana. Notei seu sorriso em minha direção pelo reflexo do espelho e minhas ideias morreram. Como diria minha velha avó: tinha carço naquele angü.



Capítulo 5

“I always thought I would sink
So I never swam
I never went boatin'
Don't get how they are floatin'
And sometimes I get so scared
Of what I can't understand.”^[9]

Diana andou a minha frente e logo estávamos dentro de uma cafeteria localizada a uma quadra do prédio de Paul. Sentei-me rapidamente e levei as mãos à cabeça, aquela dor chata me incomodando. *Ressaca!*

— Já volto! — Diana falou e de relance a vi ir em direção a um balcão.

Respirei fundo e tentei acordar daquele sonho doido. Porém, o cheiro delicioso de café por todo ambiente deixava claro – era real. Olhei ao redor e a bela cidade parecia mais acordada do que nunca, menos as pessoas ali dentro, que assim como eu, imploravam por café com o olhar.

— Aqui. — Diana apareceu de repente, depositando um copo a minha frente. — Expresso duplo. — avisou e quase ergui as mãos aos céus em agradecimento.

— Obrigada. — tomei um bom gole, enquanto Diana se sentava a minha frente.

Ela bebeu um pouco de sua coca-cola e passou as mãos pelos cachos soltos. Logo seu olhar castanho encontrou o meu e me senti ainda mais sem graça. Não conseguia entender o que de fato acontecia.

— Paul, Klaus e eu sempre fomos amigos, melhores amigos mesmo.

Aqueles dois sempre foram como dois bobões nas minhas mãos e sempre fiz de tudo para que fossem felizes. Tudo que estivesse ao meu alcance. — depositou a bebida na mesa, e esticou os braços em seguida, respirando profundamente. — Klaus sempre foi apaixonado por Lia, o que nunca escondeu de mim, mas tentou evitar ao máximo... Ele tem seus motivos para não ter lutado por ela no passado. — explicou-se rapidamente e naquele momento, tinha uma pequena noção sobre tudo, ao menos, pelo que Lia me contara. — Faltavam poucos meses para que Paul e Lia se encontrassem para decidir algumas coisas a respeito do casamento, e notamos uma mudança radical em Klaus. Ele faz artes marciais, mas nesse tempo, basicamente triplicou as horas na academia e praticamente não dormia. Além de beber até cair. — arregalei os olhos, completamente surpresa. — Isso fez Paul e eu voltarmos ao passado, e acabei colocando Klaus contra a parede. Ele me confessou que ainda tinha sentimentos por Lia.

— Deus! Todo esse tempo amando a mulher “proibida”... — deixei as palavras no ar, e fiz aspas com as mãos, sentindo-me péssima com tal constatação.

Sempre desconfiei a respeito dos olhares de Klaus para Lia no passado, porém, não era minha história, e minha amiga resolveu apenas seguir em frente.

— Pois é. — Diana concordou sem muita empolgação. — Paul e eu pensamos em todas as possibilidades, até mesmo na quebra do contrato... Mas acabamos optando pelo que pensamos ser o melhor, o que aproximaria Klaus e Lia.

— Como assim? — perguntei, completamente perdida.

— Paul teve uma ideia estúpida há um tempo, sobre Klaus o substituir no contrato, caso ele namorasse. — revirou os olhos. — Mas o problema era que ninguém acreditaria em algum caso repentino de Paul, principalmente, seu pai, Dominic. E Dom não deixaria que Paul interferisse dessa forma na vida de Klaus.

— Meu Deus!

Levei as mãos a boca, completamente embasbacada. A forma como Diana pareceu completamente calma ao me ver no apartamento de Paul, seu convite para um café e aquela história maluca... Apenas me levavam a uma conclusão ainda mais desvairada.

— Não pode ser. — falei baixinho e ouvi a risada de Diana.

— Paul e eu fingindo um relacionamento? — indagou e senti meu

rosto esquentar, pois aquela hipótese não poderia ser real. — Pura realidade, Pat.

— Mas... Vocês pareciam tão perfeitos nas fotos e... Lia disse que viu os beijos e... — praticamente gaguejei, tamanho meu espanto.

— Primeiro de tudo, somos bons atores. Quer dizer, descobri que sou uma boa atriz nesse meio tempo. — piscou e escorou os cotovelos na mesa. — Segundo, fotos são minha especialidade... — sorriu amplamente. Lembrei-me naquele momento que ela era a responsável por todo marketing da empresa dos Russel. Não poderia negar, todas as propagandas eram impecáveis. — Terceiro e último, fotos em redes sociais são em sua maioria, mentirosas. — complementou e deu de ombros.

— Mas os beijos...

— Nem me lembre! — seu semblante se transformou, parecendo tomado pelo asco. — Beijar Paul era como beijar uma parede. — sorriu com escárnio. — Somos como irmãos, acredite em mim.

— Puta merda! — soltei de uma vez, e não pude evitar usar o bom e velho português. Diana abriu um grande sorriso, mas pareceu não entender por completo. — Desculpe, quando fico muito surpresa, ou muito feliz, ou muito animada... acabo falando em português.

— Pelo jeito, foi um palavrão. — assenti e ela sorriu ainda mais. — Certo! Agora você me pergunta: Por que está me contando tudo isso?

— Sim! — segurei o grito e ri de mim mesma. Parecia dentro de uma novela das nove. Vovó adoraria saber daquilo. — Então... Por que está me contando tudo isso? — perguntei decidida e Diana sorriu amplamente. Ela parecia adorar minha falta de jeito.

— Porque acabei de anotar no meu planner como será o trágico término com meu namorado dos sonhos - Paul Russel. Com data marcada para alguns dias. — comentou ironicamente e pareceu um tanto aliviada. — Acredito que em breve Lia e Klaus vão estar se amando ainda mais... Pelo que ele me conta, não demorará muito.

— Lia está nas nuvens. — comentei. — Mas não sei como ela vai reagir ao saber disso.

— Espero que bem. — suspirou fundo, e notei seu semblante mudar, com um pouco de preocupação. — Mas enfim, agora é sua vez!

— Minha vez? — perguntei, e poderia afirmar que gaguejei novamente. Diana era intimidadora com seu olhar altivo. — Eu encontrei Paul por acaso em um restaurante, enquanto fugia de um cara babaca que

acabava de ter uma reunião de negócios. Enfim, fiz companhia para ele, bebemos muito vinho e depois migramos para doses de uísque num barzinho. — expliquei, encarando seus olhos. Não queria que ela duvidasse em momento algum do que lhe falava. — Paul falava coisas sem nexos, e parecia completamente perdido em outras... Ficamos bêbados e no fim, insisti para pegarmos um uber. Trouxe-o com segurança até o apartamento, e o deixei sobre a cama como estava. Paul gargalhou um pouco, e só me lembro de deitar um pouco e minha cabeça pesar. Pelo jeito dormi feito pedra. — terminei de forma concisa e Diana pareceu pensar sobre algo.

— Ao menos, tive a felicidade de te encontrar no apartamento de Paul, e ambas acabamos com a festinha de Ruby. — comentou e me lembrei da mulher de cabelos negros a frente de Paul no apartamento.

— Ela é tão ruim assim? — perguntei, sem saber se poderia realmente tocar no assunto. Porém, o semblante furioso de Diana parecia dizer tudo.

— Lembra que disse que faço tudo para que os meninos sejam felizes? — assenti rapidamente e tomei mais um gole de meu café. — Pois é, tolerar Ruby e não enforçar Paul por ser um imbecil, está no pacote.

— Ela deve ser ruim. — constatei, sem ao menos entender a fundo o que acontecia.

— Acredito que verá por si mesma. — deu de ombros e pisquei sem entender. Porém, não entrei em tal mérito. Resolvi focar no café quentinho que me fazia acordar. — Então, Pat... Lia e eu conversamos um pouco e falamos sobre primeiros amores. Ela me contou bem por cima, mas parece que você teve uma paixão por Paul no passado, não é?

Quase cuspi todo o líquido e tentei entender onde Diana queria chegar. Paul? *O que poderia dizer sobre ele?* Mal nos conhecemos no passado e mesmo assim, a aparência e trejeitos dele me encantaram. Era só uma menina que sabia basicamente nada da vida. Os tempos mudaram, e felizmente, os sonhos a respeito dele permaneceram onde deveriam – como uma ilusão romântica.

— Paixonite de adolescente. — assumi, dando de ombros. — Paul era um bad boy, acho que a maioria das meninas da época babavam por ele. — complementei, fazendo pouco caso daquela situação.

— E hoje? — indagou, totalmente decidida. — Paul não lhe desperta nada?

Pensei um pouco e resolvi não mentir. Não gostaria de começar a amizade com alguém agindo de forma falsa.

— Atração. — aquela não era uma mentira. — É o objeto de desejo da minha adolescência. — sorri forçadamente, e tentei não pensar no fato de que Paul sempre estivera presente em meus sonhos mais malucos sobre o futuro.

Nunca saberia dizer, mas era como se mesmo com aquele pouco contato no passado, ele tivesse se enraizado em mim. O que tinha certeza, aconteceu com outras pessoas. Sempre tentei controlar meus sentimentos a respeito de tudo, e isso incluía, não pensar sobre como me sentia a respeito de Paul que era destinado a casar com a minha melhor amiga, mas sempre falhei miseravelmente naquela empreitada.

— Entendi. — Diana respondeu simplesmente e me senti aliviada por insistir.

Ela parecia saber sobre tudo o que acontecia ao redor, como a verdadeira dona da situação.

— Agora estamos as claras. — assenti, sentindo-me mais leve. — Preciso falar com Klaus e conversar a respeito do que Paul e eu fizemos, e mais, deixar Lia a par do assunto.

— Isso pode ser complicado. Lia não tende a reagir da maneira que esperamos. — confessei, pois conhecia muito bem a amiga que tinha. — Não posso falar com ela a respeito pois não é minha história.

— Bom, vou dar um jeito nisso. — piscou e bebeu mais um pouco de sua bebida.

Olhou rapidamente para seu relógio e bufou, parecendo se lembrar de algo. Senti a presença de alguém ao meu lado, e logo o olhar de Diana mudou de entediado para interessado. Mudei meu olhar de direção e tentei entender como de todos os cafés do mundo, meu primo, Troian, apareceu justo no que estávamos.

— O que faz aqui, bebê? — perguntei rapidamente e Troian bufou. Ele odiava tal apelido, porém, combinava perfeitamente com o fato de ser mais novo e um completo resmungão.

Encarei Diana e ela arqueou uma sobrancelha, claramente interessada no homem loiro ao nosso lado. Troian sempre seria como um irmão mais novo, porém, seria mentira dizer que ele não era um homem lindo, e com toda certeza, muitas mulheres o olhavam como Diana fazia naquele instante.

— Vim tomar algo. — comentou. — A noite foi cheia.

— Entendi. — fiz uma leve careta, lembrando-me de como a minha

tinha sido. — Ah, desculpe. Dia, esse é Troian Messina, meu primo. Bebê, essa é Diana Carter, uma amiga.

Troian como sempre não se esforçou para cumprimentá-la, o que pareceu não incomodar Diana de forma alguma. Ela sorriu e apertou a mão parada de meu primo, que parecia um homem sem qualquer educação. Ele e sua falta de tato e vontade de conhecer pessoas. Revirei os olhos, sem conseguir me conter.

— Prazer, Troian. — Diana comentou e ele assentiu.

Logo o olhar dele se voltou para o meu e fiquei sem entender o que queria.

— Estou indo para casa. Quer carona? — perguntou sem muita vontade.

Diana digitava algo rapidamente em seu celular e pelo seu semblante parecia atrasada para algo. Terminei meu café e assenti para meu primo, que simplesmente me deu as costas e foi em direção a saída.

— Não leve Troian a mal, ele apenas é... — Diana me encarou, claramente esperando uma explicação plausível. Porém, ela era inexistente. — Não tenho desculpa, ele é assim mesmo. — confessei.

Surpreendendo-me, Diana sorriu e deu de ombros, parecendo não se incomodar.

— Preciso ir resolver um problema na empresa. — falou, claramente não satisfeita.

— Hoje eu preciso apenas deitar um pouco e fingir que nunca mais vou beber. Felizmente não tenho nenhuma reunião.

Diana gargalhou e balançou a cabeça em negativo. Levantamo-nos rapidamente e a segui até a saída.

Encontrei Troian encostado em seu carro, parecendo aleatório em relação ao mundo. Suspirei profundamente, pensando em como chamar atenção daquele marmanjo para a vida. *Como faria tal coisa?*

— Então, precisamos marcar de tomar algo sem todo esse clima pesado. — Diana comentou e tive que sorrir.

— Eu realmente sinto muito. — confessei. — Parece que acabei fazendo uma bagunça na vida de Paul.

— Ele vai superar. — deu de ombros. — Ao menos, espero que dessa vez o faça.

— Quer uma carona? — ofereci, e Diana me encarou rapidamente. — Troian não vai se importar de...

— Não, estou de carro. — cortou-me rapidamente. — Agradeço e tenho certeza que seriam ótimas companhias. — sugeriu e Troian sequer a encarou.

Como ele podia estar rejeitando uma mulher linda como ela? Precisava urgentemente bater com algo em sua cabeça. Ele só podia estar fora da razão.

— Ok, então. — despedi-me dela com um beijo no rosto. — Obrigada pelo café.

— Sempre as ordens. — piscou em minha direção.

Sem que esperasse, Diana deu passos e parou a frente de Troian, que finalmente levantou o olhar para a mesma. Aquilo parecia um embate de gigantes. Internamente, soltei um grito. Finalmente, alguém além de mim batia de frente com Troian. E no caso de Diana, claramente, o incomodava.

— Até mais, T.

Sem sequer lhe dar tempo para resposta, Diana sorriu em minha direção e saiu desfilando em seus saltos altos, como se estivéssemos no desfile anual da Victória's Secret. Levei a mão a boca e assim que voltei a realidade, notei que Troian entrou no carro. Fiz o mesmo, rapidamente me sentando no banco do carona. Abri a boca para falar algo, porém, Troian ligou o som no último.

Aquele era ele basicamente gritando: “Nenhuma palavra sobre isso”. Por fim, apenas gargalhei. A noite anterior e o dia seguinte não foram tão ruins como imaginei. Entretanto, assim que encostei a cabeça contra o vidro do carro, os olhos azuis de Paul me atingiram. Era um fato: precisava me desintoxicar dele.



Capítulo 6

“I get angry, baby, believe me
I could love you just like that
I could leave you just this fast.”^[10]

— Eu já disse para não se preocupar, irmão. — falei pela segunda vez e Klaus me encarou ainda preocupado. — Diana lhe falou toda a verdade. Nunca aconteceu nada além dos beijos encenados a frente de vocês.

— Mas Paul, os sentimentos de vocês...

— Deus! — exclamei e levantei as mãos para cima, deixando os papéis de lado. — Não sei se odeio ou gosto do seu novo jeito, Klaus!

Klaus estava sentado à minha frente, claramente impaciente. Completavam alguns dias em que Diana falara para ele e Lia a respeito de nosso relacionamento falso, assim como, ambos conversamos com meu pai e sua família, para que não estranhassem o término repentino. Meu irmão parecia mais surpreso pelo término do que por toda armação, porém, resolvi não insistir naquele assunto. Existiam outros problemas em minha mente.

— Eu amo Diana, assim como você. — tentei explicar e ser o mais claro possível. — Nunca a enxerguei com desejo, e os beijos foram horríveis, é como se... — peguei uma borracha e um apontador de lápis jogados sobre a mesa e tentei encaixar os objetos. — Não encaixássemos, irmão! — complementei. — Diana é uma mulher linda, sabemos disso, mas sempre será como uma irmãzinha para mim.

— Ainda estou tentando assimilar que realmente se separaram. — comentou, parecendo sem jeito. — Pareciam tão apaixonados.

— Somos bons atores. — dei de ombros, e encarei o teto por um instante. — Fique tranquilo, e diga o mesmo para Lia. Diana e eu sempre seremos como irmãos, nada mudou entre nós.

— Por que ela anda tão brava com você, então? — perguntou sem qualquer sutileza e bufei alto.

— Ela é superprotetora, sabe bem. — escorei-me contra a mesa de vidro. — E não podemos esquecer que controladora ao extremo.

— E? — insistiu.

— Tem uma mulher... — o rosto de Ruby me veio em mente no mesmo instante, e lembrei-me de como as coisas se sucederam. — Tivemos um caso no passado e não terminou muito bem.

— Ainda não assimilei o que Diana tem a ver.

— Ela é a única que sabe a história toda, irmão. — falei sem muita vontade e Klaus me encarou com pesar. — Desculpe por não ter te incluído nessa. É um assunto que me atormentou por muito tempo, e Diana apenas sabe porque é, ou ao menos era, próxima de Ruby.

— Prima de Spencer? — perguntou de relance e assenti. Não fazia ideia de que Klaus a conhecia. — A encontrei na noite em que Lia me pediu em casamento.

— O que? — minha voz quase não saiu e tentei me localizar no calendário. — Lia não te pediu em casamento numa boate? — perguntei e Klaus assentiu, claramente não entendendo nada. — Foi lá que a vi?

— Sim. — respondeu baixo, parecendo escolher suas palavras. — Lia a empurrou na pista de dança... — Klaus limpou a garganta rapidamente, parecendo incomodado. — *Merda!*

— O que foi, irmão? — perguntei, sentindo-me completamente enganado.

A noite em que Klaus fora pedido em casamento era a mesma em que Ruby cancelou nosso jantar, dizendo que trabalharia até tarde. Respirei fundo e me desfiz da gravata no mesmo instante, sentindo-me sufocado.

— Eu não conhecia essa mulher. Ela me parou na pista de dança e tocou meu peito... Antes que pudesse responder, Lia simplesmente a empurrou e parou a minha frente. — fechei os olhos no mesmo instante, sentindo-me sendo levado diretamente para o passado. As coisas pareciam não ter mudado. — Lia comentou depois que aquela era Ruby, prima do Spencer. — complementou, e simplesmente assenti, sem saber o que fazer. — O que tem de errado, Paul?

— Ela mentiu para mim, só não consigo entender o porquê.

— Devia ligar para ela. — sugeriu, em sua comum calma. — Talvez seja apenas uma confusão.

— Acredito que sim. — passei as mãos por meu rosto, tentando sair daquele momento perdido. — Enfim, logo isso passa! — sorri amplamente, atuando como sempre soube fazer. — Mais calmo em relação a Diana? — perguntei, fugindo completamente do assunto.

Klaus piscou algumas vezes, e em seu semblante, soube que não estava satisfeito com minhas respostas vagas, porém, não insistiu. Aquele era meu jeito de me calar, e ele sabia.

— Ok, por enquanto. — fristou a última palavra e continuei sorrindo, tentando acalmá-lo. — Vou voltar para minha sala!

— Agradeço, porque não é à toa que ganha seu salário, não é? — provoquei e Klaus se levantou, ignorando-me por completo. *Ele era um porre!* — Te amo, maninho! — gritei, assim que ele abriu a porta e fechou com um estrondo.

Klaus e seu temperamento adorável.

Ouvi duas batidas na porta e logo minha secretária entrou, com um sorriso contido e claramente cansada do trabalho. Assim que ela abriu a boca para falar, notei Klaus atravessar a porta mais uma vez, e abri-la um pouco mais para que alguém passasse. Pisquei algumas vezes, sem acreditar no que via. De alguma forma, fiquei preso a imagem da mulher a seu lado.

— Não precisa anunciá-la, Yule. — Klaus falou com minha secretária, que apenas assentiu e pediu licença. — Essa é Patrícia Oliveira, irmão. Lembra-se dela? Das festas quando mais novos? — perguntou e deu passos à frente, assim como ela.

Olhei-a de cima abaixo, sem conseguir disfarçar ou entender o que me prendia ao sorriso direcionado a meu irmão.

— Esse é Paul Russel, meu irmão mais velho. — Klaus falou em sua inocência, sem ter a mínima ideia do que acontecera há cerca de cinco dias.

— Ele me conhece, Johnny. — falou para Klaus, e fiquei completamente perdido diante do apelido, e apreensivo sobre o que elaalaria. — Paul e eu nos esbarramos por aí.

Ela então me encarou, estendendo-me a mão. Levantei-me, e sem saber como reagir, aceitei aquele leve mas firme aperto.

— Negócios com os Russel? — perguntei, finalmente encontrando

minha voz.

Patrice assentiu.

— Represento a Conference. — surpreendi-me por completo. Aquela era a mais conhecida e aclamada empresa de tecnologia da américa na última década.

— Por favor, sente-se. — indiquei a cadeira a frente de minha mesa.

Patrice assentiu e foi até Klaus, dando-lhe um abraço e um beijo no rosto.

— Até mais, Johnny!

— Até, Pat!

Logo ela se virou, e se sentou à minha frente. Seu semblante mudou e logo assumiu uma postura profissional impecável. Em minha mente, apenas conseguia imaginar como estive com aquela mulher sob ou sobre meu corpo, e não conseguia me lembrar de nada a respeito daquela noite.



Cerca de duas horas depois, Patrice e eu finalizávamos a discussão a respeito de negócios. Ela era uma das poucas pessoas que em tão pouco tempo ganhava minha admiração, pela forma leve e séria como tratava os negócios. Em todo o caos do meio imobiliário, encontrar alguém que não lhe estressasse durante uma tórrida reunião, era algo raro.

— É isso. — falou, apertando os dedos. — Preciso apenas contatar os acionistas, repassar tudo e... Bom, acredito que teremos um acordo. — sorriu abertamente, e naquele momento, tornou-se impossível não fazer o mesmo.

Estendeu-me a mão e a aceitei, porém, não pude evitar levá-la até os lábios e depositar um leve beijo. Assim que a encarei, notei o rubor em sua face, e finalmente, a soltei. *O que tinha de errado comigo, afinal?* Nunca fui de agir de tal forma, não no meio do trabalho.

— Bom, acho que sua agenda deve estar cheia, assim como a minha...

— Uma boa desculpa, mas não. — resolvi abrir o jogo. Indiquei com o dedo o relógio sobre a mesa. — O expediente aqui está para acabar.

— Olha, Paul... — respirou fundo, claramente tentando encontrar o que dizer. — Sobre aquela noite, acho que não precisamos falar a respeito.

— Penso o oposto. — fui sincero. — Sei que não fui um cara legal no dia seguinte e quero me desculpar por isso.

— Tudo bem. — sorriu de lado, e agradei internamente por ela parecer estar sendo sincera. — Diana e eu tomamos café, e ela me explicou sobre a relação inventada por vocês.

— O que? — praticamente gritei.

Patrice gargalhou e fiquei abismado pelo fato de gostar tanto assim de sua felicidade clara.

— Fiquei com medo de que ela entendesse algo errado e expliquei rapidamente que nada aconteceu entre a gente naquela noite e....

— Como assim? — cortei-a rapidamente. Patrice se recostou contra o encosto e me encarou sem entender a pergunta. — Como assim “nada”? — dei ênfase na última palavra e fiz aspas com os dedos. Minha mente girou por completo.

— Te levei até sua cama, e você apagou. Logo em seguida, acabei fazendo o mesmo.

Meus olhos se arregalaram, e tenho certeza que minha surpresa era nítida.

— Eu pensei que... *Nossa!* — levei as mãos aos cabelos, completamente surpreso. — Não transamos. — constatei o óbvio e ela assentiu.

Aquilo era para me deixar aliviado por dois grandes motivos, porém, não me senti de tal forma. Primeiro de todos, não tinha ido para cama com outra por conta do bolo de Ruby, e seria um motivo a menos para discutirmos quando nos encontrássemos. Segundo de tudo, não tinha ido para cama com Patrice e apagado tudo da memória. *Por que não me sentia satisfeito com aquela revelação?*

— Parece decepcionado. — o comentário de Patrice me tirou de divagações e sorri, sem saber o que dizer. — Bom, tenho mesmo que ir.

Ela se levantou e acabei fazendo mesmo. A acompanharia até a porta, e depois teria uma conversa séria com Diana sobre por que de não me contar a respeito daquilo. Passei dias pensando sobre o que aconteceu naquela noite, e mais, sem coragem de falar com Ruby por conta daquilo.

Andei atrás de Patrice e por um segundo, recriminei-me por me sentir tão bem em sua presença. Ouvi-la falar, tanto naquela noite no

restaurante quanto durante nossa reunião, fora completamente inebriante. O que aquela mulher loira, de claramente vinte centímetros a menos do que eu, tinha de tão especial?

Você já tem Ruby na sua vida! – minha mente gritou.

Patrice se desequilibrou e a segurei rapidamente pela cintura. Ela então se segurou contra meu ombro e assim que nossos olhos se encontraram, esqueci completamente o que Ruby representava. A boca de Patrice se abriu, e não pude evitar tocar levemente seu rosto, enquanto ela se colocava ereta novamente. Ela fechou os olhos diante de meu toque e engoli em seco. *Que diabos de sensação era aquela?*

Por um momento, esqueci-me por completo do que acontecia fora, e simplesmente toquei seu rosto com ambas as mãos. Patrice abriu os olhos e piscou duas vezes firmemente, dando um passo atrás, afastando-se. Sem saber porque, e guiado apenas por meus instintos, dei um passo à frente. Patrice me encarou surpresa, e em seus olhos, vi o reflexo dos meus – desejo.

Há muito tempo não me sentia de tal forma por uma mulher. Era apenas sexo por sexo, tesão na hora que a mulher tirava toda roupa. Mas apenas o olhar lascivo dela, deixara-me pronto. *O que ela tinha?* Precisava descobrir.

Sem saber ao certo quem deu o próximo passo, apenas senti seus lábios doces nos meus, e nada mais poderia me parar. Segurei com força sua cintura e uni nossos corpos de forma que não pudesse se afastar. Todo meu corpo clamou por mais no momento em que nossas línguas se encontraram. Patrice gemeu, enviando o um por cento que restava de minha consciência para a *merda*.

Encostei-a contra a parede e desci beijos para seu pescoço. Suas mãos entraram em meus cabelos e a forma como ela se entregou, deixou-me inebriado. Voltei meu olhar para o seu e com as mãos alcancei seus seios sobre a blusa fina. Patrice sorriu em meio a um gemido, o que me fez beijá-la novamente e sequer me lembrar que estávamos em meu escritório.

Uma batida na porta chamou minha atenção, mas resolvi ignorar. Depois de tanto tempo, sentia-me vivo, nada me tiraria dali. Minha secretária sabia o momento de recuar, seja do que que fosse.

— Paul! — ela gemeu e puxei suas pernas para minha cintura, levando-a até a mesa.

De repente a porta se abriu e senti o corpo de Patrice endurecer. Bufei, e não deixei que saísse de cima da mesa. Quem fosse já teria visto a

cena por completo. Apenas teria que lidar com os danos colaterais.

— Você não muda, Paul! — o grito feminino me fez paralisar, mas ao mesmo tempo, relembrei o que Klaus me contara.

Virei-me lentamente e deixei o corpo de Patrice escondido atrás do meu. Ruby estava vermelha e claramente segurando o choro. Mas de alguma forma aquilo não me tocou, não dá forma que deveria ou que esperava que fizesse.

— O que faz aqui, Ruby? — perguntei, num tom profissional.

— Eu... Vim te ver. Mas claramente já encontrou uma distração.

A gargalhada de Patrice preencheu o ambiente e me virei para ela. Ela passava as mãos pelos cabelos loiros que desordenei por completo. E naquele momento em que sequer me importei com a presença de Ruby, soube que não era amor. Não poderia ser. Não poderia ter sido. Patrice, uma mulher que mal conhecia, em alguns momentos juntos fez com que me esquecesse por completo da existência de Ruby. Se a amasse, não teria outra mulher em minha mesa. E mais, não sorriria verdadeiramente para outra.

Patrice saiu da mesa e prendeu os cabelos num coque alto.

— Pelo jeito vocês tem algo a discutir. — Patrice falou e me encarou. — Depois conversamos, Paul.

Ela deu um passo para sair, e mais uma vez, em menos de uma semana, tinha uma escolha a fazer. Não precisei pensar duas vezes para simplesmente segurar o braço de Patrice e não a deixar ir.

— Fica. — pedi e Patrice arregalou os olhos, claramente surpresa. — Ruby, vamos marcar e conversar em outro lugar. — falei sério, encarando a mulher que mal reconheci naquele instante. Ela assentiu, claramente sem saber o que fazer.

Ela então saiu pela porta ainda aberta e suspirei fundo, de alívio. Sequer entendendo o que tinha me feito deixá-la ir. Talvez suas mentiras? Talvez por que ela fazer aquilo apenas lembrou de que ela transava com outros no passado e que não fora apenas eu o culpado de algo? Talvez por que nunca a amei?

— Paul, eu realmente posso ir. Não vou me importar se quiser falar a sós com sua amiga. — Patrice comentou e tive a certeza que fiz a escolha certa.

— Não se preocupe com isso. — falei simplesmente. — E me desculpe por ela aparecer dessa forma.

— Sem problema. — passou as mãos por sua nuca. — Já vou indo, ainda preciso fazer compras hoje.

— Que tal um jantar? — perguntei e Patrice arqueou a sobrancelha. — Como da última vez, mas sem a parte de apagarmos pela bebida.

Patrice riu levemente.

— Acho que tem coisas para resolver. — refletiu, e infelizmente, ela tinha toda razão. — Depois disso, podemos sair para jantar. — piscou e veio até mim, dando um leve beijo em meu rosto, bem próximo de minha boca.

Acompanhei Patrice até a porta e não pude evitar ficar parado apenas a olhando entrar no elevador, até as portas de metal se fecharem.

— Está tudo bem, senhor Russel?

A voz de minha secretária soou de repente, e ela pareceu realmente preocupada.

— Está sim. — respondi simplesmente e voltei para dentro de minha sala. Porém, aquela era apenas uma mentira. Sequer sabia o que estava acontecendo comigo. Entretanto, sorri levemente. Patrice parecia ter me despertado para a vida e não me arrependeria tão cedo daquele beijo.



Capítulo 7

“We can't make
Any promises now, can we, babe?
But you can make me a drink (...)
Oh, damn, never seen that color blue
Just think of the fun things we could do”[\[1\]](#)

— Me conta isso direito, Patrícia! — Lia praticamente gritou e aumentei o som da televisão. Pelo jeito, ela estava brava, por usar meu nome real.

Precisava ouvir uma música e espairecer. Meu corpo parecia ainda sentir o toque de Paul, e mais, o gosto de seu beijo me inebriava. Lia continuou estática me encarando, claramente curiosa sobre o que aconteceu entre eu e seu cunhado. Tanto que ela saiu do apartamento de seu atual noivo, Klaus, após uma simples mensagem minha, sobre o beijo com Paul.

Levantei-me e comecei a dançar de acordo com a batida suave, como um bom e velho jazz. Só que na minha tão amada língua natal, a qual parecia me deixar ainda mais imersiva nas músicas. Ainda mais, com uma cantora tão incrível como aquela.

*“Já me perdi tentando me encontrar
Já fui embora querendo nem voltar
Penso duas vezes antes de falar
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca

Sempre fiquei quieta, agora vou falar*

*Se você tem boca, aprende a usar
Sei do meu valor, e a cotação é dólar
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca*

*Me perdi pelo caminho
Mas não paro, não
Já chorei mares e rios
Mas não afogo, não*

*Sempre dou o meu jeitinho
É bruto, mas é com carinho
Porque Deus me fez assim
Dona de mim*

*Deixo a minha fé guiar
Sei que um dia chego lá
Porque Deus me fez assim
Dona de mim.”*

Lia felizmente entendia boa parte do que se falava, e arriscou seu português junto comigo. O que facilitou e muito nossa aproximação no passado, fora o fato de que sua mãe era brasileira. Minha amiga se levantou assim como eu e pareceu imersa naquele momento. Ambas amávamos dançar e cantar.

*“Já não me importa a sua opinião
O seu conceito não altera minha visão
Foi tanto sim, que agora digo não
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca*

*Quero saber só do que me faz bem
Papo furado não me entretém
Não me limite que eu quero ir além
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca.”^[12]*

De repente Lia girou e pegou o controle sobre a mesinha de centro, desligando a televisão. Encarei-a em choque, e a mesma, apenas cruzou os braços, claramente esperando explicações. *Ok, era hora de falar a respeito do tal beijo com Paul.* Que no fim, sabia bem, não era nada demais. Ao menos, não deveria ser.

— Não acredito que deixou seu noivo lindo sozinho só para vir ouvir uma historinha curta e chata sobre como foi beijar Paul Russel, meu grande desejo da adolescência. — revirei os olhos de mim mesma, e fui até a cozinha, em busca de água.

Abri a geladeira e tirei uma garrafa. Enquanto bebia, Lia se sentou numa das banquetas e se escorou no balcão que dividia a cozinha da sala de estar.

— Digamos que a vida deu uma volta meio louca nos últimos tempos. Agora, estou noiva do homem que sempre amei, e você, beijou o irmão dele... o que devo dizer que não me surpreendeu. — comentou e a encarei sem entender.

— Por que não está surpresa? — indaguei, fechando a garrafa e lhe oferecendo. Lia negou com a cabeça e passou as mãos pelos cabelos castanhos.

— Porque sou uma romântica e sabia que Paul não resistiria a você quando te visse. — falou simplesmente, como se fosse óbvio. — Pode não se achar linda e ter até receio do que a maioria das pessoas pensa a respeito do seu jeito, Pat. Mas isso, não impede de que se sintam atraídos pela barbie mais linda que conheço.

Sorri diante de suas palavras e agradei internamente a Lia. Ela era minha melhor amiga desde a adolescência, e sempre seria grata por tudo que aprendemos juntas sobre autoestima e o respeito com outras pessoas.

— Ok, vamos lá! — falei sem muita vontade. — Tinha uma reunião na Russel hoje, e foi com ninguém menos que seu cunhadinho. — Lia sorriu e pareceu se interessar pela história. Uma nova inspiração para a trilogia que ela lançaria. — Aí, após a reunião o assunto sobre aquela noite veio à tona, e Paul ficou surpreso ao saber que não transamos. — Lia arregalou os olhos e gargalhou. — Então, quando fui sair, acabei tropeçando, acho que pela proximidade dele... Enfim, a minha atração por ele me colocou nessa enrascada. Ele me segurou e quando vi, estávamos sobre sua mesa e nos pegando feito loucos.

— Uau! — Lia exclamou feliz e bateu palmas. — Já estou com isso em mente para o livro de vocês, que terei o maior prazer de escrever.

— Cale a boca, June! — reclamei. — Aí, a porta do escritório se abriu e a tal Ruby apareceu, a qual Diana me falou, e pelo jeito, é um amor do passado de Paul.

— Nunca gostei dela. — Lia fez cara de tédio. — Além do mais, te contei sobre ela tocando em Klaus no meio da pista de dança. — seu semblante fechou. — Pelo jeito, ela não quer apenas um Russel.

— Não sei, mas, tentei sair de lá o mais rápido possível. Deus me livre passar por mais uma ceninha entre aqueles dois! — fiz o sinal da cruz e pedi proteção no mesmo instante. — Enfim, ele me segurou e pediu para ficar. E simplesmente dispensou a tal Ruby.

— O que? — gritou abertamente, quase me deixando surda.

— Porra, Lia! — meu português soou, e ela gritou ainda mais, completamente animada.

— Ele tá tão na sua, porra! — falou também em minha língua natal e se levantou, parecendo uma adolescente ao pular para todos os lados.

— Não adianta citar “todo mundo odeia o Chris”. — refutei. — E para de me olhar como se essa atitude de Paul fosse algo tão esplêndido. Somos do mesmo tipo, tenho certeza.

Lia revirou os olhos e se sentou.

— Do tipo que quer transar loucamente e depois nunca mais se falar? — indagou e assenti.

Era a mais pura verdade. Não andava em busca de um relacionamento. Paul era apenas um cara para se perder numa noite, não nos apaixonaríamos. Lia e sua mente mirabolante de escritora.

— Depois que transar com ele, tenho certeza que as coisas vão passar feito pó. — confessei, pois realmente acreditava naquilo.

— Você não tem jeito, Patrice!

A voz de Troian reverberou pelo ambiente e dei de ombros. Sentia muito por ser daquela forma, ou nem tanto assim. Era uma mulher decidida, independente, e já aguentava julgamentos demais, para deixar com meu primo me tratasse como uma adolescente inconsequente.

— Tenho 27 anos, Troian. — falei, e o encarei irritada. — Transo com quem quiser, e o cunhado da Lia é o próximo da lista. — ele me encarou entediado e foi até Lia, dando um beijo em seu rosto.

— Como vão as coisas, Lia? — perguntou, e naquele momento, notei a diferença com que tratava as pessoas próximas. A forma como tratou Diana fora completamente fria, simplesmente por não a conhecer.

— Bem, bebê. — provocou e ele bufou. — Diana comentou sobre você.

— Ah é? — perguntei, gostando do caminho que aquele assunto tomava. — O que ela disse? Que Troian parece uma pedra de gelo? — provoqueei.

— Que queria o número dele. — Lia falou e piscou para ele, fazendo-me rir abertamente. — O que me diz? Posso passar?

— Não. — ele respondeu rapidamente e o encarei espantada.

— Ela é uma mulher linda. Para de ser louco, Troian! — reclamei e ele deu de ombros.

Deu as costas para nós e simplesmente foi em direção a porta, saindo do apartamento em seguida.

— Idiota. — reclamei e Lia sorriu. — O que foi?

— Diana já tem o número dele. — revelou e arregalei os olhos. — Digamos que Klaus sem querer mandou de meu celular para o dela. Eles são melhores amigos, e depois de tudo que ela fez por nós, nada mais justo.

— Johnny é mesmo incrível. — exclamei feliz, e Lia suspirou, claramente se lembrando do noivo.

Chamá-lo como o par perfeito de Lia, com o apelido que tanto combinava com o June que sempre lhe dei, fazia todo sentido. Eles eram perfeitos um para o outro. Parei para pensar por alguns segundos, imaginando como era se sentir daquela forma, completamente entregue. Um sentimento que te leva a imaginar uma vida ao lado da outra pessoa. Construir uma vida com outro alguém. Os olhos de Paul surgiram em minha mente, e tratei logo de mandar para longe aquela imensidão azul. Ficar perto de Lia e seus devaneios de romancista começava a me afetar.

Paul

— Eu ainda não entendi porque não me disse a verdade sobre Patrice. — falei, e abocanhei metade do pedaço de pizza em minha mão.

Diana revirou os olhos e pegou um pedaço na pizza na caixa de papelão disposta na mesa de centro.

— Parece muito interessado nessa conversa. — debochou e a

encarei decidido.

— Qual é, Dia? — perguntei irritado. — Somos amigos a vida toda e resolveu se abrir para uma mulher que mal conhece, e além de tudo, não me contou que não transei com ela. Fiquei me culpando por isso, sabe bem.

— Culpando-se por transar com uma mulher espetacular e não lembrar? — questionou com a sobrancelha arqueada e se ajeitou na poltrona a minha frente. Abri a boca para responder, mas ela fez um gesto com a mão, de claro pouco caso. — Se for dizer que se culpou por Ruby, me poupe. Acorda para a vida, Paul! Você sequer chegou a gostar dela, quem dirá ela é a mulher da sua vida.

— Dia...

— Vamos ser honestos aqui, ok? — perguntou e deixou a pizza na caixa. — Naquela época, Ruby pediu dinheiro para você e pela primeira vez não levou tão a sério. Aí, um dia depois, ela te pega transando com outra no apartamento, e diz que ia se declarar e *blá blá blá*. — falou com descaso, e fiquei completamente inerte. Onde Diana queria chegar desenterrando tal história? — Antes da ceninha, ela apareceu no meu apartamento e se fez de coitada, como sempre. Alegando que era a mulher que mais durou na cama de Paul Russel, mas que você não a valorizava mais. — confessou, deixando-me paralisado.

— Que merda está falando? — perguntei irritado, já com nada em mente.

— Acorda, Paul! Você nunca suportou levar um “não” e por isso, ficou tão louco por Ruby. Ela nunca foi uma amiga e te avisei um milhão de vezes. Você não quis me ouvir! Ficou completamente obcecado por ela, ou melhor, pelo sexo com ela. Mas não foi o suficiente, então, transou com outra. Aí ela fez a ceninha, porque o pegou no flagra e você se culpa. Esquecendo o fato de que ela transava com outros caras. Na sua cabeça, depois que ela te deixou, se tornou mulher certa. Então começou a sair com todo mundo, buscando *sei lá o que* Ruby te dava.

— Por que diabos parece estar me analisando? — levantei-me, completamente enfurecido. Diana permaneceu sentada e me encarou com falsa calma. — Como assim ela te pediu dinheiro?

— Ela pediu e não conseguiu. — deu de ombros. — Aí, ela simplesmente desapareceu depois da ceninha que viu. Mágica, não é?

— O que está insinuando, Dia?

— Nada. — levantou-se e veio até mim, apontando o dedo em meu

peito. — Estou afirmando. Você parou de dar dinheiro para ela, então, ela precisou pular para o próximo otário. Ainda deixando um tolo iludido para trás.

— Por que estamos discutindo isso? — questionei, sem ainda conseguir assimilar suas palavras.

— Porque eu vejo a forma como olhou para Patrice e como ela se tornou recorrente nos nossos assuntos. De repente, você não parou de falar de uma mulher que mal conhece. — *touché*. — Faz quantos dias que a conhece e acaba de me contar que se agarraram no escritório? Você nunca, mesmo sendo um libertino, perdeu a cabeça durante o trabalho!

— O que Ruby e Patrice tem a ver? Ruby é uma mulher que agora nem sei mais o que pensar, não depois do que Klaus me contou, e agora mais essa merda de teoria sua. Patrice é só uma mulher que mal conheço e que tenho tesão, porra.

— Ah, Paul. Me poupa da sua lerdeza! — falou com desdém. — Com quantas mulheres transou nos últimos dias?

— Nenhuma, mas...

— Então vamos aos fatos. Você sempre está transando com alguém, e vi na sua cara que queria transar com Patrice quando a viu naquela noite. Mas não o fez, porque de alguma forma começou se controlar. E isso foi antes de Ruby te ligar pedindo para te ver.

— Não entendo onde quer chegar! — reclamei, já exausto. Só queria poder ter a noite da pizza com minha melhor amiga e esquecer problemas, não discutir.

— Que Ruby não é solução para problema nenhum, e que sei que Patrice mexeu com você. Ela é diferente do bando de mulheres que conhece e por isso me pediu o telefone dela, mas ficou se sentindo culpado porque Ruby surgiu do inferno!

Não me aguentei e comecei a gargalhar.

— Do que está rindo, imbecil? — perguntou com raiva.

— Da sua torcida para que eu transe e no fim me case com uma desconhecida. — falei, sem conseguir me aguentar. — Só porque Patrice e eu vamos transar em algum futuro próximo, não quer dizer que vou colocar uma aliança no dedo.

— Ri mesmo, com muita vontade. Porque logo vai cruzar com ela, seja por bem ou por mal. E aí, vai cair de quatro por aquela mulher! — proferiu e me encarou decidida.

— Vamos comer a pizza e beber, Diana. — pedi, voltando para o sofá e me jogando. — Deixe que a vida se encarregue disso. Preciso entender o que diabos aconteceu comigo em relação a Ruby e porque não saí correndo atrás dela quando apareceu na minha sala.

— O que? — Diana praticamente gritou.

Droga! Não lhe contei aquela parte.

— Ruby apareceu na empresa. — contei rapidamente. — Só que a mandei embora e insisti que Patrice ficasse.

— Você está apaixonado! — apontou em minha direção e gargalhou alto. — Está completamente ferrado, imbecil.

— Isso é coisa da sua cabeça. — falei com desdém, sem sequer cogitar tal possibilidade. — Não tem como se apaixonar por alguém que mal conhece.

— A atração meu caro, é o primeiro passo. Depois, vem o contato físico e de repente, você dorme com ela todos os dias... Pelo jeito, já pulou essa parte, porque simplesmente dormiu ao lado de uma mulher sem transar com ela. — provocou e lhe joguei uma almofada.

— Se não fosse minha melhor amiga estaria na rua agora mesmo. — brinquei e ela deu de ombros.

— Não vive sem mim e meus conselhos. — sentou-se novamente na poltrona. — Mas como você mesmo disse, vamos deixar a vida se encarregar. Porém, preciso te parabenizar, fez a escolha certa.

— Como assim?

— Colocou Ruby em seu devido lugar. — bateu uma palma e sorriu. — Logo as coisas vão mudar, meu querido imbecil. — apostou e apenas revirei os olhos.

Não adiantava discutir, quando Diana enfiava algo em sua cabeça, não saía tão cedo. Em breve, ela entenderia que Patrice e eu claramente buscávamos uma única coisa – prazer. Não estava apaixonado, apenas encantado com aquela mulher. Diana estava certa sobre uma coisa, ela era diferente de todas as mulheres que conhecia. Algo sobre ela era bom demais para ser deixado de lado, na realidade, não deixaria passar. Ela me fizera sentir vivo, e aproveitaria todo o tempo que pudesse passar junto ao seu corpo. Bastava, ter a chance.



Capítulo 8

“Que quede claro
Si tú te portas bien, yo te lo voy a dar
Como nunca te lo han dado
No te equivoques.”^[13]

Uma noite em claro, pensando e repensando tudo em relação a Ruby. O passado me acertou em cheio e tentei encontrar o mesmo que Diana desconfiava. Ruby não passava de uma interesseira? Então, por que, de todas as mulheres com as quais me envolvi, justo ela, parecia ter ficado gravada em mim?

Por que depois de tanto tempo, de repente, a deixei ir sem mais nem menos, e optei em ficar com alguém que mal conhecia ao lado? Talvez porque o que sentia por Ruby não passasse de culpa, por ela ter me pego na cama com outra? Suspirei profundamente, sentindo-me sujo com aquilo. A culpa me cercava, mesmo que exclusividade nunca fora algo decretado com Ruby. Ela mesma, saía com outros homens estando comigo. Por que diabos me importei tanto com ela? A ponto, de ficar tão feliz quando me ligou?

Carência? Vontade de retomar a tranquilidade que ela me dera naquela época? Dívida por ter sido um completo babaca? Passei as mãos pelo rosto e segui em direção a sala, jogando-me sobre o sofá. Minha cabeça pesava, e olhando para o relógio sobre a mesinha de centro, já se passavam das três da manhã. Por que aquelas perguntas me atormentavam? Por que parecia completamente perdido?

Com trinta anos, ao menos, imaginei que sentimentos se tornariam algo fácil, não que ficaria feito um adolescente me remoendo pelo passado e presente. As palavras de Diana a respeito de tudo me atormentavam, pois,

infelizmente, minha melhor amiga tinha uma boa percepção das coisas ao redor. Ao menos, o que Diana não resolvia em sua vida particular, o fazia tanto comigo quanto com Klaus.

— Merda! — reclamei para o silêncio e fechei os olhos.

Os olhos verdes de Patrice me atormentavam, e lembrei-me por completo da loira de boca esperta e completamente sensual. Ela despertara em meu corpo, algo, que mesmo estando com muitas mulheres, parecia ter se perdido. Era um desejo que fazia meu corpo querê-la além de qualquer coisa. Lembrei-me de seu toque, de seu beijo... Patrice estava tão entregue quanto eu.

— *Acho que tem coisas para resolver.*

Sua voz doce atingiu minha mente e aquela frase parecia ainda viva. Precisava me resolver, e entender o que acontecera de fato entre eu e Ruby, assim, iria atrás de Patrice. Sorri para nada, ao lembrar de como ela completara sua fala.

— *Depois disso, podemos sair para jantar.*

Há muito tempo não levava uma mulher para jantar, mas algo me dizia, que não me arrependeria nem por um segundo ao fazer aquilo com Patrice. Ela me lembrava alguém, a pessoa que fora mais importante em minha vida, e poderia dizer, que era uma das poucas pessoas que parecia sorrir verdadeiramente como ela. Como Cereza Russel, minha mãe, que sempre sorria para o mundo, mesmo ele sendo cruel. Patrice me recordava dela.

Respirei fundo, passando as mãos por meu rosto. Precisava resolver estas questões e tomar as rédeas de minha vida. Não acreditava em amor, não do tipo que aparece de repente e se torna o centro de seu universo. Não existia possibilidade de estar apaixonado. Patrice parecia um bálsamo, colocada no momento certo em minha vida. Acreditava em destino, e aquilo, fazia todo sentido. Só precisa descobrir o que representava para ela. Assim, me perderia em seu corpo, como ambos desejássemos.

Patrice

— Eu estou saindo. — Troian avisou, passando pela sala de estar, e sem me dar sequer tempo de indagar sobre onde ele iria.

Algo estava acontecendo com ele, e começava a me preocupar. Desde que chegamos a Nova Iorque, Troian parecia imerso em seu próprio mundo. Sequer fizemos o que geralmente costumávamos, assistir filmes pela madrugada toda, ou maratonar alguma série.

Suspirei fundo e foquei nos papéis a minha frente, tentando entender o contrato que meus tios haviam me passado por e-mail. Eles eram os donos da Conference, a empresa a qual representava, entretanto, nunca facilitaram para mim. Na realidade, eles sempre imaginaram, assim como eu, que Troian tomaria a dianteira de tudo. Porém, ele nunca levava jeito para tal coisa. Desde muito cedo, quando deixou a faculdade e fui tocar com uma banda pelo país, eles viram que ficar preso dentro de um escritório não era para o filho. Felizmente, eles respeitaram, e com o tempo, Troian descobriu o que realmente amava fazer – ensinar.

Ao contrário dele, sempre me vi fã de números e discussões, e com o tempo, tornei-me a primeira da lista para assumir o lugar de seus pais. Todavia, não era algo que tinha em mente. Eles criaram um império de tecnologia no Canadá, e por mais que amasse solucionar problemas, nunca me vi como líder da empresa. Aos 27 anos, ainda era muito cedo para pensar a respeito. No final, eles quem decidiriam. Eram como pais para mim, mas nunca deixaram que o parentesco interferisse em cada passo que dei dentro da empresa. Com muito trabalho, puxadas de orelha e atenção, cheguei onde tanto almejava.

Naquele momento, olhando para as pastas empilhadas sobre a mesa de centro da sala, assim como alguns papéis jogados pelos sofás, pensei a respeito de meus pais. O que eles pensariam sobre mim? O que achariam de sua única filha? Eles se orgulhariam? Peguei o celular em mãos e respondi a mensagem de Lia sobre sairmos no dia seguinte. Olhei para o contato de minha tia e não pude evitar, disquei seu número. Como sempre, ela atendera rapidamente.

— *Ei, estrelinha. — seu português me fez sorrir, e era gratificante falar com alguém na língua que tanto amava. — O que houve?*

— Como sabe que aconteceu alguma coisa? — indaguei, suspirando fundo, e me levantando do sofá. — Posso estar apenas com saudades, *tata*.

— *Você sempre está com saudade, estrelinha. — aquilo era verdade, e ela me conhecia bem. — Agora me diga, o que está acontecendo?*

Andei até a varanda e abri a porta de vidro, deixando o ar do fim da tarde da cidade que nunca dorme, bater em meu rosto.

— Estava me perguntando se papai e mamãe teriam orgulho de

mim. — confessei, e ouvi seu suspirar profundo do outro lado.

Encarei os últimos raios de sol e tentei não pensar muito a respeito. Mesmo depois de tantos anos, era difícil imaginar que a vida seguia sem eles. De um jeito mais difícil, mas simplesmente, seguia.

— *Você é o maior orgulho deles, estrelinha. Onde eles estiverem, tenho certeza, que sempre sorriem ao ver a mulher forte que se tornou. — suas palavras me atingiram em cheio, e não pude impedir uma lágrima de descer.*

— Eu os queria aqui. — respirei fundo, tentando não desabar. — Por que ainda é tão difícil, tata? — perguntei, mesmo que ela não pudesse ter a resposta certa.

— *Porque quando a gente ama, de verdade, o para sempre é pouco tempo, estrelinha. — foi impossível não sorrir diante de suas palavras. — Um dia, vai encontrar alguém que fará o mundo um lugar mais seguro novamente para você. Como te disse e sempre repetirei, ninguém pode ser responsável pela sua felicidade, porque ela é exclusivamente sua. Mas ter alguém para quem sorrir, sempre fará o momento ainda mais belo.*

Sorri, e senti meu coração aquecer. Era por aquilo que ligava para ela, para poder voltar a sorrir da forma que tanto ela, quanto meus pais me ensinaram.

Sorria, pequena. A vida é curta demais para não sermos felizes. Guardaria a frase de minha mãe para sempre, e levava como mantra e marcada em minha pele.

— Eu te amo, tata. — falei, sentindo vontade de lhe abraçar naquele instante.

O som da campainha soou e pensei rapidamente em quem poderia ser, mas nada se passou em minha mente.

— *Eu também te amo, estrelinha.*

Andei até a porta rapidamente, e encarei o olho mágico. Engoli em seco no mesmo instante, sem entender o que acontecera.

— Tata, eu preciso desligar. — comentei rapidamente, abrindo a porta. Ao encarar o homem parado, com um sorriso perdido no rosto, fiquei completamente sem reação. — Te ligo depois, tudo bem?

— *Ok, estrelinha. Até mais!*

Minha tia desfez a ligação e coloquei o celular no bolso de trás dos shorts jeans gasto que usava. Não conseguia entender o que estava acontecendo, e por que Paul Russel estava parado a minha porta.

— Paul? — perguntei, e ele pareceu apreensivo diante de minha surpresa. — O que faz aqui?

Ele fechou a expressão e pareceu cair em alguma realidade, sorrindo levemente. Ele era ainda mais bonito quando sorria, devia o fazer mais vezes.

— Diana me disse que jantaríamos juntos hoje. — comentou, fazendo-me arregalar os olhos. — E isso incluía Klaus e Lia.

Abri a boca para dizer algo, mas não consegui raciocinar.

— Entra, por favor.

Dei-lhe espaço e o mesmo adentrou meu apartamento, claramente desconfortável.

— Vou ligar para ela e tentar entender o que está acontecendo. — informei, e peguei o celular nas mãos, discando seu número.

Paul olhou ao redor do apartamento e logo seus olhos azuis encontraram os meus. A ligação tocou até cair, e resolvi mandar uma mensagem para Diana. *O que estava acontecendo?* Lia me falou que sairia com Klaus para comemorar alguma data inventada entre eles, e Diana, sequer me informara algo.

— Ela não atende. — falei, após a ligação ir direto para caixa-postal.

Paul piscou algumas vezes e notei seu olhar mudar. Ele depositou o vinho que carregava sobre uma das poltronas e deu alguns passos até mim, parando, perigosamente muito próximo.

— Eu acho que entendi o que ela fez. — comentou, e o encarei como se estivesse delirando. — Ela quer nos aproximar.

Engoli em seco e dei um passo atrás, dando a volta na sala, e indo em direção ao balcão da cozinha. Parei ali, encostada contra o tampo de granito, e tentei não imaginar que Paul dominara basicamente todo ambiente. Algo nele, parecia dominar meu próprio corpo. *O que Diana estava pensando?*

— Liguei para Diana mais cedo e contei que resolvi um problema do passado. Aquele que você viu e disse que eu poderia te chamar para jantar quando resolvesse. — jogou de repente, sem qualquer sutileza.

Senti meu rosto queimar e passei as mãos pelos cabelos presos num coque alto na cabeça. Olhei para Paul, e permiti-me analisá-lo por um instante. Ele vestia um terno sob medida na cor cinza chumbo, que ressaltava cada músculo dele quando se movimentava levemente. O

problema era que ainda não entendia o que aquele verdadeiro sonho de homem de terno fazia no meio da minha sala de estar. Em que sonho bizarro estava?

— Ela acha que estou apaixonado por você. — falou, e deu alguns passos em minha direção, claramente cauteloso. — E acredito que pensa ser recíproco.

Paralisei, sem conseguir interpretar sua fala. Ele estava falando sério?

— Nós mal nos conhecemos, Paul. — constatei a realidade, e ele assentiu, parando a minha frente.

Sentia-me intimidada pela sua imponência, mas ao mesmo tempo, o olhar lascivo dele, demonstrava que dois poderiam jogar tal jogo. Passara a noite anterior remoendo o beijo dado em seu escritório, pensando em como meu corpo reagiu tão perfeitamente ao dele. Colocara em mente que iria para uma balada e tentaria tirar o feitiço que jogara sobre mim. Só que naquele momento, ele parecia querer me hipnotizar por completo.

— Hoje descobri que nunca amei a mulher que um dia vi como minha salvação. — comentou e o encarei ainda mais perdida. — Tenho trinta anos, Patrice. Não sou um homem de brincar ou fingir algo. Quando quero algo, eu simplesmente falo.

— O que realmente quer aqui aqui, Paul? — perguntei num fio de voz, e uma de suas mãos alcançou meu rosto.

Um arrepio percorreu todo meu corpo e suspirei baixinho, mordendo o lábio diante da excitação em minha pele.

— Não sei. — sua honestidade me assustara. — Mas ao olhar para você, não consigo pensar em outro lugar do mundo que poderia estar agora.

— Paul...

— Eu te quero, Patrice. — confessou, e meu coração traiçoeiro batia freneticamente, como se em sintonia com meu corpo que o desejava sofregamente. — Te quero e não me importo se nos conhecemos pouco.

— É tesão. — falei, tentando nos tirar daquela atmosfera que ia além da sedução.

Paul segurou uma de minhas mãos e colocou sobre seu peito, e logo, fez o mesmo com sua, pairando sobre meu coração. Arregalei os olhos, surpresa por completo diante de seu gesto. O coração dele parecia bater tão rápido quanto o meu, de forma sincronizada. Naquele momento, tive a certeza, estávamos em sintonia.

— Não sei o que diabos é isso. — confessou e fez um leve carinho em minha bochecha esquerda. — Mas eu quero, seja o que for.

— O que está acontecendo? — perguntei, sem esperar por resposta, já que nem ele mesmo sabia.

Porém, Paul não me deixara sem a mesma. Olhando-me com atenção, encarou meus lábios e logo meus olhos, claramente pedindo permissão. Éramos nós, frente a frente, de uma forma que sequer imaginei. Sem saber o que dizer, simplesmente fiquei na ponta dos pés e puxei seu rosto para o meu, nossos lábios se encontraram novamente, e uma frase que nunca pudera relacionar a outro homem, explodira em minha mente, assim como seu gosto em minha boca. *“Quando seus lábios encontraram os meus, eu sabia que eu poderia viver até os cem anos e visitar todos os países do mundo, mas nada se compara ao que momento único quando eu beijei o homem dos meus sonhos.”*^[14]

Minha mão se emaranhou em seus cabelos, e logo senti meu corpo ser levantado e depositado sobre a bancada. Nenhuma racionalidade era necessária. Nem mesmo, o que acontecera para nos levar até aquele momento. Eu o queria, ele me queria. Sentimentos poderiam ou não existir. Apenas nós, bastava, naquele momento.



Capítulo 9

“Something must've gone wrong in my brain
Got your chemicals all in my veins
Feeling all the highs, feel all the pain
Let go on the wheel, it's the bullet lane
Now I'm seeing red, not thinking straight
Blurring all the lines, you intoxicate me.”⁽¹⁵⁾

As mãos de Paul subiram para meus cabelos e seus lábios para meu pescoço. Suspirei, soltando um leve gemido, sem conseguir acreditar que o dono de meus sonhos mais luxuriosos, estava em minhas mãos. Desci os dedos para o seu paletó, e o tirei pelos ombros. Toquei seu peito por cima da camisa fina, e senti a dureza de cada um de seus músculos. Olhei-o em aprovação e Paul pareceu entender que palavras não eram necessárias.

Sua boca voltou para a minha, e seus braços me puxaram para seu colo. A passos um pouco incertos, ele se sentou no sofá, e senti meu corpo corresponder por completo ao seu. Sentada, sobre ele, encarando os olhos azuis que pareciam entregar muito além do corpo, senti meu coração completamente em perigo. O que estava acontecendo?

— Você se sente assim como eu? — perguntou e uma de suas mãos subiu para meu pescoço, acariciando-o. — Como se não entendesse o que acontece mas quisesse isso mais que tudo.

— Sim. — respondi, perdida diante de sua intensidade.

Não era como se pudesse mentir, não era aquele tipo de pessoa. Porém, minha insegurança parecia gritar sobre o que aquilo parecia. Há alguns dias ele estava atrás de outra mulher, deixando-me parada em seu apartamento, achando que tínhamos transado durante a noite. Essa mesma mulher, que entendia ser parte importante de seu passado, reapareceu, e nos

encontrou de forma constrangedora, só que ele fizera uma escolha diferente da que imaginara. Ele me escolhera.

Aquilo poderia significar nada. Ou tudo.

Entretanto, todas as perguntas vasculhando minha mente, não permitiam que meu corpo se entregasse da forma como tanto queria. Encarei-o e notei que não existiam dúvidas a respeito do que ele queria. Seus lábios encontraram os meus mais uma vez, e era como em um passe de mágica, tudo se dissipasse. Talvez, fosse mesmo como nos livros. Quando se encontrava o cara certo, por mais errado que parecesse, nada mais importava, a não ser, estar em seus braços.

Não deixei que nenhum pensamento voltasse e deixei meu corpo falar. Beijei-o tão afoito como o mesmo, e logo meu corpo foi sendo deitado contra o estofado. Minhas mãos o ajudaram a se livrar da camisa, e as suas mãos subiram por minha barriga, enquanto seu olhar parecia me encarar com adoração. Minha regata branca logo saiu e o olhar de Paul ficara ainda mais escuro, ao notar que não usava sutiã. Meus shorts teve o mesmo destino, e logo nossos peitos nus se tocaram.

Minha pele se arrepiou por completo, e não pude evitar morder com força seu queixo, como se aprovasse a forma como me tocava e nos descobríamos. Tratei de tirar sua calça e, por fim, a cueca, deixando-o completamente nu a meu bel prazer. Paul abriu um sorriso lascivo, e aproveitei o momento para me livrar da última peça. Escapei de seu corpo e me levantei, tirando lentamente a pequena calcinha. Paul me encarou estático por alguns segundos, claramente, apreciando o showzinho particular.

— Vem! — chamei-o e ele se levantou, sem pudor algum por estar nu, beijando-me com fome.

Ele parecia perfeito demais para ser verdade, pois além de ter um corpo que faria um santo pecar, claramente, não importava com regra alguma na hora do sexo. *Entre quatro paredes eu só almejava o prazer.* Assim, quando seu corpo me chocou contra uma das paredes do corredor, tive que usar o último fio de autocontrole para conseguirmos chegar a minha cama.

Entre beijos, gemidos e palavras sacanas, consegui adentrar o quarto, e o joguei contra a cama. Paul sorriu, e logo parei sobre ele. Nus, e completamente entregues. Não pensei duas vezes e comecei a beijar sua pele, saboreando aquele que um dia tanto desejei, que no passado, foi o alvo de meus sonhos mais pecaminosos. Se naquela época ele era bonito,

naquele momento, gemendo sensualmente e me hipnotizando com seu olhar de predador, ele se tornara a perfeição.

Cheguei com minha língua até seu pescoço e ali, deixei minha marca, sem ter noção porque o desejava tanto. Paul subiu as mãos por meu corpo e tocou cada pequeno pedacinho, deixando-me sem ar por alguns segundos. Levei a mão até o criado mudo e ali, peguei uma camisinha, sem poder mais suportar as carícias. Eu o desejava desesperadamente, e por seu olhar, era recíproco. Não pude resistir e o levei em minha boca, fazendo-o rosnar alto. Sorri por saber o quanto o atingia, e entender que aquele desejo era realmente mútuo. Coloquei a camisinha, e assim que meu corpo voltou para o seu, ele não esperou duas vezes e puxou-me para um beijo faminto, ao mesmo tempo, em que se posicionava em meu corpo.

Senti-o me invadir e toda minha mente girou, e meu corpo entrou em pleno colapso. Ainda, nos beijando, me movimenter sobre ele, sentindo-o me preencher no limite. No limite não só carnal, mas de todo meu ser. Existia algo naquele ato que ultrapassava qualquer linha de consciência. Algo além parecia nos unir.

Nos afastamos por falta de ar, e as mãos de Paul se entrelaçaram com as minhas, deixando claro que me dava todo controle de nosso ritmo e prazer. Não me fiz de rogada e aceitei seu pedido sem pensar duas vezes. A cada encontro de nossos corpos, algo dentro de mim parecia próximo do próprio nirvana. Paul soltava palavras desconexas e aos poucos, parecia se render ao prazer completo como eu. Nossos olhos se encontraram, e naquela pequena troca de olhares, ficara claro que não seria apenas um momento.

Como sempre pensara e reafirmava: entre quatro paredes eu só almejava o prazer. Porém, naquele momento, em que olhei para o corpo daquele homem sob o meu, enquanto nossos corpos mostravam uma conexão única, tive a certeza mais assustadora de minha vida. Não era só uma paixonite adolescente, muito menos, um tesão desenfreado. Existia algo em Paul Russel que me atraía sempre para perto, que mesmo com o passar dos anos, parecia me trazer para ele.

E naquele momento, não me importei. Entreguei-me por completo a ele.

Paul

Patrice se remexeu na cama, e a encarei com carinho, sem saber ao certo o que sentia, mas sem preocupação alguma de sentir. Algo nela, especificamente a sua clara felicidade, mexia comigo. Notei o quanto estava cansada, quando depois da segunda vez que fizemos amor, caíra em um bom sono. Encarei-a mais uma vez, e afastei algumas mechas dos cabelos loiros que grudaram em seu belo rosto. Não poderia, nem se quisesse, me arrepender do que fizemos.

Amor... Desde quando fazia amor? Desde quando via o sexo de tal forma? Não saberia dizer, mas com Patrice, fora diferente. Existiu uma conexão que nunca poderia explicar em palavras. Afastei-me com cuidado de seu corpo e me levantei da cama. Sorri rapidamente, lembrando-me que dias atrás, estávamos na mesma situação, só que parecia completamente cego pelo passado, e mais, não estivemos juntos de fato.

Patrice era a primeira em muitas coisas em minha vida, e um dia, faria questão de lhe contar. Saí do quarto e fui até a sala de estar, encontrando minha cueca jogada sobre o tapete. Coloquei-a e encarei a pequena bagunça que fizemos como algo completamente positivo do caos. Nós nos completávamos e não poderia estar mais satisfeito por aquilo. Aquela latina tinha algo que me encantava, e iria até o fim, sem medo.

Lembrei-me de Ruby e a forma como não conseguiu mais me enganar, não daquela vez, e comecei a entender o porquê de ter ficado obcecado por ela. Ruby fora a primeira menina que gostei, na época do colégio, mas que sempre pareceu inatingível. Sua negativa sempre me fez querê-la mais, como um desafio a ser vencido. No final, mesmo após anos, venci, tendo-a em minha cama por longos meses e suprimindo tudo o que um dia desejara. Porém, um acúmulo de coisas me fizera sentir que existia algo mais entre nós.

Há um ano e meio, completou-se mais de duas décadas da morte de minha mãe e no mesmo dia, acabara brigando de forma terrível com meu pai e irmão, aquilo me destruiu por completo. Sentia-me só, e meu orgulho falou mais alto, e acabei buscando refúgio em que estava mais próxima – Ruby. Era só sexo, e poucas conversas, mas um dia, vi-me transando com ela para esquecer. Esquecer a forma miserável com que me sentia. Funcionara, por um longo tempo, até que o sexo fora se tornando mais do mesmo. Quando comecei a perceber que éramos apenas amigos de foda, nada mais. Porém, encontrá-la parada no meio de minha sala, enquanto

fodia outra mulher, fez com que a culpa me acusasse de forma atormentadora.

Meus sentimentos se perderam ali, e hoje sabia, que confundi culpa com amor. Ruby foi embora, deixando-me ao dizer que me amava. Eu queria aquele amor, desejava desesperadamente, porque não me sobrara nada. Por isso, aguardara seu retorno, buscando em outras mulheres, algo que apenas ela podia me dar, ou que acreditei poder – amor. Porém, nossa conversa mais cedo fora esclarecedora. Ruby nunca me quis, fora apenas mais um em seu ciclo perfeito de homens ricos para bancarem a vida que ela tanto desejava.

— *Diana é uma surtada. — falou despreocupada e se fazendo de ofendida. Sentia a raiva subir por todo meu corpo e respirei fundo.*

— *Não ouse falar assim de minha melhor amiga. — usei meu tom mais frio e ela arregalou os olhos, completamente surpresa. — Diz de uma vez, Ruby! Sabe agora que não vou mais te dar nenhum centavo. — enfatizei e ela engoliu em seco, parecendo absorver minhas palavras. — Foi por que não te dei dinheiro que armou aquela ceninha no dia seguinte em meu apartamento? — perguntei pela segunda vez e ela bufou, revirando os olhos.*

— *O que quer saber de fato, Paul? — refutou. — Se te amei? Isso? Se amei um homem com o qual mal trocava cinco palavras? Fodíamos e você pagava minhas extravagâncias. As coisas sempre foram claras para mim. Se criou um caso sobre, não tenho culpa.*

— *Por que aquela ceninha? — perguntei, mesmo já desconfiando da resposta.*

— *Completava uma hora em que pressionava Ruby sobre a verdade, deixando claro que não lhe daria nada de meu dinheiro. Aquilo pareceu funcionar, pois, finalmente, ela parecia começar a confessar a verdade.*

— *Porque poderia precisar de mais dinheiro no futuro e os Russel tem uma boa quantia, certo? — piscou e a fachada de mulher doce morrera ali. — Nunca amei ninguém além de mim e claro, o dinheiro.*

— *Entendo. — respondi, e não soube dizer porque aquilo sequer me incomodava. Na realidade, sentia-me livre, como se um peso saísse de minhas costas. Não existia mais culpa. Nunca existira amor.*

— *Ruby não passava de uma mentira, e nunca a escolheria. Não mais.*

— *Deixei algumas notas sobre a mesa e me levantei. Ruby fez o mesmo e me encarou surpresa.*

— Onde vai? — perguntou, claramente perdida.

— Buscar novos ares e esquecer que um dia acreditei que me amou.
— falei baixo, mas o suficiente para que ouvisse.

Sua reação não me importava, nem um pouco. Passei cerca de um ano culpando-me por uma mentira. Achando que tinha quebrado a única mulher que poderia me amar. Porém, ao pisar fora daquele restaurante, e olhar para o lado, vendo uma mulher loira vestida de sobretudo rosa, sorrindo abertamente, minha mente voou para o que o destino queria gritar – Patrice. Sentia-me livre não só para o passado, mas para ela.

Poderia e teria aquela mulher, algum dia.

Sorri, encarando seu belo apartamento. A tive, diante de uma armação de minha melhor amiga, mas que não poderia ter acertado em melhor momento.

— Paul?

Sua voz doce reverberou pelo ambiente e me virei, encarando por completo seus trejeitos. Ela surgiu no fim do corredor, com um lençol cor de rosa enrolado no corpo, que notara ser sua cor favorita e uma identidade única. Ela coçou os olhos levemente, tentando segurar o tecido ao mesmo tempo. Seus cabelos loiros estavam bagunçados, porém, pareceu não se importar.

Andei até ela, e enlacei sua cintura. Patrice me encarou um pouco surpresa, mas ao mesmo tempo, não negou meu toque. Aquele era um bom primeiro passo. O qual, sabia, me levaria direto para o que sentia por ela. Algo que não denominaria, não naquele momento, mas que fazia meu coração bater freneticamente.



Capítulo 10

“Stay right there, get away
I need space, I told you yesterday
Slow the pace down
But then I see your face
Can we do that tomorrow?”^[16]

Senti meu corpo inerte e não conseguia basicamente me mexer. O corpo masculino estava ao redor do meu, e sua mão fazia carinhos em meus cabelos. Fechei os olhos, e no fundo, mesmo querendo negar, pedi silenciosamente que aquele momento fosse congelado. Poderia ficar ali para sempre. Uma música me veio em mente, e foi impossível não a cantar baixinho.

*“Menina, me dá sua mão, pense bem antes de agir
Se não for agora, te espero lá fora, então deixe-me ir
Um dia te encontro nessas suas voltas
Minha mente é mó confusão
Solta a minha mão, que eu sei que cê volta
O tempo mostra nossa direção.”^[17]*

Senti o corpo de Paul se remexer e uma de suas mãos tocou a minha, entrelaçando-as. Não tínhamos conversado ainda, e temia por aquele momento. O mundo parecia tão mais belo, perdida sobre ele, sem pensar ou recriminar qualquer coisa. Por que era preciso acordar para realidade?

A realidade era que aqueles olhos azuis não liam minha alma, eles

apenas me viam como a mulher do momento. A realidade doía por ser tão honesta a ponto de que quando ele levantasse daquela cama, nunca mais teria a chance de provar seus lábios. A realidade era que transar com um homem sabendo que as coisas não estavam explicadas por completo não era algo coerente. A realidade era que Paul Russel me encarava como se fosse uma joia rara, e aquilo, parecia ser apenas uma loucura de minha mente e coração tolos. Desde quando gostava tanto de ser olhada?

— Em português? — sorri para sua pergunta, e deixei minhas indagações de lado.

— Quer ouvir? — perguntei e ele assentiu.

Fiz menção de sair de seu aperto e Paul me puxou de volta, surpreendendo-me com sua atitude.

— Preciso pegar o celular. — falei o óbvio e seu rosto tomou um leve rubor, mostrando claramente sua vergonha. Comecei a rir, sem me aguentar e muito menos, segurar minha língua. — Preciso urgentemente do meu celular para uma foto, isso sim.

— Por que? — indagou, claramente perdido.

— Não é todo dia que se tem Paul Russel envergonhado numa cama. — provoquei e ele levou um dos braços aos olhos, cobrindo-os, claramente se escondendo. Porém, um sorriso leve e verdadeiro emoldurou seu rosto.

— Prefiro que o celular seja para a música. — comentou, e permaneceu na mesma posição.

Sem conseguir me aguentar, fui até ele, e deposei um leve beijo em seus lábios. Saí dali, antes que me esquecesse do que ia fazer. Andei até a cozinha e comecei a procurar por ali o celular. Achei-o jogado sobre uma banqueta e não saberia dizer como este chegou ali.

Ouvi barulho da porta da frente e logo Troian entrou, olhando-me de cima abaixo. Felizmente não estava mais apenas com o lençol, mas vestia a camisa cinza de Paul, o que deixava claro que algo acontecera. Por um segundo me odiei por ter esquecido que dividia temporariamente aquele apartamento em Nova Iorque com ele.

— A noite está sendo boa pelo jeito. — sua voz saiu fraca e senti-me culpada no mesmo instante.

Troian não usava seu diário tom de repreensão, ele apenas parecia magoado. As palavras de minha melhor amiga me atingiram, sobre Troian sentir algo além do fraternal por mim. Notei seu olhar e tentei abrir a boca

para dizer algo, mas não tinha ideia do que. Se Lia estivesse certa e o tratamento de Troian não fosse apenas por preocupação, não saberia como lidar. Eu o amava, mas como um irmão. Nada além.

— Não vou atrapalhar. — avisou, ao levantar a calça masculina jogada sobre o sofá. Senti-me afundar no mesmo instante. — Só peço para que seja mais discreta e use o seu quarto, Patrícia.

Fechei os olhos, absorvendo suas palavras e levando mentalmente um soco na cara. Acabava de magoar uma das pessoas que mais amava no mundo. Como poderia consertar aquilo?

— Eu sinto muito, Troian. — falei, sendo o mais honesta possível.

Ele deu de ombros e antes que pudesse falar mais alguma coisa, simplesmente saiu pela porta novamente. Culpa me atingira, e não sabia o que fazer. Ele não podia me amar de forma diferente, ou poderia? Nunca reparei em algo além de seu jeito ciumento a respeito dos homens, e claro, a forma que me protegia.

— Patrice?

Pisquei algumas vezes e olhei para Paul, que parecia notar minha mudança repentina.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou e deu passos incertos para perto de mim.

Suas mãos tocaram minha cintura e senti-me mal, porque nunca percebera de fato como Troian me olhava, mas com Paul, parecia conseguir vê-lo por completo.

— A vida se complicando. — tentei ser evasiva e suspirei fundo. — Que tal a música? — perguntei, tentando fugir daquele assunto e Paul assentiu, não muito satisfeito com a resposta. Porém, seria tudo o que teria naquele momento.

Precisava conversar com Troian e entender como as coisas chegaram naquele ponto. Não queria magoá-lo, nunca fora minha intenção.

Desvencilhe-me de Paul o suficiente para pegar o celular, conectando-o a televisão no mesmo instante. Paul assistia cada passo meu sem dizer nada, mas parecia encantando com algo, o que não saberia dizer o que era. Em poucos segundos a música começou a soar por todo o ambiente e Paul se concentrou em ouvir.

Puxei-o pela mão e o levei até os sofás, para que me ficasse mais confortável.

— Vou traduzindo para o inglês, que tal? — perguntei, e parei a

frente de onde ele se sentara.

Surpreendendo-me mais uma vez, Paul me puxou para seu corpo, deixando-me sobre seu colo.

— Assim. — pediu e sorri diante de seu gesto. — Quer me dizer algo com essa música? — perguntou e apenas dei de ombros, deixando a concentração toda na tradução de cada palavra.

Os minutos se passaram, e notei que atenção de Paul não fugira de minha boca, atento a cada palavra e expressão que lhe dava.

“Esse papo de que se tu não existisse eu te inventaria é tão clichê

Mas cai tão bem quando se trata de você

Só vem comigo, cê não vai se arrepender

Só vem comigo, cê não vai se arrepender

Noites em claro, tentando não me envolver

Seja o que Deus quiser

Noites em claro, tentando não me envolver

Seja o que Deus quiser, deixe-me ir

Não vou me despedir porque dói

Não vou brigar pra ficar

Quero estar contigo e sentir, ser seu e só

Sem ter que justificar o tempo em que eu sumi

Seja o que Deus quiser, deixe-me ir.”^[18]

A música acabara e Paul sorriu em meu pescoço, dando em seguida, um leve beijo. Ele parecia satisfeito com alguém e naquele momento comecei a indagar como aquela intimidade entre nós existia. Quando, de repente, tudo parecia tão fácil e leve? Quando chegamos ao patamar de me sentar em seu colo e cantar uma música que parecia tão significativa?

— Acho que músicas podem falar mais do que as pessoas. — comentou, tocando meu rosto.

Sorri, pois concordava cem por cento com tal consideração.

— Acho que sou feita de frases, músicas e momentos. — confidenciei. — Por isso, sempre gosto de correlacionar tudo.

— Você faz isso muito bem.

Dei-lhe um leve beijo e tentei me afastar, mas parecia impossível. Algo em Paul, prendia-me a ele. Que me fazia perder a sanidade. Algo que não sabia explicar. Ao menos, não ainda.

— Que tal realmente termos aquele jantar? — perguntou no momento em que me afastei para respirar profundamente.

Pensei nos prós e contra, mas nada me veio em mente. O melhor seria sair do apartamento e manter Paul longe dali, assim como qualquer outro homem. Independentemente do que Troian sentisse, o melhor era respeitá-lo, e aguardar por uma conversa franca.

O problema consistia em não conseguir me afastar de Paul ali. O certo não era simplesmente ele ir embora depois de *fodermos*? Minha mente girou e tentei enquadrá-lo a mais um de meus casos esporádicos. Porém, estar em seu colo, depois de tudo, parecia tão certo, que acabei, de forma irracional, aceitando o convite. Eu queria mais, mesmo sem saber o que “mais” significava naquele momento para nós.

O que era estranho, já que “nós” não existia. Não de fato.

— Acho que quero um lanche enorme com tudo que tenho direito. — comentei, saindo do colo de Paul e tentando entender como ficar perto dele se tornou algo tão fácil de repente.

Desde quando ficava tão à vontade perto de alguém que acabara de transar? E mais, saía para jantar? Era como se meus dias e noites libertinos não tivessem valido de nada. Paul parecia estar quebrando todas as regras e barreiras que existiam, sem sequer saber que existiam.

Andei em direção ao quarto e senti o olhar de Paul sobre meu corpo. Entrei rapidamente no closet, e escolhi um vestido longo na cor rosa bebê, e sapatos nudes de plataforma. Algo simples, bonito e confortável. Deixei-os separados, e fui até gaveta de lingeriees escolhendo uma na cor branca. Olhei em direção ao quarto e notei que Paul me encarava, mesmo que vestindo suas roupas de forma lenta.

— Não quer tomar um banho? — perguntei, saindo do closet com a lingerie em mãos.

— Seria ótimo... — engoliu em seco, encarando meu corpo apenas coberto com sua camisa. Em seguida sorriu cafajeste, deixando claras suas intenções. — Mas acho que não sairíamos tão cedo do apartamento.

— Eu vou primeiro... — deixei a frase solta no ar e fui em direção ao meu banheiro. — E trancarei a porta por precaução. — comentei brincando, e sorri para ele, que sorria da mesma forma descontraída.

Assim que parei a frente da porta do banheiro, pensei em como marcar Paul da forma como me sentia. Sentia-me agindo de forma louca e inconsequente, por não entender o que de fato fazíamos. Virei-me para ele, que assistia cada passo meu atentamente. Abri botão por botão da camisa sob seu olhar, e Paul respirava pesadamente, mas não se mexeu.

— Mais tarde. — joguei a promessa no ar.

Paul não disse nada. Porém, o que sua boca não dizia, seu corpo entregava.

Joguei a camisa fora e nua, me virei para entrar no banheiro. Fechei-a e tranquei, sorrindo de minha provocação ao encarar o espelho. Com toda certeza, deixaria Paul Russel marcado. De alguma forma, no futuro, ele ainda se lembraria de mim. Nem que fosse apenas como a moça doida que transara. Faria com que aquele momento fosse inesquecível para ele, assim como, tornara-se para mim.



Capítulo 11

“Qualquer lugar contigo
Eu faço de abrigo
Bem do jeitinho que a gente entende
É meu porto seguro
Tô te querendo, eu juro
Que é no escuro que você me acende.”^[19]

— Acho que precisamos conversar. — Lia falou, jogando algumas sacolas sobre a bancada da cozinha e me encarando sério. — Como você pôde se envolver com Paul e não me contar? — arregalei os olhos e mordi o lábio, sem saber o que responder. — Imagina a minha cara de idiota quando Paul respondeu sem pestanejar que estava conhecendo alguém quando Klaus perguntou, e no fim, o seu nome surgiu na conversa. — apontou o dedo em meu peito, claramente magoada. — Agora, desembucha!

— June, eu...

— Nada de “June”! — refutou e me empurrou com o quadril, pedindo licença da cozinha.

Saí de trás do balcão e me prostrei a frente, tentando entender minha própria mente. *Desde quando escondia algo de minha melhor amiga?* Mesmo morando longe, nos falávamos todos os dias e nos entendíamos muito bem. Vir para Nova Iorque sempre se tornara algo ainda mais especial por ter Lia ali.

— As coisas simplesmente aconteceram. — comecei a dizer, e Lia estava concentrada desembalando algumas frutas e verduras para o jantar da noite. — Paul apareceu no meu apartamento há uma semana, foi meio que uma armação de Diana. — Lia me encarou, sem esconder a surpresa em seu

rosto. — Ela inventou um jantar de todos nós e Paul caiu feito um patinho, aparecendo lá.

— Mas ninguém interfonou para avisar que Paul queria subir? — perguntou e aquela foi uma questão que ficara em minha mente depois de todo momento com ele.

— Paul tem um amigo no prédio, que coincidentemente encontrou lá embaixo. — comentei e Lia sorriu de lado. Ele me contara aquilo quando lhe fiz a mesma pergunta. — O que?

— Parece que de um jeito ou de outro, Paul ia te surpreender.

— Pois é. — abaixei os ombros e voltei a meu raciocínio. — Ele chegou lá e comecei a ligar para Diana, tentando entender de que jantar ela falou. No fim, não conseguimos falar com ela, e de repente, estava nos braços *dele*, jurando coisas que nem imaginei. — confessei rapidamente, sentindo-me uma completa tola.

— Por que essa cara? — a voz de minha melhor amiga soou cautelosa. — Você nunca escondeu nenhum cara de mim, Pat.

— Paul tem sido diferente. — confessei, e foi como tirar uma carga de toneladas das costas. Aquilo me sufocava há dias. — Ele simplesmente apareceu e quando vi, estávamos nos vendo toda noite. Conversamos muito, jantamos em seu apartamento e assistimos filmes ruins.

— Como namorados. — Lia constatou o que tanto temia e assenti sem jeito. — Por que esse medo claro no rosto?

— Por que? — perguntei para o nada, levando as mãos ao rosto. — Porque até alguns dias atrás, Paul saiu correndo atrás de outra, a qual soube por cima, ser uma mulher importante para ele. O que *eu* sou, Lia? A foda da vez, nada mais.

— Mas vejo que não é isso te incomoda.

Ela me conhecia muito bem, pois ser apenas a transa de um cara não era o fim do mundo. O problema é que aquele cara em questão parecia querer mais, algo que não sabia ao certo como oferecer, ou se realmente queria lhe dar.

— Paul parece decidido a algo mais. — comentei, e Lia me analisara. — Ele sempre me liga, manda mensagens, tenta me encontrar... Não sei ao certo, mas ele parece estar querendo algo de mim.

— Patrice. — Lia deixou as sacolas de lado e veio até mim, tocando meus ombros. — Não é Paul que tem te deixado assim, não as ações dele. Está tentando se enganar, mas acredite, ninguém assiste filme ruim,

conversa sobre tudo e janta no apartamento do outro sozinho. Você tem gostado disso, e aposto, que está assustada. Suas ações estão se assustando!

Suspirei fundo, assentindo, mesmo que contrariada. Lia parecia poder me ler, e temia, que Paul fizesse o mesmo.

— Nunca me senti assim com alguém, Lia. Penso as vezes que é apenas minha mente brincando com o fato de ter sido apaixonada por ele na adolescência. Mas a vida mudou tanto desde então que... Nunca me imaginei, de fato, tendo algo com ele.

— Bom, como sua melhor amiga, tenho o dever e direito de falar. — apertou meus ombros, com um sorrisinho no canto da boca. — Você está apaixonada por ele, e isso, é o que mais te assusta.

— Não, eu não...

— Pat, somos adultas, responsáveis, independentes... Qual o problema de nos apaixonarmos? — indagou e me afastei, não querendo discutir tal coisa, porém, era necessário.

— Porque paixão leva ao amor, e não é algo que imaginei ter com um homem que pouco conheço.

— Olha para mim e Klaus! — falou de repente, chamando minha atenção. — Acha mesmo que meses atrás me imaginava pedindo aquele homem em casamento? — indagou seriamente, e neguei com a cabeça. — Mas as coisas aconteceram, Patrice, e não tem como mudá-las. Aceitei, mesmo que pareça loucura, que amo aquele homem e que quero passar o resto da vida com ele. Aos poucos, tenho descoberto que amar é muito mais que simplesmente sentir ou querer, é uma junção dos dois.

Minha mente viajou e acabei numa frase de um dos meus autores favoritos: *“Mas acabei entendendo que amar é mais do que resmungar três palavrinhas antes de dormir. O amor é sustentado por ações, pela constante dedicação às coisas que um faz pelo outro diariamente.”*^[20]

Suspirei fundo, sentindo-me completamente perdida.

— Eu mal o conheço. — insisti e Lia revirou os olhos.

— Você está o conhecendo e aos poucos, gostando um pouco mais a cada dia... Pode ser, que descubra algo que te faça odiá-lo. Porém, se sobreviveu uma semana ao lado dele, e não pirou. Acredito que finalmente, a barbie foi fisgada. — provocou e foi minha vez de revirar os olhos.

— Me leva a sério, por favor. — pedi, fazendo carinha de dó, e Lia pegou uma faca sobre a bancada, apontando em minha direção.

— Estou te levando, mas ainda não entendo porque não fui a

primeira a saber que estão juntos. — insistiu no assunto, e a faca em suas mãos, apenas representava o quanto ficara magoada por saber daquilo através de Paul.

— Porque não estamos. — aquela era a verdade.

— Se você diz. — deu de ombros. — Por que não soube que transaram? — perguntou de uma vez e fez um sinal de rendição com as mãos, sem saber o que dizer.

— Parecia mais fácil se ninguém soubesse. — confessei. — Pensei que íamos transar e ponto, mas uma noite se estendeu para duas, duas para três e agora...

— Agora, vamos cozinhar e fazer o jantar de despedida para Diana. — colocou a faca de volta no balcão. — Klaus disse que o dia no escritório está corrido hoje, e, portanto, os três ainda vão demorar para chegar.

— Paul vem? — perguntei alarmada, praticamente enxergando um monstro em sua face.

Lia me encarou com escárnio, levantando uma sobrancelha.

— Ele é um dos melhores amigos dela, e mais, meu cunhado. — jogou na cara, ainda magoada por ter escondido o que acontecia.

— Eu sinto muito, June. — falei, sentindo-me péssima. — As coisas foram acontecendo e quando fui ver...

— Se apaixonou perdidamente pelo seu primeiro amor. — provocou, suspirando fundo em seguida. Lia era uma romântica incurável. — Aliás, como chegamos a esse patamar?

Ela pegou um vinho e abriu, servindo duas taças.

— Estou basicamente morando com Klaus, pois até meu notebook está aqui, só falta montar um escritório. Todo momento, mensagens sobre o cerimonial chegam, e tento não surtar por estar organizando um casamento.

— Ainda falta um ano, Lia. — lembrei-a, pois ela era a ansiedade em pessoa.

— Eu sei disso. — respirou fundo, um pouco sem graça. — Mas logo vamos assinar os papéis do casamento, por conta do contrato sabe? — assenti, odiando que mesmo após se escolherem, não conseguiram adiar a data do casamento para que o cerimonial ficasse pronto ao tempo determinado por aqueles papéis. — É estranho, mesmo amando Klaus, que esteja me tornando a esposa dele.

— É estranho por ser real. — analisei e senti que as palavras serviram tanto para mim quanto para ela.

— Mas você, senhorita Oliveira... — sorri da forma que falou meu sobrenome. — Está no mesmo barco de paixão, agora, só nos falta Diana.

— Não sei porque, mas falar dela, me lembra de Troian. — comentei, e Lia me encarou sem entender, pegando a taça de vinho. Fiz o mesmo, tomando praticamente tudo. Odiava tocar naquele assunto. — Ele anda distante, e sequer temos nos falado.

— Acha que ele vai sumir de novo? — perguntou, claramente preocupada.

— Não sei. — fui sincera. — Quando ele saiu da casa dos pais e resolveu tocar por aí, ao menos, falou comigo antes de ir. Agora, mesmo morando juntos, e ficando em casa basicamente o dia todo, nunca o vejo.

— Ele pode ter conhecido alguém. — considerou e no fundo, torcia para que fosse aquilo.

— Lembra quando disse que ele sentia algo por mim além de amizade? — perguntei e Lia assentiu.

Levou alguns minutos mas logo seu semblante mudou.

— Ele viu Paul no apartamento ou algo assim? — indagou e assenti, sentindo-me terrível.

— Não chegou a esbarrar em Paul, mas encontrou algumas peças de roupas jogadas na sala de estar, e me viu apenas com uma camisa masculina. — confessei e levei as mãos ao rosto. — Ele sempre soube que era uma mulher livre, que não tenho pudor a respeito de sexo, mas o olhar que ele me deu ao pegar a calça de Paul no chão da sala... Lia, eu soube ali que não era apenas preocupação de irmão.

— Você quebrou o coração dele, Pat. — Lia soltou de uma vez e prendi a respiração, sem saber o que responder. — Acho que Troian te conhece muito bem, tanto que percebeu que se levou um cara para dentro do apartamento de vocês, não era só mais um... Ainda mais, ele pode estar cansado de esconder o que sente.

— Eu o vejo como um irmão, sempre foi assim. — confessei e Lia me encarou perdida.

— Acho que precisam conversar e talvez, Troian apenas esteja confundindo as coisas. — considerou e tentei me apegar aquilo, pois assim, não seria a pessoa a ferir o irmão que a vida me dera.

Troian sempre fora mais que um primo para mim, dividimos momentos incríveis e inesquecíveis juntos. Não queria ter que ficar longe dele por não corresponder os seus sentimentos.

— Ok. — depusitei a taça sobre a bancada e bati palmas. — Vamos espantar essa preocupação e cozinhar! — declarei. — Vou colocar uma música animada, e enquanto você corta os legumes, vou arrumando a mesa de jantar. Aliás, quando esse apartamento cinza de Klaus vai começar a ter fotos de vocês espalhadas? — provoqueei e Lia me encarou com deboche.

— Posso ser clichê em amar, mas não cafona. — mostrou-me a língua e deixou a taça de lado. — Vou te mostrar onde estão os jogos de jantar.

Assim, segui minha melhor amiga, e comecei a analisar como deixar o ambiente ainda mais bonito. Por um segundo, notei a forma como Lia se sentia à vontade naquela cozinha, mesmo que ainda não fosse de fato sua casa. A realidade, era que se tornara seu lar. Ela tinha o mundo para descobrir, mas ao vê-la tão feliz ali, soube que para aquele lugar, ela sempre voltaria.



Capítulo 12

“Spent 24 hours, I need more hours with you
You spent the weekend getting even, ooh
We spent the late nights making things right between us
But now it's all good, babe
Roll that Backwood, babe
And play me close.”^[21]

— E aí, barbie! — Klaus falou e me deu um leve beijo no rosto, fiz o mesmo com ele, que logo se afastou. — Oi amor.

Sorri ao vê-lo chamar minha melhor amiga, que sorriu abertamente para o noivo. Ele circundou sua cintura e deu um beijo em seu pescoço. Os dois pareciam em tanta sincronia, que soube que mesmo que fosse difícil estar sob o mesmo teto, eles tirariam de letra.

— Unicórnios. — fingi um espirro e Lia me acertou com um pano de prato. Gargalhei, e me levantei com a taça de vinho, ao mesmo tempo que a campainha soou.

Virei-me para os dois, mas resolvi não atrapalhar. Eles se beijavam, como se não se vissem há semanas. Revirei os olhos, pois estiveram juntos pela manhã, além de ter dormido juntos.

— Eu atendo. — debochei e andei até a porta.

Abri-a rapidamente e de repente, minha ficha caiu. Era apenas um jantar de despedida para Diana e suas férias, porém, nunca mais seria apenas um jantar. Não quando Paul estivesse presente. E pela minha má ou boa sorte, era ele, em pessoa, a minha frente.

— Oi, Paul. — falei um pouco tensa e sorri, tentando disfarçar o que me causava.

O semblante dele mudou, assim como morrera o sorriso estampado em seu rosto. Permaneci com o meu, tentando ser cordial. Não costumava fingir algo para as pessoas, porém, era necessário.

— Tudo bem, estrela? — perguntou e me recostei contra a porta, dando-lhe espaço para entrar. Não poderia começar uma discussão ali. Porém, ao mesmo tempo que adorava a forma que passara a me chamar, a odiava por completo. Odiava por ele ter ouvido uma conversa minha e de minha tata, e ainda mais, por gostar tanto de sua voz me chamando daquela maneira.

— Entra. — ele pareceu receoso, e assim que passou por mim, parou a minha frente, enquanto fechava a porta. — Paul, podemos só agir normalmente? — indaguei e seu cenho franziu.

— O que tem de errado? — perguntou, claramente não entendendo. — Estou agindo como todos os dias...O que tem de errado em querer te beijar agora?

— Nada, mas eu...

Sem me dar tempo para continuar, apenas senti seus lábios nos meus e por um segundo, perdi completamente o poder sobre a situação. Ele me embriagava, me seduzia e me tinha... Temia, que em breve, me perdesse. Afastei-o com cuidado, sem querer armar uma cena, e mais uma vez, forcei um sorriso.

— Conversamos depois. — declarou e apenas assenti, sem me mover do lugar.

Ele então se virou e o vi seguir até o casal apaixonado na cozinha.

— Como está a minha cunhada preferida no mundo todo? — sua voz rouca soou, e ouvi a risada de Lia.

Tudo ali parecia se encaixar perfeitamente, apenas eu, parecia estar fora de contexto. Aquilo, simplesmente, porque me sentia perdida diante da intensidade que tudo acontecia. Não sabia ao certo definir o que tínhamos, muito menos, o que sentia. *Desde quando precisava rotular algo?* Minha mente brigava constantemente com meu coração. Aquilo, me exauria.

— Pat, vem provar isso! — a voz de Lia me despertou, ao mesmo tempo que a campainha soou novamente.

Parei e dei de ombros para minha amiga. Abri a porta e uma Diana sorridente me abraçou no mesmo instante. Não entendi ao certo sua felicidade, mas retribuí da mesma maneira. Algo nela parecia brilhar, como sempre. Assim que meu olhar voltou para seu lado esquerdo, engoli em

seco, sem entender o que acontecia.

— Troian? — perguntei, e Diana se afastou de mim, com um sorriso sacana no rosto.

Arregalei os olhos, e olhei para dentro do apartamento, ao mesmo tempo que lhes dava espaço para entrar.

— O encontrei perdido no Central Park. — Diana falou, e aquela mentira não convenceu ninguém ali, porém, ninguém a refutou.

Enquanto ela adentrava com intimidade o apartamento, virei-me para Troian, após fechar a porta.

— Precisamos conversar, bebê. — falei, sentindo que Diana poderia ser a explicação de algumas mudanças de Troian, assim como o porquê dele não parar no apartamento. Porém, ainda existia o fato que precisava de sua sinceridade acerca de sentimentos.

— Eu sei disso. — falou, e segurou meus ombros, surpreendendo-me com um abraço. — Desculpe a distância que impus.

Senti-me mais leve, e retribuí o abraço. Troian era como uma parte de mim, e ficava feliz por saber que no fim, poderia estar apenas confundindo tudo. Afastamo-nos e ele beijou minha testa, do gesto tão antigo que sempre fizera com ele. Só que depois de muitos anos, ele ficara mais alto, o que impossibilitava.

— Vem! — puxei-o pela mão e o levei até onde todos estavam.

Antes que pudesse apresentá-lo, Diana se adiantou. Soltei a mão de Troian, e me encostei em Lia, que terminava de arrumar algo na mesa de jantar. Bati em seu ombro e ela arregalou os olhos, encarando-me, claramente surpresa.

— Acho que o único que não conhece é Paul.

Virei meu olhar para o homem que parecia ter pegado meu coração e guardado para si. Paul encarou Troian de cima abaixo e consegui ver claramente o sorriso forçado em seu rosto.

— Paul esse é Troian Messina, um amigo. — Diana falou, e os dois trocaram um aperto de mãos.

Nada fora dito e resolvi intervir. Sentia um clima pesado no ar, que apenas Diana parecia ignorar, e até mesmo Klaus, que cumprimentou Troian com um sorriso e completamente despreocupado. Olhei para Lia e a mesma deu de ombros, como se não soubesse o que fazer. Bom, nem eu sabia.

— Que tal escolhermos uma música, Dia? — perguntei, e ela sorriu,

vindo até mim. — Algo brasileiro, para te preparar para as férias. Que tal? — indaguei e ela pensou um pouco, pegando o celular em mãos.

Mostrei-lhe as opções e após ouvir algumas batidas, ela finalmente escolhera. Enquanto ela tentava cantar junto a Lia, Apaga a Luz da Glória Groove, a letra da música me mandou diretamente para o homem de olhos azuis que não fugiam de mim. Dei passos incertos para perto dele, que se virou, indo em direção ao que Lia me mostrou como a varanda do apartamento de Klaus.

Paul estava recostado contra um pilar e bebia uma cerveja. Seus olhos azuis eram a única coisa possível de se ver em meio a meia luz do ambiente. Senti-me acuada, mas ao mesmo tempo, tudo pareceu desaparecer.

Fechei a porta da varanda atrás de mim, e me virei para ele. Paul me encarou com aquele olhar que me tinha por inteira. A música de fundo, parecia conseguir tornar aquele momento apenas nosso. Como se ninguém mais estivesse naquele apartamento, como se fôssemos entregues um ao outro.

*“Oh, yeah
Então fica comigo, baby
Sabe, eu posso te amar pra sempre
Sei cada resposta pra cada pergunta
Que você faria em um dia sobre pertencer
Olha só o meu plano agora
Te levo pra ver o mundo lá fora
Férias de verão em Bora Bora
Ou até roubar um banco, bora?”^[22]*

Parei a sua frente, e Paul tocou meu rosto, num gesto tão nosso, que me assustei, mais uma vez com sua intensidade. Levantei o rosto e nossos lábios se encontraram, num beijo leve. Não soube dizer como, mas parecia que aquilo significava muito mais do que apenas um beijo. Como um compromisso, o qual fugi a vida toda. Por medo do amor, por medo da dor que possa causar. Mesmo assim, permiti-me agir com o coração daquela vez. Afastei-me dele, e sorri, deixando claro que depois teríamos uma conversa.

Seus olhos não fugiram de meu corpo, pois podia sentir como se

algo me queimasse. Ele me seguia, mesmo longe, mesmo parecendo ter algo errado ao seu redor. Voltei para dentro, e felizmente, fora apenas algo em torno de dois minutos, sem tempo para que alguém desconfiasse da demora. Lia e Diana sorriam de algo no celular, mostrando para Klaus, que permanecia com uma mão na cintura da noiva. Troian, que imaginei estar deslocado, parecia confortavelmente encostado contra a bancada, tomando uma cerveja.

Naquele momento, desejei desesperadamente, que as coisas permanecessem assim. Como se todos ali, que pareciam em sincronia, fossem felizes e completos. Para que assim, pudesse sentir a tal felicidade que mamãe tanto falava. *Sorria, Patrice!* Pude ouvir sua doce voz em minha mente. Naquele momento, sorri para o nada, sabendo que o *nada* passara a ter mais um motivo e até mesmo um nome muito bonito. Meu novo motivo para sorrir tinha olhos azuis sedutores, um andar altivo, e uma voz rouca dominante. Era Paul Russel, e tinha que admitir, finalmente, que estava completamente apaixonada por ele.

Paul

Ele olhava para ela com uma paixão clara no olhar. Porque no fim daquela uma semana ao seu lado, era a forma como eu a olhava. Suspirei fundo, tentando disfarçar com mais um sorriso, a indigestão que aquele homem no mesmo recinto que ela me causava.

Levei mais um pouco do macarrão a boca e dei um longo gole no vinho tinto. Diana falava sobre algo com Klaus, que sorria em sua direção. Porém, logo notei o olhar de Diana mudar ao encarar o tal Troian. Sabia quem ele era, Patrice não se importava de expor em redes sociais sua família, e ele era parte dela – seu primo. Suspirei fundo, tentando afastar aqueles pensamentos.

Ele estava ali por conta de Diana, o que me enfurecia ainda mais. Além de desejar minha mulher, parecia estar brincando com minha melhor amiga. Minha vontade, naquele instante, era de quebrar sua cara. Babaca!

— Paul? — a pergunta veio de Lia, que se sentava na ponta da mesa.

Seu cotovelo estava sobre esta, e uma mão no rosto, esperando a

resposta para algo que não dei atenção.

— Desculpe, me distraí. — falei rapidamente.

— Percebi. — sorriu de lado. — Perguntei sobre o que acha de ir ao Brasil, conhecer belos lugares e belas brasileiras. — o sorriso se estendeu por toda sua boca, e depusitei a taça sobre a mesa, sabendo onde Lia quer chegar. Ela, claramente, provocava Patrice.

— Já fui lá, uma vez, a negócios. — contei por cima, dando de ombros. — Não tive tempo para nada a não ser reuniões, mas confesso que adoraria voltar. — olhei em direção a Patrice, que escutava a tudo atentamente, porém, parecendo um tanto interessada na taça de vinho em mãos. — Belos lugares, com toda certeza. Agora sobre belas brasileiras, acredito que já encontrei a minha e que ela possa me mostrar cada um deles. — joguei de repente, e levei a taça a boca, ainda encarando Patrice, que corou por completo.

Lia não se aguentou e gargalhou, assim como Diana, que parecia mais feliz do que o de costume. Olhei para Klaus, e assim como eu, ele olhou para a taça que Diana enchia mais uma vez. Ela não era do tipo de beber muito, porém, poderia chutar que era sua quinta taça.

— Você não presta, Paul. — Diana me acusou, e bebeu mais um pouco do vinho. Klaus me encarou novamente, e assim como ele, fiquei preocupado. Algo estava errado, mesmo ela estando mais leve.

— Nunca disse o contrário. — refutei e pisquei um olho para ela.

Voltei atenção para Patrice que sussurrava algo baixinho para seu primo. Ele então tocou uma de suas mãos sobre a mesa, e tive que me segurar, porque algo me deixava claro que era sua intenção me provocar.

Logo que todos terminamos de comer, Diana foi a primeira a se levantar, levando junto a ela, Patrice e Lia.

— Que tal uma balada? — perguntou animada, e olhei para meu irmão, que parecia ainda tão preocupado quanto eu. Diana não estava em um bom dia, era claro. — Vamos lá! Ficarão sem me ver até a semana do casamento, eu mereço um pouco de atenção.

— Por mim. — falei, dando de ombros, e Klaus fez o mesmo. O tal Troian permaneceu calado, e as mulheres concordaram com ela.

Seguimos todas até a saída, e na hora de nos separarmos em carros, o melhor jeito, já que Diana claramente não podia dirigir, fora levá-la junto comigo. O que acabou trazendo o tal Troian a tiracolo. Patrice se sentou no banco do carona, e Diana ao lado de Troian, sem sequer tocá-lo, no banco

de trás. O clima no carro era terrível, porém, tentei amenizá-lo com alguma música. Mesmo assim, foram minutos torturantes até chegarmos a boate que Diana tanto queria.

— Vou pegar uma dose, vocês vêm? — Diana ofereceu, e assenti, indo até ela, e enlaçando sua cintura.

— O que houve, Dia? — perguntei baixinho em seu ouvido, e ela me encarou sem mostrar qualquer reação. — Vamos lá! Nada de fingir. Não para mim!

— Nem para mim! — Klaus falou, parando do seu outro lado, e Diana bufou, sabendo que estava cercada por nós. Conosco, ela não podia mentir ou inventar algo. A conhecíamos bem.

— Só quero beber para esquecer. — revelou. — Já os vi fazendo muito isso. Será que posso? — debochou e a encarei ainda mais preocupado.

— Quem te machucou? — perguntei de relance, e ela ignorou.

— Três uísques. — pediu ao barman e nos indicou. — O melhor.

— Dia... — Klaus a chamou. — Tem a ver com o fato do primo de Patrice aparecer no jantar? — perguntou e ela recuou os ombros.

Ela pegou um dos copos dispostos pelo barman, e se virou, encostando-se contra ao balcão do bar.

— Olhem! — indicou a mesa na qual escolhemos ficar, enquanto não dançávamos. — Olhem com atenção e me digam porque Troian aceitou ir jantar conosco hoje. — pediu, e foi então que meu olhar parou na cena que me fez estremecer.

Troian sorriu para Patrice, com uma das mãos sobre seu ombro, como se deixando claro que ela lhe pertencia.

— Ele gosta dela. — Klaus se pronunciou. — Pelo jeito, mais do que deveria.

— Ela não o vê assim, mas pelo jeito, ele está tentando forçar algo já que se sente em perigo. — Diana falou e virou a dose, deixando o copo sobre o balcão. — Às vezes sou muito burra em relação a sentimentos. — confessou e segurei seu braço, tentando acalmá-la. — É verdade, Paul! Eu simplesmente acreditei que ele me escolheria, mesmo tendo a mulher que gosta por perto. No fim, sou só uma imbecil.

— O imbecil aqui sou eu. — provoquei e Diana me deu um soco no peito, sorrindo.

— Amo vocês, meus imbecis mais lindos. — falou de repente,

fazendo-me sorrir, mesmo que o momento não fosse o melhor para ela.

Olhei para Klaus, e assim como eu, ele entendera. Era o momento do nosso abraço de urso na irmãzinha mais implicante que existia. Diana tentou impedir, mas logo se encontrou entre nós, que gargalhamos em meio a seus resmungos.

— Te amamos muito também, Dia. Nunca se esqueça disso. — enfatizei e ela piscou.

Antes que pudesse falar mais alguma coisa, ela saiu, indo em direção a mesa. Klaus e eu pegamos os outros copos de uísque, e bebemos um pouco, enquanto assistíamos, Diana simplesmente chegar a mesa e tirar tanto Lia quanto Patrice do lugar. Elas foram para a pista de dança rapidamente.

— Acho que ele gosta dela, realmente. — Klaus falou, e o encarei. — Mas os olhos dela, irmão, não saíram de você.

— Eu sei. — confessei. — O que me faz querer esganá-lo. Só que tenho coisa muito melhor para passar o tempo.

— Como o que?

— Dançar e beijar a mulher pela qual estou apaixonado. — declarei e Klaus arregalou os olhos, sorrindo em seguida.

— Um brinde. — ergueu o copo de uísque em minha direção. — Aos Russel enfeitiçados por duas mulheres estonteantes.

Brindei com ele e ri de seu vocabulário. Klaus sendo Klaus.

Deixei o copo sobre o balcão e fui direto para pista de dança. Sem me conter, abracei Patrice por trás, puxando seu corpo para o meu. Não temia mais nada, nem iria temer. Eu estava apaixonado, por completo. Diferente do que acontecera com Ruby, não precisava implorar por algo, e não necessitava cegamente por seu amor. Patrice era claramente livre, e nunca iria impor nada. Apenas, estaria ali, todos os dias, tentando mostrar que valia a pena.

Valia a pena me ter ao seu lado. Valia a pena me olhar como seu. Valia a pena um dia se apaixonar por mim. O faria valer, em algum momento. Virei-a em minha direção e nossos olhos se encontraram, aquela conexão única me arrematou. Nunca foi Ruby, tive certeza. Encontrei o amor no momento em que aparecera uma loira falante sentada ao meu lado no balcão de uma boate, querendo falar mais do que queria ouvir. Encontrei amor, no momento certo e felizmente, com a pessoa certa. Como minha mãe dizia: o destino é a nossa obra, nada além disso. Porque no final,

somos nós que decidimos o que e quem permanece.

Patrice se tornara parte permanente de meu ser.



Capítulo 13

“We got all night to fall in love
But just like that we fall apart
We're broken
We're broken.”^[23]

— Acho que bebi demais. — Patrice falou completamente embolada e tive que sorrir, soltando de leve seu corpo, para poder fechar a porta.

— Bebeu demais, estrela. — falei, acendendo a luz, para que ela pudesse se locomover melhor pelo apartamento. — Acho que precisa apenas se deitar e dormir. — sugeri, vendo-a gargalhar sobre e para o nada.

— Não! — reclamou e tentou chegar até mim, trocando seus pés nos saltos. Apressei-me e parei a sua frente, segurando-a para não cair. — Acho que mereço um pouco mais de atenção, não só dormir.

Sorri de seu tom bêbado e desejoso. Patrice entrou na onda de Diana, e acabaram as duas em rodadas de tequila. Peguei-a no colo no mesmo instante e ela soltou um gritinho. Carreguei-a até o quarto e com cuidado a coloquei sobre a cama.

Sentei-me e comecei a tirar os saltos, que não fazia ideia de como conseguia usar por tanto tempo. Devia ser doloroso.

— Isso mesmo, me deixa nua. — falou sugestiva, e gargalhei. Patrice bêbada era tão engraçada quanto sóbria.

Tirei o sapato de seus pés, e massageei um pouco. Patrice falou mais algumas coisas sem sentido e logo vi seu corpo se virar contra o travesseiro. Lembrei-me do que não gostaria naquele instante, enquanto ela se deixava levar pelo sono. Suspirei profundamente, levantando-me da cama, e indo

até seu lado, depositando um leve beijo em sua testa.

Fora a bebida ou apenas ela falando no momento em que enfrentou Ruby em frente à boate?

— *Não tem como ele me trair, já que não temos nada sério.* — sua resposta me pegou desprevenido, fazendo meu coração afundar no peito.

Ruby sorriu abertamente, mudando sua postura diante de Patrice, saindo logo em seguida. Naquele momento, senti-me quebrar por inteiro.

Não saberia dizer, porém, queria muito tal resposta. Olhei mais uma vez para seu rosto com a maquiagem um pouco borrada, e me lembrei de algumas coisas que Diana deixava entulhada em meu banheiro. Fui até lá, e peguei o tal lenço demaquilante, mandando uma mensagem para Lia, perguntando se estava certo usar aquilo. Já que Diana, pelo estado que a deixara em casa, não acordaria tão cedo.



Remetente: Cunhada

“Ela desmaiou na cama, né?”

Pode usar sim. Acredite, a pele dela agradece.

Boa noite, cunhado. Obrigada por cuidar de minha melhor amiga.

Obs: precisamos conversar mais sobre isso.”

Sorri de sua mensagem e respondi rapidamente.



Destinatário: Cunhada

“Quando quiser, cunhada preferida do mundo. E sobre sua pergunta, sim, ela sequer mexe em seu sono. Não me agradeça, faço isso de coração.”

Deixei o celular de lado e fui até Patrice, virando seu rosto para cima, e passando levemente o lenço. Não saberia dizer se estava fazendo da forma correta, porém, a quantidade de produto que tornava o lenço branco em outras cores, parecia me mostrar que estava progredindo. Patrice mexeu um pouco, mas não acordou. Parei, minutos depois, após usar cinco lenços. Seu rosto aparecia claramente para mim, sem maquiagem alguma. Ela ficava ainda mais linda.

Lembrei-me dos momentos juntos em frente à televisão, da forma como nossos corpos se completavam, assim como nossas conversas fluíam. Depois de tanto tempo me enganando e implorando por um amor de mentira, finalmente, encontrara algo real. Um desejo, que me levava para perto da mulher mais cativante que conhecera. De alguma forma, o brilho de Patrice aplacava, sem ela ao menos perceber, a escuridão que tanto me rodeou. A saudade de minha mãe, a falta que ela fazia no dia a dia, que mesmo sendo tão novo, era gigantesca, apenas pelas poucas lembranças que tivera. Patrice me fazia ver a vida de outro ângulo, ainda mais, por conseguir me entender melhor do que ninguém.

Toquei seu rosto mais uma vez e fui até o closet, livrando-me da roupa social, e colocando apenas uma calça de moletom cinza. Precisava me deitar e tentar entender o que levava Patrice a responder tal coisa. Não falamos a respeito de amor, nem de relacionamento. Porém, mesmo que não quisesse insistir para termos algo. Será que ela não sentia nada por mim? Nada que a fizesse pensar que nunca a trairia? Que ela, era a única. Que ela, era suficiente para mim. Ninguém mais, ninguém menos. Apenas ela.

Voltei para o quarto e me deitei ao seu lado, puxando o lençol sobre nós. Acomodei-me melhor e a encarei, temendo que meu sentimento não fosse recíproco. Porém, não desistiria. Conquistar Patrice se tornaria minha grande meta dali por diante. Ouvir de sua boca que me quer o quanto a quero era tudo o que precisava.

Patrice

A noite chegava ao fim, e tentei me manter de pé, perto dos lábios de Paul. Sentia-me livre, permitindo-me sentir um pouco mais através da bebida. Porém, o álcool nunca seria resposta ou desculpa para algo.

— Vem aqui. — a voz de Paul soou e o encarei, sentindo-me completamente inerte.

O poder que ele parecia exercer sobre mim, deveria me fazer temê-lo mais do que ninguém. Porém, pelo contrário, parecia cada vez mais próxima a ele.

— Acho que bebi demais. — confessei, e ele sorriu de lado, claramente concordando.

— Olha só quem resolveu dar as caras.

Senti o corpo de Paul retesar, e logo fui colocada para trás do mesmo.

— Acha mesmo que pode sumir para sempre?

Passei por Paul, sem deixar com que me impedisse de ver quem era. O álcool não me impediu de ver perfeitamente a mesma mulher que encontrara em seu apartamento e no escritório... Ruby. A tal mulher do passado de Paul, que pensara estar neste. Olhei-o rapidamente, e notei, que parecia não entender nada.

— Posso ajudar? — perguntei, sem deixar o tom de deboche de lado.

Poderia estar bêbada, mas reconheceria o olhar venenoso de qualquer pessoa de longe.

— Acho que eu posso te ajudar. — refutou e deu alguns passos à frente, parando bem perto de mim.

Paul colocou a mão entre nós, claramente nos separando. Por algum motivo, ele queria me manter longe de Ruby. A história começara a ficar interessante.

— O que você quer, Ruby? — Paul perguntou seriamente, e notei o tom frio que usava. — Pensei ter deixado tudo claro entre nós.

— O meu papo é com ela. — falou, sem sequer encará-lo. — Não confie nele! — sua voz soou ácida.

— Ruby...

— Ele não é o homem de uma mulher só. Ele gosta de novidade, e um dia, estive no seu lugar. Ele durou, por algum tempo, mas acredite, tem validade. — notei naquele instante que existia algo entre eles que desconhecia. Algo que precisava saber, urgentemente. — Ele vai te trair, assim como fez comigo. Depois disso, não vai sobrar nada.

— Chega, Ruby!

A voz de Lia surgiu, e ela tentou afastar Ruby, porém, respondi antes que o fizesse. Sentindo que as palavras cruéis que ela proferira, pudessem apenas mostrar a realidade. Então, dei-lhe a minha realidade.

— Não tem como ele me trair, já que não temos nada sério. — falei de uma vez, e vi um sorriso surgir no rosto da mulher que mal conhecia, mas que apenas queria distância.

Ela então saiu, e logo senti uma das mãos de Paul em minha cintura, levando-me dali. Olhei-o rapidamente, porém, apenas decidi

ignorar tal coisa. Queria voltar para dentro da boate e beber, e não seria impedida. Beber para esquecer que me sentira como Taylor Swift ao escrever End Game, uma completa louca por um homem que partia corações no café da manhã. No fim, seria apenas mais uma.

— Quero mais uma dose. — declarei, e Paul me encarou desacreditado. — Diana ainda está lá dentro, vou voltar.

— Estrela, vamos para casa, por favor. — pediu, mas me neguei, saindo de seu aperto.

Ao contrário do que pensei, Paul me seguiu, e voltamos para a boate. Encontrei Diana no mesmo lugar, dançando junto a um homem que reconhecera brevemente, já que tínhamos sido apresentados naquela noite. Se não me engano, aquele era Spencer, primo da tal Ruby.

— Um minuto. — pedi, e a afastei dele. — Que tal mais uma rodada de tequila? — perguntei e os olhos de Diana brilharam.

— Agora! — praticamente gritou por conta da música, e seguimos para o bar.

Cinco tequilas para dentro, e senti meu corpo ainda mais leve, e minha cabeça girar. Os braços fortes de Paul me seguraram, trazendo-me para realidade. No fim, bebi apenas para esquecer que me apaixonei por um homem que nunca me olharia além de uma transa.

De repente, pareci viver a mesma discussão com Ruby, mas a história se tornara outra. Quando pisquei, encontrei-a aos beijos com Paul dentro da boate, como se nada mais importasse. Como se minha presença não importasse. Gritei alto, sem me conter. Meu coração se partiu em mil pedaços e fechei os olhos, não querendo mais vê-lo com outra. Não tínhamos nada. Tentei convencer minha mente. Então, por que doía tanto?

— Não! — gritei mais uma vez e me virei, tentando sair de perto. Porém, algo me puxava para o mesmo momento. — Não!

Levei as mãos aos olhos e tentei tirar aquilo de minha mente, de minha frente, de meu coração. De repente, senti uma mão quente tocar a minha e uma voz grossa chamar meu nome. De algum jeito inexplicável, senti meu corpo se sacudir, e de repente, abri os olhos.

A primeira coisa que enxerguei foi o azul dos olhos de Paul. Ele me encarou, claramente assustado, e não soube expressar de outra maneira o alívio que me tomava por aquela cena final ser apenas um pesadelo. Joguei-me em seus braços, abraçando-o sem esconder de forma alguma, meus sentimentos. Toquei suas costas, e subi até seus cabelos, sentindo a maciez,

constatando que estava mesmo ali.

— Um pesadelo, minha estrela?

Sua pergunta me pegou desprevenida. Era muito mais que o pronome possessivo, ou o apelido que se tornara ainda mais especial. Era “mais” porque ele quem pronunciava. Era “mais” porque ele me escolhera para estar ali.

— Precisamos conversar. — falei baixinho, e me afastei um pouco, apenas para olhá-lo.

Notei que uma fraca luz entrava pela fresta da persiana que ele deixara aberta. Olhei rapidamente para o relógio no criado mudo e constatei que já se passavam das seis da manhã.

— Só que não agora, apenas me abraça e vamos dormir. — pedi, e um sorriso preguiçoso tomou conta de seu belo rosto, assim como um brilho sem igual em seus olhos.

Ele não dissera nada, apenas assentiu, e assim que me deitei, senti seu corpo contornar o meu. Puxei-o para mim, como se minha vida dependesse daquilo. Aquele pesadelo me assustara, porque de alguma forma, temia que a bolha em que nos encontrávamos estourasse, e que assim, Paul não me enxergasse. Que no fim, não fosse sua jogada final.

Fechei os olhos, recitando mentalmente a música que ficara em minha mente, a qual traduzia tudo o que sentia. De alguma forma, torcendo para que um dia, ele me olhasse como nunca olhou para mais ninguém.

*“I don't wanna touch you, I don't wanna be
Just another ex-love, you don't wanna see
I don't wanna miss you (I don't wanna miss you)
Like the other girls do
I don't wanna hurt you, I just wanna be
Drinking on a beach with you all over me
I know what they all say (I know what they all say)
But I ain't tryna play.”^[24]*



Capítulo 14

"I love the way you are
It's who I am, don't have to try hard
We always say, say it like it is
And the truth is that a really miss."^[25]

Ela estava sob meu peito, ressonando baixinho.

Sorri, porque nunca imaginei que me sentiria de tal forma por alguém. Porém, ela o fazia. Uma paz que até então desconhecia se instalava em meu peito, sempre que o sorriso dela encontrava o meu. Ela era uma luz, em meio a toda escuridão que me cercava. O amor me atingia, e mesmo não entendendo como, estava entregue. Patrice se tornara minha estrela, e não existia apelido melhor para representá-la.

Levantei-me com cuidado e antes de sair do quarto, olhei mais uma vez para aquela que tinha meu coração em mãos. Ela se mexeu no sono, e agarrou o travesseiro ao seu lado, como se em busca de meu corpo. Saí do quarto e segui rapidamente para a cozinha, em busca de algo para comer.

Os dias passavam, e os sentimentos aumentaram e se transformaram. Num segundo, conformei-me que a vida era fadada a negócios e beber até cair nos fins de semana, assim como, ter a cada noite, uma mulher diferente em minha cama. Mas duas mulheres me mostraram o contrário. Entre elas, a qual seria eternamente grato. A que me fez perceber os erros que cometia, enquanto a felicidade desfilava a minha frente.

Diana era arte, como ela mesmo afirmava. Minha melhor amiga e parceira de crime desde jovens. Ela sempre seria minha irmã da vida, por nunca ter me abandonado, mesmo nos piores momentos. Mas ela não era a

mulher da minha vida, que me mostrou que mesmo sendo quebrados, nossos pequenos cacos, poderiam se juntar. Patrice me mostrou no tempo juntos, que sexo não era tudo, mas também, se transformava em outra coisa quando estávamos os dois entregues.

Abri a geladeira e peguei um dos bolos de chocolate que Patrice comprou um dia antes para tomarmos café da manhã, que segundo ela, era algo comum no Brasil. Sorri, cortando um pedaço e pegando o pedaço com as mãos. Saboreei o bolo e por um minuto apenas torci para que as coisas estivessem perfeitas entre nós, porém, não era bem daquela forma. A fala de Patrice ainda passava por minha mente, e tentei entender como fazê-la ver que não a via de tal forma. Ela não era só mais uma para mim.

Terminei de comer e voltei a geladeira, pegando uma garrafa de água gelada. Bebi praticamente inteira, sabendo que mesmo sendo forte para bebidas, precisava me reidratar. Deixei a garrafa vazia sobre a pia, e comecei a procurar a maleta de medicamentos que deixava em uma das grandes portas dos armários. Nunca fui um poço de organização, mas naqueles últimos dias, sequer prestei atenção na arrumação de meu apartamento.

Achei-a e peguei uma cartela de comprimidos para dor de cabeça, com toda certeza, Patrice acordaria de ressaca.

— Não precisa. — sua voz doce soou e me virei, vendo um sorriso fraco em seu rosto. — Minha cabeça não está doendo, por incrível que pareça. — avisou.

Dei de ombros e coloquei a cartela de remédios de volta no lugar. Patrice encostou-se contra a parede do corredor, e assim que guardei a caixa, apenas parei para olhá-la. Ela me encarava parecendo absorta em seus próprios pensamentos. Analisei-a por completo, desde o sorriso perdido no rosto até os pés descalços no chão.

— Podemos conversar? — perguntou, e notei que se sentia um pouco sem jeito a minha frente.

Parei, e pensei sobre o que poderia ser. Automaticamente pensei em Ruby e no que ela falou para Patrice. O mais correto seria lhe explicar o que realmente aconteceu entre eu e Ruby no passado.

— Se sinta, por favor. — pedi, vendo que de repente, a intimidade que tanto compartilhamos parecia ter se perdido.

Patrice assentiu e foi em direção ao sofá, encolhendo-se no maior deles. Fui até ela, e me sentei na poltrona a frente, dando-lhe o espaço necessário para absorver as informações.

— O que a tal Ruby disse ou deixou de dizer não me interessa, na verdade. — declarou, praticamente lendo meus pensamentos. — O que realmente me importa é o que está acontecendo entre a gente, Paul.

— Mesmo assim, acho importante te falar sobre Ruby. — comecei, e a encarei com pesar. — Tudo bem? — perguntei um pouco receoso, e felizmente, Patrice assentiu.

Nada melhor do que começar algo, deixando tudo claro. Patrice merecia saber a verdade.

— Eu achei que amava Ruby, na realidade me culpei por muito tempo por perdê-la. — confessei, e levei as mãos à cabeça, sentindo-me um completo imbecil. — A realidade é que busquei nela algo que sentia faltar em mim. Ela foi a mulher que me negou quando mais novo, e se tornou um desafio. Mesmo assim, não tínhamos um relacionamento. — declarei, lembrando-me da frase de Patrice, sentindo-me afundar. — Enfim, ela transava com outros caras, mas isso não me importava. Um dia, ela chegou no meu apartamento e me pegou com outra. — revelei, e olhei para Patrice, com medo de seu julgamento. — Ruby chorou e disse que me amava, e depois disso foi embora. Me apeguei aquele sentimento, porque sempre desejei ser amado por alguém, e quando consegui, a fiz me deixar. — sorri sem graça. — Parece um absurdo, eu sei. Ela voltou por agora, e aí, senti que teria uma segunda chance... Mas no meio disso tudo, você apareceu. — confessei, e os olhos verdes dela me encararam atentos. — Eu te desejei de um jeito que não sei explicar, e até agora, não sei ao certo. — falei sinceramente, e sorri de lado. — E aquele dia no escritório, fugi completamente do meu habitual. Eu nunca desfoquei do trabalho, mas você, me fez esquecer por completo onde estava. Aí, vi que precisava entender o que diabos aconteceu com Ruby e eu, e mais, o que sentia. Na conversa com Ruby descobri que nunca de fato a amei, era apenas a negação, o medo de nunca mais ser amado. Ainda mais, descobri que Ruby apenas fez tudo aquilo porque não lhe dei mais dinheiro. — sorri sem vontade. — Terminamos aquele assunto, e depois, recebi uma mensagem de Diana, sobre o jantar... — finalizei, e Patrice pareceu se perder diante de minhas palavras. — Isso é basicamente tudo o que aconteceu entre eu e Ruby. Nunca passou de uma ilusão. Uma mentira.

— E eu sou o que, Paul? — sua pergunta me pegou de surpresa. — Uma atração? Um desejo? — indagou, e notei sua fragilidade no mesmo instante.

Levantei-me, e me ajoelhei a sua frente, tocando de leve sua perna.

— Eu pensei que fosse só um desejo, até o momento em que não consegui me afastar de você. Quando de repente, nenhuma outra mulher me chamou atenção. Porque o seu sorriso me teve desde o começo, estrela. Você é sinceridade, em meio a tudo que mais resguardo. — seus olhos verdes me encaram emocionados. — Não esperava amor, porque nunca me senti merecedor disso. Mas você mudou qualquer conceito que tivesse. Estou apaixonado por você, estrela.

— Paul, eu...

— Não precisa dizer nada, só quero que me dê a chance de te conquistar. Quero que seja apenas minha, e eu serei, apenas seu. — pedi, deixando meu coração em suas mãos, entregando-lhe tudo o que mais temi durante tantos anos.

Mas era ela, tive certeza. Patrice iluminava meus dias, e faria de tudo, para que permanecesse como minha, caso me aceitasse.

Surpreendendo-me, pulou sobre mim, fazendo-me cair contra o tapete da sala, e senti beijos sendo depositados por todo meu rosto.

— Eu também estou completamente e irrevogavelmente apaixonada por você. — suas palavras me pegaram de surpresa. — Meu tom de azul favorito. — sorri de sua fala, e a puxei para um beijo.

Um beijo que me prendeu a ela como o primeiro. Um beijo que nos fez pertencer um ao outro, como devia ser, desde o princípio. Reafirmei naquele instante que fizera a escolha certa. Com ela, seguiria, até o fim.



Capítulo 15

“Cause I don't wanna lose you now
I'm lookin' right at the other half of me
The vacancy that sat in my heart
Is a space that now you hold.”^[26]

Olhei para Lia com pesar, assim que Diana deu um leve tchau e seguiu para embarcar. A todo momento, tentei parecer forte e fingir que nada me acontecera, porém, minha mente girava em torno do que não entendia. Troian simplesmente saiu do apartamento e não deixou nenhuma pista para onde iria. Falei com meus tios, e tentei a todo custo fazer contato com ele, mas nada. Nada além de uma mensagem curta e grossa. Ele fugira de mim no dia após o jantar para Diana. Já completava praticamente uma semana. Algo está errado.

— Ele deve estar bem, estrela. — a voz de Paul soou em meu ouvido e assenti, sem acreditar muito naquilo. — Ei, olha para mim!

Virei-me para ele, e mais uma vez, sua imensidão azul me atingiu.

— Ele já é um homem, e sabe se cuidar. A mensagem que ele te mandou deixou isso claro.

— Ele pediu para que não o incomodasse. — soltei exausta. — Quando virei um incomodo para ele? Ele é como um irmão para mim, Paul!

— Eu sei. — puxou-me para seus braços, nos quais, tentei evitar o mundo. — Me sinto da mesma forma ao ver Diana ir viajar sozinha, mesmo sabendo para onde vai. Imagino que deve doer demais, estrela.

— Ei, barbie. — Lia me chamou e a encarei, com claro pesar. — A gente sabe que tem um porquê de ele ter ido embora, mesmo que não tenha admitido. E mais, talvez, o que Troian precise é de tempo. Tempo para se

acostumar que existe outra pessoa na sua vida.

Suspirei fundo, sentindo-me culpada. Mesmo sabendo que nunca dei indício algum para Troian sobre um relacionamento amoroso, culpava-me por ele sentir algo “mais”. Mesmo que como minha melhor amiga falara, não admitira.

— Acho que precisamos descansar um pouco e quem sabe, jantar mais tarde. — Lia ofereceu.

— Eu só preciso de um tempo para digerir isso. Desculpem! — falei para eles e encarei Paul, que mantinha um leve sorriso no rosto.

Segui-os até o carro, e logo me despedi de Klaus e Lia. Entrei no carro com Paul, e me senti um pouco constrangida. Talvez ele pudesse estar interpretando minhas ações de forma errônea.

— Ei! — falei, após colocar o cinto, e Paul sair com o carro. — Sabe que só estou preocupada com Troian, não é? Que ele é como um irmão para mim.

— Eu sei, estrela. — sua voz rouca me atingiu, e notei que ele não mentia.

Depositou a mão direita minha coxa, e assim que paramos num sinal, ele me encarou.

— Também sei que não saberia o que fazer caso não fosse recíproco o que sinto por você. — confessou e suas palavras me atingiram em cheio. — Me sinto um homem de sorte só por te ter ao meu lado.

Absorvi suas palavras e tentei me manter inteira. Paul conseguia me juntar e despedaçar ao mesmo tempo. Nunca esperei, nem em mil vidas, que ele seria um homem romântico. Na realidade, teria que admitir, que ouvi-lo falar daquela maneira, me recordava em como o imaginava me abordando em alguma festa, quando jovens.

— Eu sonhava com isso, confesso. — falei, sem medo algum de admitir tal coisa. — Você era o cara bonitão das festas, o que todas as meninas desejavam como par. Quer dizer, todas menos as do fã clube de Klaus. — sorri de lado, lembrando-me daquilo. — O cara mais velho, com um ar de bad boy... Imaginei que eu seria a garota a transformar você em um príncipe.

Paul gargalhou junto a mim, e lembrei-me por completo de um velho diário, onde falava a respeito de como ele era bonito e o que faria no nosso primeiro beijo. Mal sabia eu, que só aconteceria, muitos anos depois.

— Acho que demorou um pouco mais do que imaginou. — falou,

claramente despreocupado. — Mas acredite em mim, estrela, nunca fui um homem romântico.

— Então existe outro nome para o que tem sido comigo. — provoquei, pois era a mais pura verdade. — Você tirou a minha maquiagem, Paul! Tem noção o quanto isso foi fofo?

— Só queria te deixar confortável. — falou com seu ar de menino.

— Isso, torna sua atitude, ainda mais bonita. Nunca esperei romantismo de ninguém, a não ser, claro, em livros. — confessei. — Você tem me trazido para experimentar uma verdadeira obra de romance.

— Não me coloque em tão alto patamar. — seu tom de deboche me fez sorrir. — Apenas quero te fazer feliz.

— Eu sei. E a cada dia, me apaixono um pouco mais por isso.

Paul sorriu, e me encarou rapidamente, aumentando o aperto em minha coxa. Com ele, os problemas pareciam se tornar apenas uma parte, pois de algum jeito, o mundo ficava em segundo plano quando estava ao seu lado. O difícil, era acordar daquela realidade que construímos juntos.



— Eu não faço ideia do que esteja acontecendo, June. — falei nervosa, descendo carro, e enfrentando uma chuvinha chata que caía. — O barman simplesmente me ligou do celular de Paul, e disse que era urgente. Só consigo pensar que ele está caído no meio da boate!

— *Ei, ei!* — *Lia tentou chamar minha atenção.*

Enquanto isso, estava tentando entrar naquela bendita boate.

— *Klaus e eu estamos indo para aí, ok?* — *sua voz soou preocupada.* — *Tenho certeza que Paul não faria qualquer besteira.*

— Como vamos saber? De repente, ele disse que ia resolver algo com Klaus, e agora, um barman me liga! — acusei, completamente furiosa. Finalmente, conseguia entrar naquele lugar. — Paul está me fazendo de idiota! Eu disse que não podia me apaixonar! Sabia que seria uma furada!

— *Calma!* — *Lia gritou do outro lado da linha.* — *Falou tudo em português e muito rápido!*

— É claro que estou falando rápido e em português. — refutei,

buscando chegar o mais rápido ao bar, que estava lotado de pessoas. — Eu sabia que isso não daria certo, June. Como me deixou fazer isso? Eu moro em outro país, e agora, estou apaixonada há poucos dias, e tenho que vir buscar o cara numa boate?! — falei, completamente inconformada.

Finalmente consegui localizar um dos barman e tentei me infiltrar entre as pessoas. Felizmente, uma mulher ruiva sentada no banco próximo, se levantou, e rapidamente, por ser pequena, consegui passar, e sentar no lugar.

— *Por Deus, calma!* — *Lia insistiu.* — *Onde você está?*

— Sentada na frente do bar dessa boate, esperando algum barman me dar atenção. — resmunguei. — Onde diabos Paul se meteu? Parece que só me meto em problemas. — reclamei.

— Dia de afogar as mágoas?

A voz rouca me atingiu em cheio, e olhei para o lado. Arregalei os olhos, ao finalmente reconhecer Paul, e fiquei inerte por alguns segundos.

— Que tipo de brincadeira é essa? — perguntei, e ele sorriu de lado.

— Com certeza, hoje não é o dia de ficar sozinho.

Paralisei diante de suas palavras, ao mesmo tempo em que ouvia a gargalhada de Lia do outro lado da linha.

— *Seja feliz, barbie.*

A ligação foi desfeita, e deixei o celular no bolso, ainda encarando Paul incrédula. Por que ele estava repetindo o que conversamos no nosso primeiro encontro ali... Espera! Olhei ao redor, e finalmente me localizei. Era a boate na qual nos vimos, e mais, o mesmo banco no qual ele se sentou e eu também.

— Mas...

— Um dia, uma moça de boca esperta tentou falar comigo. — começou, e preendi a respiração sem saber o que fazer. — Fui um idiota, mas logo, quando a vi dançar, fiquei encantado. Depois daquela noite, ela não saiu da minha mente.

— O que está fazendo, Paul? — perguntei, sem entender nada.

— Essa mesma moça, ou melhor, mulher. — corrigiu rapidamente, se levantando. — Acabou tomando meu coração para si.

Ele parou ao meu lado e tocou meu rosto com carinho, do mesmo jeito que sempre o fazia, deixando-me perdida com seu toque.

— Só que existe uma pergunta, a qual tem me atormentado um pouco, ainda mais, por saber que essa mulher, tem o lar tão longe de mim.

— Qual? — indaguei, sem saber o que esperar.

— O que temos tem pouco tempo, estrela. Eu sei que é tudo muito intenso e possa estar assustada. Mas eu não quero que volte para o Canadá sem a certeza de que é permanente em minha vida.

— Paul...

Ele sorriu de lado, tirando do bolso de trás da calça uma caixinha de veludo. Levei as mãos a boca, completamente chocada.

— Queria te fazer lembrar desse mesmo lugar sempre, já que foi aqui, que chamou toda minha atenção para si. — começou, e se ajoelhou de repente, fazendo com que aquele momento parasse. Ao menos, em minha mente. — Minha estrela... — respirou fundo e notei seu nervosismo. — Sei que o seu lugar é onde seu coração está, e com você, descobri que o meu te pertence... Quero que tenha direito a escolher, mas seja o que for, estarei por perto. Brasil, Canadá, Estados Unidos... Eu vou para onde você estiver. — arregalei os olhos, completamente surpresa. — Patrícia Oliveira, aceita ser minha namorada?

Lágrimas correram sobre minha face e não pude me conter, gritei um sonoro “sim” em português, sem sequer me importar com as pessoas ao redor. Paul se levantou e me puxou para seus braços, colocando a aliança com um pequeno solitário na cor rosa em meu dedo anelar direito. Sem querer mais pensar, o beijei, com todo amor que sentia, e sabendo, que aquele, era apenas o começo de nossa história.

Fim

Recadinho

Primeiro, agradeço de coração por ter acompanhado essa jornada de Patrice e Paul. Quem diria que eles acabariam juntos, não é? Um amor que nasceu em meio dos momentos menos prováveis. E como a própria Lia fala com Patrice, **teremos mais sobre o futuro de cada casal**, o qual ela escreverá (a autora não pode se aguentar e criou uma personagem escritora das próprias histórias rs). O próximo livro traz Troian e Diana como protagonistas: *Troian – entre a paixão e a liberdade*.

Em breve, aqui na amazon.

Não se esqueça de avaliar o livro, para que possa saber o que pensou, sentiu e o que Paul e Patrice estão passando para cada um. Isso ajuda com que outros leitores também conheçam a história.

E caso queira conhecer algum outro romance meu, eles estão todos disponíveis aqui: [ebooks](#).

Muito obrigada e espero que até a próxima!

Aline Pádua

Contatos da autora

[Wattpad](#) - [Facebook](#) - [Grupo](#) - [Página](#)
[E-mail](#) - [Site](#) - [Spotify](#)

Obrigada!

^[1] Trecho da canção intitulada Índios parte do álbum Dois da banda brasileira Legião Urbana.

^[2] “Me pegou como, ah, ah, ah, oh
Estou cansada de ser tocada como um violino
O que eu tenho que fazer para entrar em seu maldito coração?”
Love On The Brain – Rihanna

^[3] Passagem do livro Dear John (2007) escrito por Nicholas Sparks.

^[4] Trecho da canção intitulada Deixe-me Ir do artista brasileiro 1Kilo.

^[5] “Se sou um pagão dos bons tempos
Minha amante é a luz do sol
E para manter a deusa ao meu lado
Ela exige um sacrifício.”
Take Me To Church – Hozier

^[6] “Vi você entrar em um bar
Ele disse algo que te fez rir
Eu vi que seus sorrisos eram duas vezes maiores que os nossos
Sim, você parece mais feliz, você parece.”
Happier – Ed Sheeran

^[7] Frase pertence ao filme de drama e fantasia com direção de Lee Toland Krieger, .A
Incrível História de Adaline.

^[8] “Você devia tomar como um elogio
Que eu fiquei bêbada e debochei do seu jeito de falar
Você devia pensar na consequência
Do seu campo magnético ser um pouco forte demais.”
Gorgeous – Taylor Swift

^[9] “Eu sempre pensei que afundaria
Então eu nunca nadei
Eu nunca andei de barco
Não entendo como eles seguem flutuando
E às vezes eu sinto tanto medo
Do que eu não entendo.”
Malibu – Miley Cyrus

^[10] “Eu fico brava, amor acredite em mim
Eu poderia te amar fácil assim
Eu poderia te deixar tão rápido quanto.”
Issues – Julia Michaels

^[11] “Nós não podemos fazer
Nenhuma promessa agora, podemos, querido?
Mas você pode me fazer uma bebida (...)
Ah, caramba, nunca vi esse tom de azul
Apenas imagine as coisas divertidas que podemos fazer.”

Delicate – Taylor Swift

^[12] Trecho da canção intitulada Dona de Mim pertencente ao álbum de mesmo nome da artista brasileira Iza.

^[13] “Que fique claro

Se você se comportar bem, eu vou fazer com você

Como nunca fizeram

Não se engane.”

Veneno – Anitta

^[14] Adaptação da passagem do livro Dear John (2007) escrito por Nicholas Sparks.

^[15] “Algo deve ter dado errado no meu cérebro

Estou com toda a sua química nas minhas veias

Sentindo toda a alegria, sentindo toda a dor

Solte o volante, estamos na faixa de alta velocidade

Agora estou nervosa, não estou pensando direito

Ultrapassando todos os limites, você me intoxica.”

Never Be The Same – Camila Cabello

^[16] “Fique aí mesmo, afaste-se

Eu preciso de espaço, eu te disse ontem

Diminua o ritmo

Mas então eu vejo seu rosto

Podemos fazer isso amanhã?”

Jump – Julia Michaels feat. Trippie Redd

^[17] Trecho da canção intitulada Deixe-me Ir do artista brasileiro 1Kilo.

^[18] Trecho da canção intitulada Deixe-me Ir do artista brasileiro 1Kilo.

^[19] Trecho da canção intitulada Apaga a Luz parte do álbum Dois da banda brasileira Legião Urbana.

^[20] Passagem do livro The Wedding (2003) escrito por Nicholas Sparks.

^[21] “Passaram-se 24 horas, preciso de mais horas com você

Você passou o final de semana se vingando, ooh

Nós passamos as últimas noites tentando melhorar as coisas entre nós

Mas agora está tudo bem, querida

Enrole esse baseado, querida

E fique perto de mim.”

Girls like you – Maroon 5 feat. Cardi B.

^[22] Trecho da canção intitulada Apaga a Luz da artista brasileira Glória Groove.

^[23] “Nós temos a noite inteira para nos apaixonarmos

Mas, em um estalar de dedos, desmoronamos

Estamos quebrados

Estamos quebrados.”

Nothing Breaks Like a Heart – Miley Cyrus

^[24] “Eu não quero te tocar, eu não quero ser/Apenas outro antigo amor que você não quer ver/Eu não quero sentir sua falta (não quero sentir sua falta)/Como as outras garotas sentem/Eu não quero te machucar, eu só quero estar/Bebendo em uma praia com você o tempo todo comigo/Eu sei o que todos dizem (eu sei o que todos dizem)/Mas não estou tentando te enganar”. Trecho da canção

End Game pertencente à artista americana Taylor Swift feat. Ed Sheeran & Future.

^[25] “Amo o jeito que você é
É quem sou não preciso forçar
Nós sempre dizemos, dizemos isso como é
É a verdade, é que realmente sinto sua falta.”
Wish You Were Here – Avril Lavigne

^[26] “Porque eu não quero perder você agora
Estou olhando bem para a minha outra metade
O vazio que se instalou em meu coração
É um espaço que agora você guarda.”
Mirrors – Justin Timberlake

Table of Contents

[Sumário](#)
[Sinopse](#)
[Playlist](#)
[Prefácio](#)
[Prólogo](#)
[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Recadinho](#)
[Contatos da autora](#)